ALBERTO PIMENTEL

Seára em flor

VOLUME I

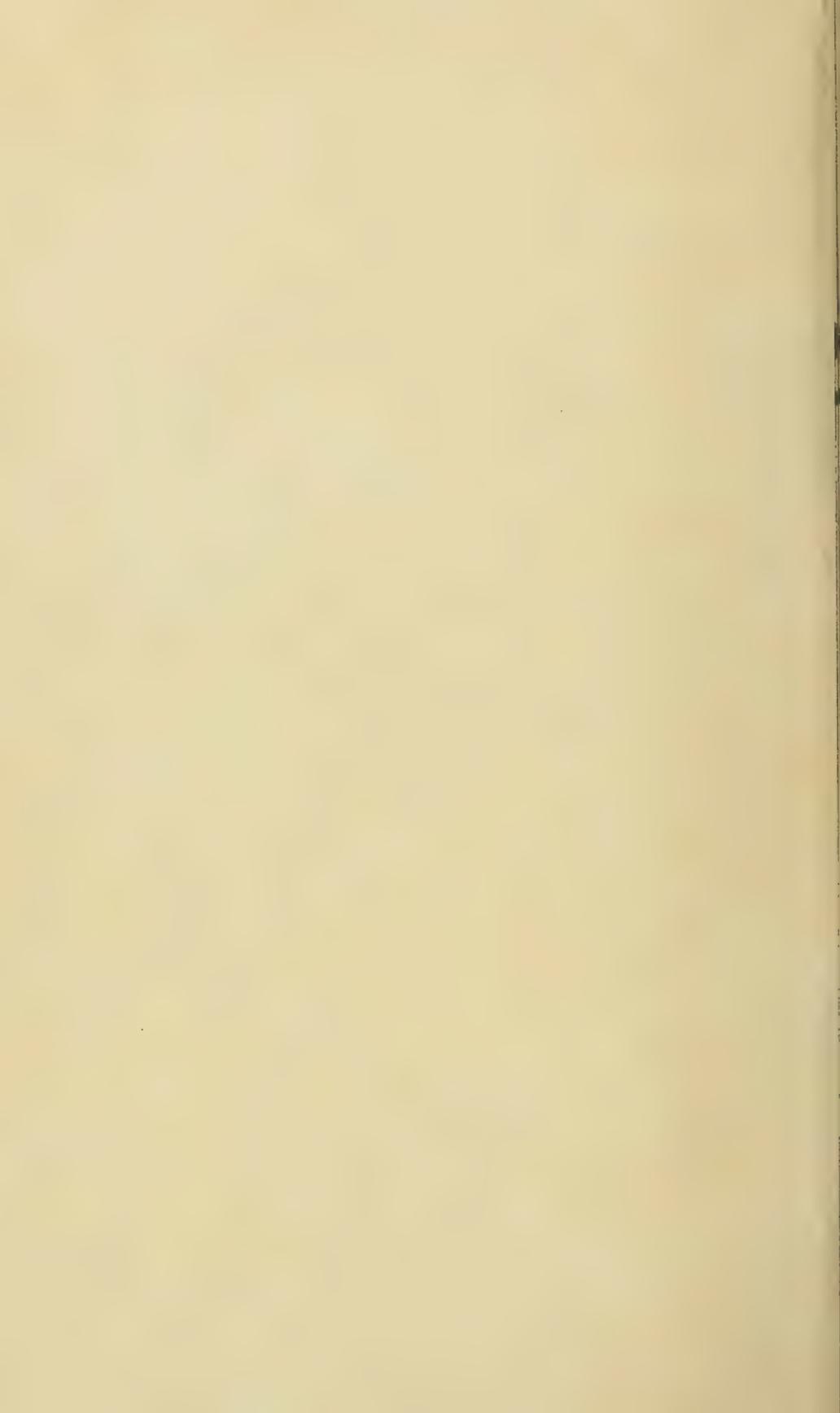
O verde da mocidade
pouco e leve tempo dura;
e aquella alegre verdura,
vista depois de outra idade,
já parece sombra escura.

D. Francisco Manuel—*Obras metricas.*

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1905

Seára em flôr

O Auctor em 1869

ALBERTO PIMENTEL

Seára em flor

VOLUME I

O verde da mocidade
pouco e leve tempo dura;
e aquella alegre verdura,
vista depois de outra idade,
já parece sombra escura.

D. FRANCISCO MANUEL — *Obras metricas.*

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1905

Á

TORRE DOS CLERIGOS

Arrojada bitola dos pensamentos altos e impulsos revolucionarios que por vezes agitam o cerebro e o coração do Porto, minha terra natal; balisa formidavel que de longe orientas os navegantes e indicas a cidade aos olhos saudosos que a procuram n'uma avidez nostalgica de patria; dominador campanario que durante vinte annos regeste a minha vida, florente de mocidade, com a tua voz resoante e solemne badalando lentamente as horas de cada dia: gigante de pedra que pela tua audaciosa altura me convidaste a subir á região dos sonhos e das chimeras, pela tua solida musculatura me aconselhaste a ser perseverante e firme, pela tua elegancia esculptural puzeste no meu espirito a primeira noção do poder do homem na expressão linear das concepções artisticas:

eu te offereço por gratidão este livro, que tu viste nascer outr'ora, e cobriste lá de cima com a tua longa sombra protectora, ó cinzento roble arborisado em granito, a cuja raiz labuta uma cidade activa, que me ensinou a trabalhar sem desfallecimentos nem intermittencias.

Lisboa — 1905.

PREFACIO

É esta uma segunda edição dos meus primeiros ensaios em prosa, agora reunidos sob um titulo commum.

Reuni-os e corrigi apenas uma ou outra phrase mais ingenua, cerceei na linguagem alguma aresta mais viva; mas não toquei na traça geral da composição, que era para mim sagrada, embora fosse defeituosa e inexperiente.

No desenho de uma obra litteraria reside, principalmente, a individualidade psychica do auctor. É toda a sua alma, n'um determinado momento biographico, é toda a sua physionomia

intellectual, frouxa ou pujante, saudavel ou rachitica, antiga ou moderna, que se retrata ali.

Esse desenho inspira respeito ao seu proprio auctor, que se vê reproduzido n'um espelho severo e que, para estimular-se e corrigir-se, a si mesmo se vai observando, como em photographias que assignalassem as differentes epocas da sua existencia.

N'isso não ha pôr mão reformadora; seria um desacato, quasi um sacrilegio.

Limpar a tela, sacudir-lhe o pó, desempastar as manchas do tempo não é alterar o dese-

nho, antes aclaral-o para que melhor se possa reconhecer na sua primitiva identidade.

Os quatro livros, que se fundiram n'este unico, representam para mim a madrugada da vida litteraria, a alegria de compôr, a pressa de publicar, a ancia de vencer. Elles não tiveram maior publico que o dos estudantes do meu tempo e da minha terra, dispostos ao favor da camaradagem e, portanto, ao applauso immerecido. Tão verdes e generosos como eu proprio, faltava-lhes a competencia para condemnar e, sobretudo, faltava-lhes a vontade de fazel-o.

Um ou outro julgador idoneo, a cujas mãos alguns d'esses livrinhos foram parar, preferira, deante das primicias de um novo, usar da longanimidade que fecha os olhos, não por os trazer vendados como a justiça implacavel, mas para absolver e dar estimulo.

Castilho e Camillo acolheram-me com paternal bondade; Julio Cesar Machado mandou-me carinhosas palavras; de Coimbra, os rapazes da *Folha* foram tão amoraveis para mim como os estudantes do Porto.

Adeus timidez de principiante; adeus medo

do publico, pavor da critica; metti-me denodadamente ao caminho, cantando, como os intrépidos camponezes minhôtos que não sabem trabalhar senão com uma canção a esvoaçar-lhes nos labios.

Foi bom? foi mau? Foi o destino. Sinto a consciencia lavada e o animo alegre. Amo o trabalho como uma fonte de consolações, que pagam bem os desgostos da profissão das lettras. Um odio pode sahir-me á estrada como salteador; deixo-o despejar o seu arcabuz e sigo na placida consciencia de que o não mereci.

Outro caminheiro abraça-me com bondade; agradeço-lhe a benevolencia e prosigo com igual placidez. Devo á natureza o favor de desconhecer a ambição, a inveja e a vingança; serena a alma, o trabalho não pesa, é mais uma canção do que uma cruz.

Frederico Laranjo, escrevendo a respeito de alguns dos meus primeiros livros, dizia que elles se faziam querer pelo « seu ar mocinho ».

A apreciação, comquanto indulgente, explica tudo o que n'esses livros póde haver de estimavel: a mocidade.

Pequenos volumes em 16, elles levavam a outros corações juvenis a flôr da primeira seára do meu espirito, a ingenuidade, o sentimento espontaneo, a imperícia inevitavel n'uma estreia, o contentamento de vêr florir a primavera sobre a messe que se cultivou afanosamente.

Estas palavras bastam a explicar o titulo que serve de traço de união aos quatro volumesinhos agora reimpressos.

Dál-os novamente ao prélo não é uma vaidade serôdia, mas apenas um como desejo de

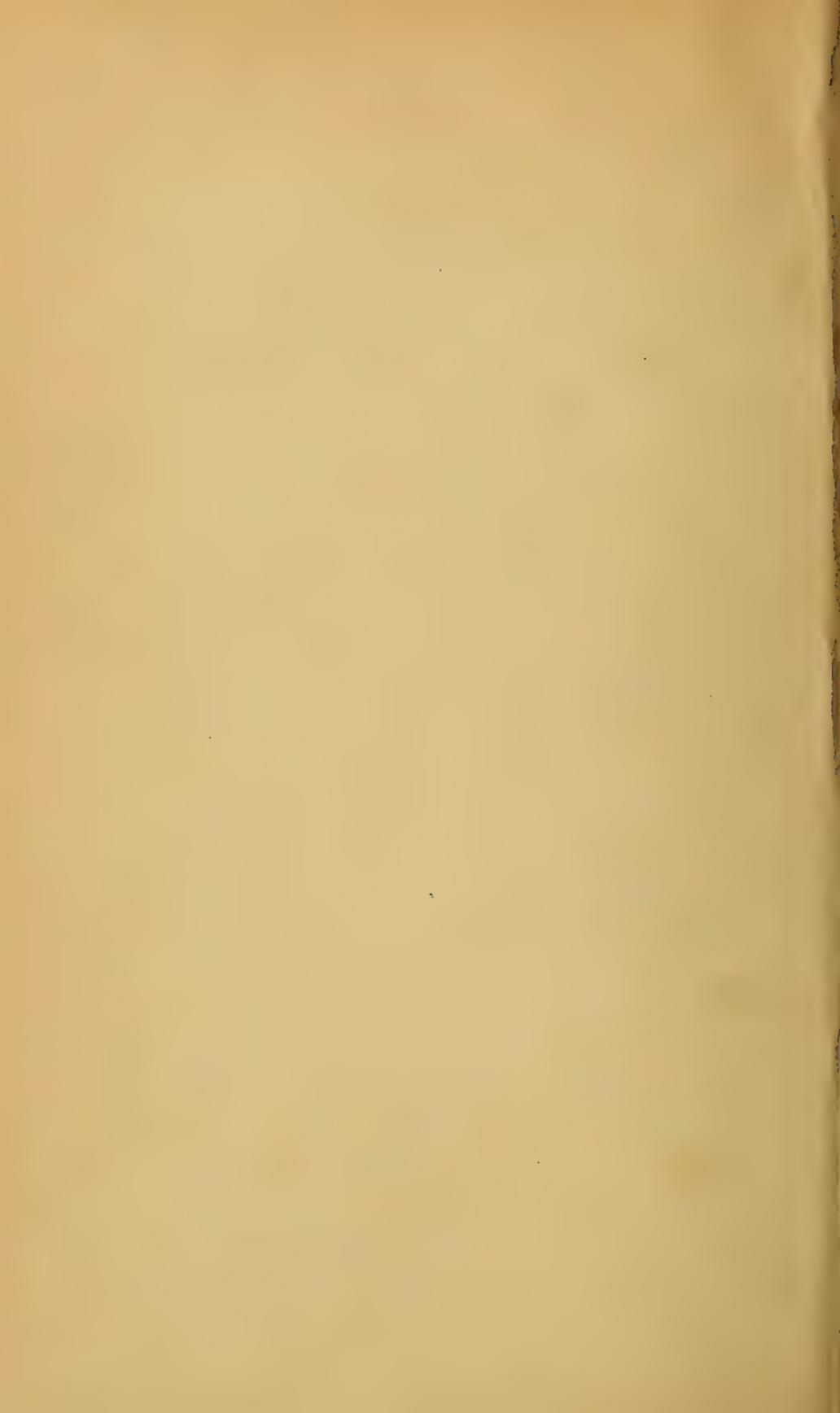
renascença, de regresso ao passado, que os velhos comprehendem muito bem, e os moços hão de comprehender algum dia. Lá adverte o *Apocalypse:* « Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez. » Sim, importa renascer, ao menos imaginariamente, para caminhar com firmeza e tranquillidade para o extremo cabo da vida. A saudade é um goso dulcificante, apenas obscurecido pela sombra que, no conceito de D. Francisco Manuel, empallidece as visões retrospectivas. Comtudo, essa mesma sombra é suave; não amedronta,

sómente convida a evocar o passado, para revivel-o.

É o que eu faço nos dois volumes da «Seára em flor».

E assim ficam plenamente justificados, creio eu, tanto a apparição d'esta obra como o titulo que lhe puz.

Lisboa,
Janeiro de 1905.

ALBERTO PIMENTEL.

Ricardina. Desejo que meu tio determine dia para o casamento...

— Sempre se realisa então, senhor morgado?

— Duvidas só as podia ter o padre Domingos, que é um espirito fraco e vacillante; — um homem que não derruba um ninho!

— São modos de vêr — replicou o capellão.

— Pois vá-me lá — continuou o morgado. — Vá-me lá. Diga a meu tio que não posso ir eu mesmo, porque esta barafunda que revolve toda a casa está pedindo o meu constante vigiar. Tome o seu café e vá.

— Irei, senhor morgado, irei — respondeu o padre, erguendo-se da mesa do jantar.

IV

Foi padre Domingos ao solar dos Noronhas desempenhar a missão de que o incumbira o morgado de Santa Eulalia. Foi e encontrou Ricardina sentada n'um dos bancos de pedra, que guarneciam o lago do jardim. Tinha a desditosa menina o rosto escondido entre as mãos e via-se-lhe arquejar o seio violentamente. Padre Domingos queria fallar-lhe e não ousava. Ricardina, porém, como ouvisse agitarem-se as folhas de uma roseira proxima, a que se tinha encostado o capellão, ergueu subitamente a cabeça. Deu com os olhos chorosos em padre Domingos e exclamou:

— Ainda bem que não é meu pae! Posso chorar á vontade...

— Chore, senhora D. Ricardina, chore, porque eu comprehendo as suas lagrimas...

Ricardina entreabriu os labios n'um instantaneo sorriso d'agradecimento e convidou o padre a sentar-se ao lado d'ella.

— A que vem, padre Domingos? Seja franco para commigo.

— Venho saber, por ordem do senhor morgado, qual é o dia marcado para o casamento. Venho, porém, com a dôr no coração, minha senhora. Diz-me uma voz interior que grandes desgraças vão cahir sobre o Paço de Santa Eulalia. Depois que entra por uma porta a ambição, sahe por outra a alegria: é o que está succedendo agora. V. exc.ª tinha direitos para gosar a felicidade, que sonhava o seu coração; e o pobre senhor Fernando Tavares não merecia tambem que o despenhassem tão do alto das suas esperanças...

— Tem-n'o visto, padre Domingos? — interrogou precipitadamente Ricardina.

— Vi-o e fallei-lhe, poucos dias ha. Pareceu-me verdadeiramente desgraçado...

— E é. Pobre Fernando! — murmurou Ricardina.
— E é. Meu pae postou criados de confiança a todas as portas. Não encontrou um no portão de entrada?

— Lá o vi, minha senhora.

— Lá devia estar a olhar com os cem olhos d'espião. Pessoa que não seja de Santa Eulalia, não entra. Deu motivo a esta vigilancia a apparição d'um mendigo que, ha dias, instou por fallar commigo tomando o pretexto de me pedir esmola.

— E esse mendigo era... ?

— Um homem que me trouxe uma carta de Fernando — disse Ricardina abaixando a voz. — Queimei-a, padre Domingos, depois de a lêr, de a reler, de a decorar. Se meu pae a visse, matal-o-ia. Oiça, meu padre, oiça. Dizia assim:

« Ricardina. Creio no teu amor como creio em Deus. Vejo-te de longe a luctar entre a prepotencia de teu pae e a ambição de teu primo e não te posso salvar, pomba querida, d'esse dilemma infernal com que te despedaçam o coração. Para onde quer que fugissemos, havia de correr atraz de nós a tyrannia, a perseguição, a crueldade; e haviamos d'ouvir por toda a parte os clamores da justiça, que nos seguiria de perto, provocada por teu pae... Depois o escarneo da sociedade cahiria sobre mim, porque tu és muito rica, muito opulenta, muito nobre, e todos veriam no meu amor — excepto tu, bem sei — a tentação que leva o homem a praticar um roubo. E depois as tuas lagrimas valem mais do que isso. Como tu não havias de chorar, quando ouvisses trovejarem-te nos ouvidos as primeiras palavras de maldição paterna! Não, Ricardina, não terás que chorar de remorsos. Tu ficas no Paço de Santa Eulalia, mimosa no leito de teu primo e bemquerida de todos. Eu vou-me por esse mundo além, fugido dos homens, a pedir á arvore mais copada da serra que estenda ao longo do caminho sete palmos de sombra onde me deixe dormir o somno eterno. Mas que somno atroz não será! Adormecerei no silencio da

morte, sentindo no coração as garras do ciume. E tu sabes o que é o ciume, Ricardina? É a perdição, o desespêro, a loucura. Emprestei ao morgado de Santa Eulalia, pouco ha, os *Ciumes do Bardo*, de Castilho. Quiz mostrar-lhe intencionalmente o que é o ciume, essa labareda infernal do coração. Ai do biltre, se não comprehendeu esse livro e mandou preparar de cambraia e rosas o leito que te aguarda na noite do noivado... Adeus, Ricardina. Vêr-nos-hemos no céo, se Deus sabe perdoar aos martyres do amor. Adeus.

FERNANDO.»

— Tremo por elle, senhora D. Ricardina — balbuciou o padre. — O final d'essa carta deixa entrever um doloroso estado d'excitação...

— Olá! padre Domingos, olá! — gritou de longe Sebastião Noronha, pae de Ricardina — Venha cá, homem. Não me gaste o tempo todo em cumprimentos á noiva. Deixe isso para depois.

Padre Domingos obedeceu á voz do fidalgo, apertando a mão de Ricardina e deixando fugir, muito a medo, estas palavras:

— Que Deus olhe por nós.

O que se passou entre Sebastião Noronha e padre Domingos, ninguem o ouviu. O que é certo é que o capellão do Paço de Santa Eulalia sahira triste e pronunciando distrahidamente, de momento a momento, estas palavras:

— D'aqui a trez dias, d'aqui a trez dias...

Entrou em casa e teve conferencia com o morgado. Depois veio para a janella do seu quarto esperar as andorinhas, com os olhos absortos nas chammas que principiavam a purpurear o occidente.

Pouco tempo tinha decorrido, ouviu padre Domingos um chilrear alacre de passarinhos, a distancia, que o fez estremecer e levantar subitamente a cabeça.

Eram ellas, as andorinhas, que chegavam em tropel. Tornavam alegres como um batalhão que volta da campanha. Iam ficando algumas pelos sitios seus conhecidos, quando viam ondular em baixo as comas das arvores suas amigas. Vinha aproximando-se a tumultuosa caravana e ao passar com à rapidez do vento pelo Paço de Santa Eulalia, duas andorinhas se apartaram, batendo as azas em direitura ao portão da quinta.

— São ellas! — murmurou o padre, gelado de medo.

E eram. Era o casal que voltava a procurar a sua habitação antiga. Quando as duas andorinhas deram pela falta do ninho, começaram a esvoaçar de um lado para outro, com o desespêro de quem vê aproximar-se a noite sem ter um tecto hospitaleiro que lhe dê guarida. Gastaram n'isto alguns momentos. Depois lá foram pelo céo fóra, á procura de qualquer abrigo provisorio, soltando uns pios doloridos.

— Bem disse eu — pronunciou padre Domingos de si para si. Desgraça certa. Bem disse eu.

V

Trez dias depois das scenas descriptas no anterior capitulo, celebrou-se na capella do Paço de Santa Eulalia, ao fim da tarde, o casamento do morgado com Ricardina.

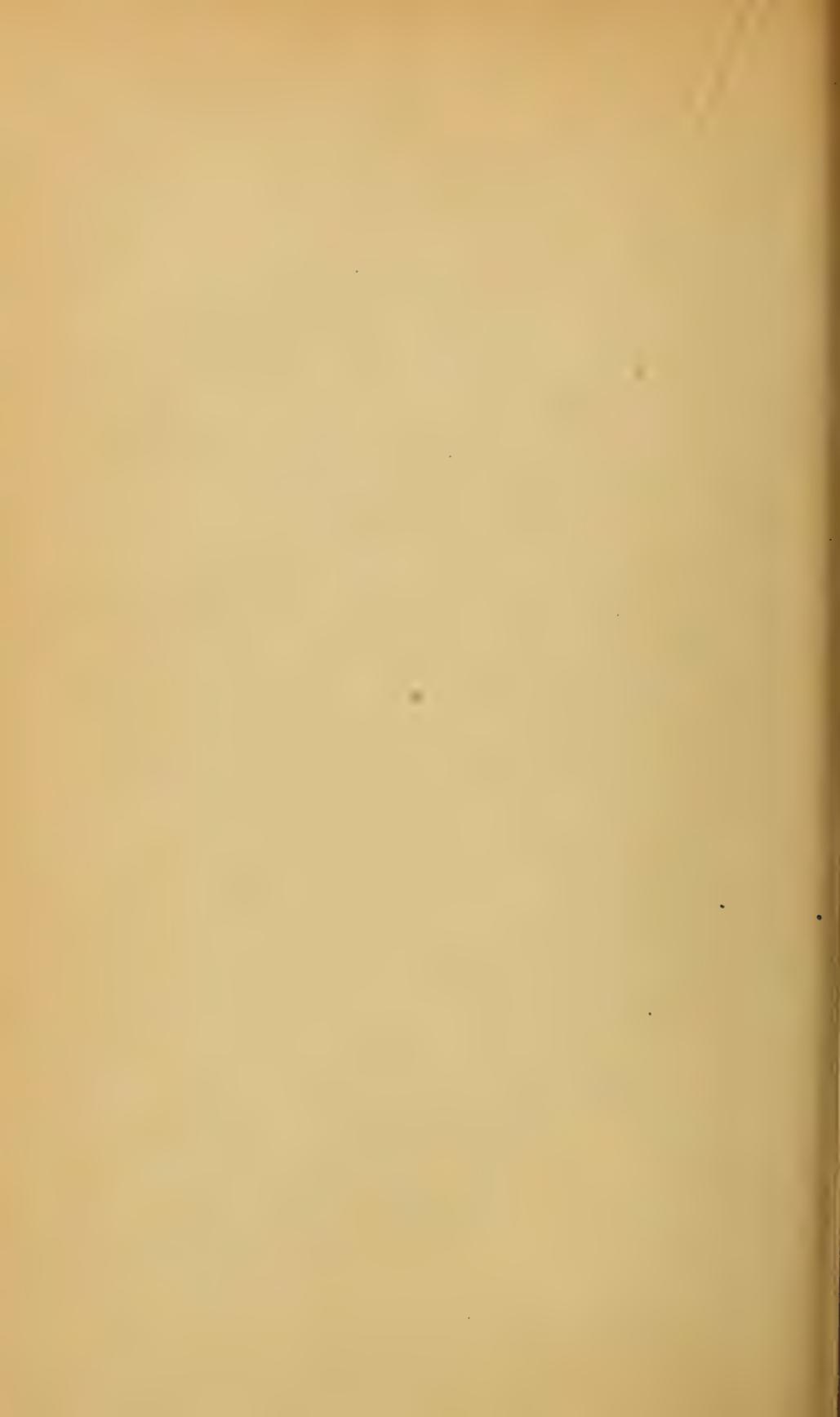
Concorreram á festa os mais nobres fidalgos de sete leguas em redor, e era muito para admirar o vêl-os apearem-se garbosos á porta do Paço, coalhada de camponezes. Celebrou-se o casamento, como disse, na capella da casa, cuja entrada era ladeada, da direita e da esquerda, por alas de criados e raparigas do campo. Quando a noiva sahia da capella, com os olhos embaciados de pranto, pelo braço do morgado, as pobres camponezas entornaram-lhe sobre o véo alvissimo uma chuva de flôres. Ricardina, ao sentil-as, pareceu despertar d'um longo somno para uma horrorosa realidade. Soltou um grito estridulo, e cahiu desmaiada nos muitos braços que se estenderam para amparal-a. Levaram-n'a á pressa para o leito e rodearam-n'a de cuidados. Passados momentos, Ricardina voltava a si e adormecia prostrada n'um marasmo profundissimo. As festas, interrompidas por este incidente, recomeçaram, e o morgado de Santa Eulalia veio debruçar-se n'uma das janellas do Paço para lisonjear os camponezes, que armavam danças no terreiro. Vinha subindo a lua, a esse tempo, de traz das arvores verdenegras da quinta.

Havia alguns momentos que o morgado estava á janella, quando estalou subitamente no ar a detonação d'um tiro; e logo se ouviu tambem um grito agudissimo. Era que o morgado tinha cahido, no pavimento da sala, ferido de morte. A turba dos camponezes invadiu de roldão a entrada do Paço e espraiou-se curiosa ao longo dos corredôres, em vez de procurar nas sombras da quinta o emboscado assassino. Na onda dos camponezes vinha um homem que não tinha assistido á festa: chamava-se Fernando Tavares.

O desventuroso moço, com o olhar chammejante e o cabello desgrenhado, correu precipitadamente todas as salas como á procura d'uma pessoa que ainda não tinha visto. A pessoa que Fernando Tavares procurava era o capellão da casa. Quando o viu, á entrada d'uma sala, soltou uma gargalhada sêcca, que era indicio claro de loucura e articulou estas palavras com desvairada rapidez:

— Matei-o, padre, matei-o.

— Deus meu! — exclamára o padre com os olhos rasos d'agua — Era certa a desgraça! Era certa a desgraça! Chegaram as andorinhas e o morgado tinha-lhes roubado o ninho...

Porto — Julho de 1869.

UM ANJO

A Margarida era, n'esse tempo, a flôr dos namorados d'aldeia.

Requestavam-n'a muitos, e só um tinha a preferencia; o escolhido era o Luiz de Travanca. Era e é. Hoje, oito annos depois do seu casamento, a Margarida, que ainda está uma fresca mocetona, ama-o com os extremos apaixonados de uma esposa carinhosa. O Luiz vi-o hontem. Está bem conservado.

Cuido que um beijo da mulher lhe basta para dissipar qualquer nuvem com que o horisonte se enturbe. Mas se lhe fallarem da filha, da Izabelita, que lhes morreu ha dois annos, o Luiz enternece-se a lagrimas e pede pelo amor Deus que lhe não fallem mais d'ella. A morte da pequena, minha afilhadinha, foi indubitavelmente o primeiro desgosto que entrára fundo n'aquelles extremosos corações de paes. Se foi! Os outros dissabores passam por elles e não deixam vestigio; este deixou-o de lagrimas.

Margarida era, pois, ha oito annos, como eu ia a dizer, o aijesu do logar. Os rapazes faziam-se encontrados com ella, á volta d'uma quelha, só para terem a felicidade de fallar-lhe.

E o caso é que ella se quedava de boa sombra a ouvil-os. Não havia moça mais palreira em toda a freguezia; mas tambem ainda se não viu rapariga mais fiel ao seu namorado.

Os rapazes tomavam-lhe o passo e fallavam-lhe; ella parava e ouvia-os.

Conversavam da romaria que estava proxima, do serão em casa de fulano, da esfolhada em casa de sicrano. Mas se alludiam ao abraço que lhe déra o Luiz, de Travanca, quando achou o *milho rei*, Margarida voltava-lhes as costas e despedia-se ligeira com o pretexto d'ir segar milhã ou lavar á prêsa.

Os pobres moços ficavam-se de cara ao lado, e pasmavam d'aquillo.

Um dia espalhou-se n'aldeia que a Margarida ia casar brevemente com o Luiz.

Os rapazes acreditaram e entristeceram-se.

Acertou, porém, de haver uma esfolhada por aquelles dias: a Margarida teve convite e acceitou-o. Lá appareceu ella com toda a sua alegria do costume.

Os serandeiros estavam receiosos de fallar-lhe; a Margarida, porém, desafiava-os á garrulice. Era isto n'um sabbado á noite. Depois da esfolhada, começou a dança em plena eira. A Margarida bailava loucamente; nunca a viram tão alegre,

Ao outro dia... leu-se na igreja o primeiro banho e d'ahi a um mez certo celebrou-se o casamento.

Como os noivos eram felizes!

Margarida fez-se mais trabalhadeira e não menos alegre; o Luiz revia-se n'ella e julgava-se o mais ditoso dos homens.

Nem eu sei que haja maior felicidade do que esta, este abraçar-se de duas almas irmãs, que vivem contentes uma da outra, que não se importam do mundo e... que até não sabem se o ha.

Como estou agora na aldeia, deixo-me convencer d'esta verdade: a felicidade acha-se em toda a parte.

Quantas existencias não deslisam suavemente n'esta vida socegadissima do campo!

Chega para viver aqui uma choupana; não é preciso mais.

Da jaqueta ao *frak*, vai um abysmo.

O camponez gasta exactissimamente aquillo de que precisa; não lhe chega o dinheiro para superfluidades. De que lhe serviriam umas abas de panno cosidas á ourella da jaqueta? Faziam-n'o gastar mais e estorvavam-n'o no trabalho.

A camisa não se engomma.

Para quê? Lava-se simplesmente. Na limpeza é que está o aceio do corpo e no aceio do corpo o respeito de nós mesmos. Isto satisfaz cabalmente.

A vida ociosa da cidade traz a necessidade d'um homem se divertir com alguma coisa, quando sahe a passeiar.

Com que se ha de, pois, distrahir um homem?

Leva a bengala na mão para florear com ella. Hoje leva-se a *badine*, que é uma especie d'esquírola extrahida da bengala...

O lavrador, quando sahe, leva comsigo a enxada; nada mais.

Se tem de se apegar n'uma ladeira, abordoa-se n'ella; se tem d'encarreirar uma agua que andava desviada da prêsa, rapidamente o pode fazer.

Duplicada commodidade a da enxada!

E acham que elles não vivem felizes?

Muitos dos lavradores d'aqui nunca foram ao Porto, e não lhes peza isso.

Se lá fossem, e vissem uns homens de luva côr de flôr d'alecrim, direitos como um cypreste, e de chapéo á *Benoiton*, mandavam dizer á familia que já lá tinha começado o carnaval e... que o não achavam grande coisa.

Por fim de contas o systema d'elles parece o unico racional.

Vamos, agora, em santa paz com lavradores e cidadãos, á nossa historia.

Uma filhinha, galante como poucas creanças, foi o complemento da felicidade conjugal de Luiz e Margarida.

Estonteavam d'alegria os ditosos paes.

— Uma mulher que não tem ainda filhos — dizia o Luiz — tem uma divida em aberto com o homem. Quando uma pessoa se casa, vai buscar familia; e onde não ha filhos, não ha familia.

D'aqui se pode inferir o contentamento do Luiz.

Por essa occasião cheguei á quinta de Villa Verde e fui convidado para padrinho da pequerrucha.

É de notar que n'isto me quiz fazer um obsequio o bom do Luiz; suppunha elle que ser padrinho da sua filhinha, que tão bonita nascera, seria um contentamento para qualquer.

Eis aqui ainda uma felicidade dos paes, que não deixa de fazer inveja.

Baptisou-se a pequena e chamou-se Izabel, em homenagem á avó materna, que foi madrinha e tinha o mesmo nome.

Crescia a creança e cresciam as graças com ella.

Diga-se a verdade.

Poucas creanças levavam as lampas, n'aldeia, á minha afilhadita. Até me julguei realmente obsequiado com o convite do Luiz, attenta a formosura da pequena.

No outono, quando eu chegava a Villa Verde, a rapariguinha surdia de qualquer parte a pedir-me a benção e a chamar-me *senhor padrinho.* Ha trez annos, porém, comecei a estranhar o amarellido doentio da Izabel, e vi que os paes se inquietavam tambem com isso.

Os olhos de Margarida e Luiz choraram as primeiras lagrimas de dôr, que d'alegria muitissimas tinham chorado já.

Regressei ao Porto e não soube mais da pequena.

No anno seguinte voltei a Villa Verde, e, como não visse a minha afilhada, perguntei por ella. Responderam-me com lagrimas.

A pequenita tinha morrido!

Faz uma pena saber que as creanças morrem! Quem ha ahi que resista d'olhos enxutos á impressão pungente de vêr desfeita no chão uma casinha de musgo ou folhas sêccas onde um pardalinho se tinha ido aninhar e que, momentos antes, adheria ao ramo de uma arvore da encosta?...

Pois o berço é tambem um ninho onde se implumam as aves do futuro; quando ellas morrem, fica vasio o berço e é como se se desfizesse a casinha verde d'um passarinho qualquer.

Pobres creancinhas! Quando morrem e passam para a igreja no seu caixãosinho vermelho, ficam dizendo as estrellas:

«Irmãsinhas, adeus! Quando a sombra d'um desgosto fazia noite no coração de vossas mães, ereis a unica estrella que lhes luzia na cerração interior. Agora morreis vós e quem sabe se nós morreremos breve... Um dia, se a mão poderosa do Senhor nos despegar d'este tecto de saphira, cahiremos na terra e converter-nos-hemos em lagrimas...»

E murmuram, ao mesmo tempo, as flôres do caminho:

«Pobresitas, adeus! Morreis como nós! A mão destruidora da morte roubou-vos ás caricias de vossa mãe, como o vento da tempestade nos rouba tambem á haste em que nascemos! Adeus, pobresitas!...»

E chilriam os passarinhos:

«Pobre irmãsinha! Ainda foste feliz! Morreste a cantar e não chegaste a conhecer as afflicções do

mundo. Se crescesses, haviam ellas de perseguir-te, como nos perseguem os homens, a nós, que lhes não fazemos mal nenhum! Vai em paz ao seio do Senhor. . . »

Morreu, pois, a Izabelinha; explicaram-me assim o caso da sua morte:

Certa manhã, chamou a pequenita pela mãe para lhe contar um sonho, que tivera de noite, dizia ella.

Acercaram-se a mãe e o pae e Izabelinha contou-lhes:

— Querem saber? Sonhei esta noite com a Senhora dos Remedios, que está no altar da igreja. E eu estava ao pé d'ella, cercada de lindos meninos, que me chamavam—sua irmã. E ouvia-se uma musica tão doce, que me fazia chorar d'alegria! Ah, minha mãe, como havia de gostar, se visse todos aquelles meninos a dançar ao redor da Senhora! E querem saber uma coisa? Eu tambem dancei com elles. Se o meu pae e a minha mãe vissem, admirar-se-iam até! Entrava o dia pela igreja dentro, quando eu de lá sahi. E Nossa Senhora viu-me sahir e chamou-me outra vez para dizer-me: — Vem cá, Izabelinha. Ó minha mãe, como é que Nossa Senhora sabe o nome de toda a gente?

— Eu sei lá, filha! — respondeu a pobre Margarida com os olhos brilhantes de lagrimas e o coração alanceado por um triste presentimento.

Luiz arquejava d'afflicção e inclinava-se todo sobre o leito da creança, como para ouvil-a melhor, e entender o sentido de todas as suas palavras.

Izabelinha continuou:

— Olhem que a Senhora disse-me que me vinha buscar esta noite, se eu quizesse ir com Ella para um logar encantador. E disse-me tambem que fosse colhêr açucenas, porque queria que eu levasse flôres, para ir muito bonita, e que vestisse a minha sainha côr de rosa, que a mãe me deu pelo Natal. E olhem que eu desejo vestir-me assim para fazer a vontade á Senhora... »

Foi um dia de lagrimas n'aquella casa. Margarida e Luiz sentaram-se á mesa do almoço com os olhos vidrados de pranto.

Encararam um no outro... e não puderam comer bocado.

A pequenita andava toda atarefada a colhêr as açucenas; os paes andavam a olhar para ella e nem podiam fallar.

Chegou a noite.

Izabelita estava aceiadinha como uma boneca!

E quiz dormir assim, a segurar cuidadosa n'um ramalhete d'açucenas, que tinha entre as mãos.

Luiz e Margarida velavam. Estiveram accordados até alta noite; depois, Luiz, querendo dominar com um esforço de homem um presentimento de pae, aconselhou Margarida:

— Vai deitar-te, mulher. Tu nunca ouviste dizer que os sonhos não valem nada? Olha a pequena como está a dormir descançada! E ouve-se-lhe a respiração tão bem! Vai deitar-te, anda.

Vendo que Margarida se deixava ainda ficar, tornou-lhe o homem:

— Anda lá, que eu tambem vou. A gente ás vezes tem scismas!... Anda lá...

E foram.

Sobre a madrugada, Margarida acordou afflicta; levantou-se do leito em sobresalto e foi vêr a filha.

Achou-a a dormir. Quiz beijal-a e, quando lhe tocou a face, recuou de golpe.

Estava fria!

Margarida abriu a janella, chamando em altas vozes pelos visinhos.

Quando o sol inundou a casa, Margarida conheceu que sua filha dormia para sempre e viu um rancho de borboletas brancas, que esvoaçavam sobre a pequena. As açucenas tinham emmurchecido.

Não sei descrever-lhes a dôr de Margarida e Luiz; os corações de mãe hão de, porém, comprehendel-a.

Quizeram os desventurados paes que a pequenita fosse a enterrar vestidinha como estava; e foi.

Mandaram ao carpinteiro fazer um caixãosinho de pau. O armador cobriu-o de panninho vermelho e guarneceu-o d'espiguilha doirada. Estava tudo tão bonito!

E a pobre Margarida a chorar, ao pé do caixãosinho da filha, e Luiz, do outro lado, a limpar as lagrimas ao canhão da jaqueta e a soluçar constantemente, faziam muito dó.

Quando anoiteceu, vieram quatro rapazinhos d'aldeia buscar a pequena.

A pobre mãe, coberta de lagrimas, rompeu n'este delirio:

— Oh! ide embora, ide embora! Quem vos ensinou a serdes maus e a roubar uma filha a sua mãe? Com que direito m'a levaes, meus meninos? Ide em paz e dizei a vossas mães que não sejam severas commigo, porque a mesma desgraça lhes póde succeder ámanhã. Eu nunca fiz mal a ninguem; nem tenho animo para isso. Deixai-me com a minha filhinha, meus meninos. Ella está fria, bem sei; mas os meus beijos hão de aquecel-a, vereis...

E depois, como cahisse prostrada nos braços de Luiz, roubaram-lhe a filhinha n'um momento.

Quinta de Villa Verde, 18 d'outubro de 1868.

DOIDA PELAS ROSAS

I

— Não sabe? A Nini vai casar.

— Quando? — respondi eu.

— Casa para maio, que é o mez das rosas.

— E não sabe mais nada?

— Mais nada.

— Até á vista.

— Adeus.

— Olhe — tornei eu, chamando o alviçareiro. — Se souber do dia marcado para o casamento, avise-me. Queria mandar á Nini um ramo de flôres.

— Fique certo. Adeus.

II

Nini era o diminutivo com que as pessoas mais intimas a costumavam chamar. O nome, que lhe puze-

*

ram na pia do baptismo, era Leopoldina. Tinha ella mais quatro annos do que eu. Quando comecei a affrontar as difficuldades grammaticaes do *D. João de Castro,* frequentava a Nini o collegio francez. Viamo-nos quasi todos os dias. Na primavera era quando eu mais gostava de vêl-a. Entrava a Nini para o collegio com o seu grande chapéo desabado, de palha de Italia, e o seu vestido de cassa branca com guarnições côr de rosa. O criado transportava na sacca de velludo carmezim a grammatica franceza e o *La Place,* e a Nini precedia o criado, quasi sempre acompanhada d'alguma menina do collegio que encontrava no caminho, mas tambem quasi sempre afadigada com um ramo de flôres que distribuia pelas condiscipulas e pelas mestras.

Era que a Nini tinha uma predilecção extrema pelas flôres, especialmente pelas rosas.

Muita vez lhe ouvi dizer:

— A rosa é a rainha das flôres.

A ideia não era nova, como sabem, porque já a poetisa de Lesbos tinha dito o mesmo, seiscentos annos antes de Christo.

Nini, porém, sabia dizer isto com uma tão maviosa inflexão de voz, tão natural e tão ingenuamente, que deliciava ouvil-a fallar da mais bolorenta velharia.

III

Nini tinha razão.

A rosa é inquestionavelmente a primeira das flôres. Não se sabe ainda bem a sua historia, mas crê-se que seria uma das flôres dos jardins de Semiramis; e está fóra de dúvida que os gregos a cultivaram, visto dizer Homero que eram côr de rosa os dedos da Aurora.

Os romanos coroavam de rosas as estatuas de Venus e Flora, e averiguou-se que os casquilhos de Roma costumavam offerecer ás suas namoradas as primeiras rosas que a primavera desabotoava.

Os turcos acreditam que o nascimento da rosa é devido a uma baga de suor de Mahomet, e conservam a tradição de ser a flor predilecta do rouxinol.

Os romanos juncavam as ruas com rosas nas festas publicas, costumavam tapetar com ellas os triclinios nos banquetes faustosos, e engrinaldavam d'estas flôres os cyathos a trasbordar de Phalerno, porque Baccho amava as flôres, como disse Ovidio.

A rosa tem sido sempre a flôr querida dos poetas e das mulheres. Virgilio diz-nos que a bôca de Venus era de rosas e que as faces de Lavinia tinham a mesma côr que os labios da deusa de Cythera. Sei que desde Virgilio até hoje os poetas teem abusado da rosa nas suas composições. Todavia o que fôr bello, embora seja commum, é sempre bello. O amor é de todos os dias e nem por isso deixa de merecer

menos apreço. Se a esposa de Luiz XIII, por uma notavel aberração nervosa, tinha pronunciada antipathia por esta flôr, regosijemo-nos de vêr a princeza Clotilde, irmã da rainha de Portugal, toda vestida de galas e enfeites côr de rosa, n'um dos bailes das Tulherias; postoque Alphonse Karr lamente o vêr adornada de rosas contrafeitas quem tão mimosas as tem nos alégretes da patria.

Vivere in rosa, dormire in rosa. É assim que se deve viver e dormir. O' Nini, quem sabe quantas vezes adormecerias tu confundindo os teus labios com as petalas de uma rosa?...

IV

Aos dezoito annos, Nini tornou-se scismadora. Ficava devaneiando á janella, todas as noites, com os olhos cravados no céo, como se estivesse lendo poemas ethereos n'aquelle infinito azul. Emquanto a noite não chegava, Leopoldina passeava no jardim, a namorar as suas rosas, se já tinham desabrochado, a trocar com as flôres palavras mysteriosas que ninguem mais entendia, porque sahiam dos labios d'ella em suspiros maviosos e vinham dos calices das flôres em perfumes suavissimos...

Leopoldina amava.

O coração materno é um ninho de pombas; é lá que se aprende a voar. Ninguem como Leopoldina tão estremecida pelas caricias de sua mãe, e n'essa escola d'amor aprendeu ella a bater as azas para onde quer

que a chamasse um sentimento sem macula. Além d'isso, o coração, aos dezoito annos, é como o rouxinol que prefere cantar nos valles onde lhe possa responder um ecco. O coração é como o rouxinol: quer ouvir e responder.

E Leopoldina ouvia tambem protestos calorosos que sabia pagar com doces juramentos.

Coração, tu és como o rouxinol. Tens harmonias, quando o amor te dá inspiração. És o rouxinol que nos cantas no seio poemas dulcissimos.

Absorve-te nos teus poemas, coração...

V

Era um bom coração e uma nobre intelligencia o Frederico; eis aqui por que Leopoldina o amava.

Frederico era filho natural d'um velho capitalista d'America, que o mandára a Portugal doutorar-se em leis.

Desembarcou o moço brazileiro em terras de Portugal, saudoso das auroras esplendidas dos tropicos, das sestas calmosas que dormira na rede, da natureza opulenta do novo continente, que era a sua patria, o seu berço. Frederico trazia o coração a trasbordar saudades da patria, da terra onde ficaram chorando por elle os olhos de sua mãe, olhos que lhe não deram nunca um raio de sol e d'esperança, de felicidade e d'amor, por isso que profundo mysterio envolvia o nome da mulher que lhe déra a vida.

Estava o moço em Portugal desamparado de affectos, que nunca tivera, longe das plagas da America e mal encaminhado para o futuro esplendido a que porventura chegaria, se alguem lhe désse esperanças e conforto e quizesse compartilhar das suas aspirações de gloria.

Foi então que Frederico viu e amou Leopoldina.

Como elle havia d'amar!

Já recolhestes no vosso lar por noite velha e tempestuosa o caminheiro exhausto a quem permittistes enxugar as vestes humidas ao rescaldo da fogueira?

Vistes a alegria com que elle se aproximou das chammas azuladas e côr de rosa que se levantavam da pedra do lar, em fórmas irregulares, crepitando suavemente? Ah! Então adivinhaes de certo com que intimos jubilos não buscaria Frederico o ineffavel conchego do primeiro seio que se abria para elle, o encanto irresistivel do primeiro sorriso que lhe davam, das primeiras palavras d'alegria que entravam na sua alma... Então comprehendeis de certo o amor de Frederico.

VI

Estava concluido o curso universitario. Tinham decorrido cinco annos d'estudo e de vigilias, consumidos na esperança de chegar a possuir uma carta de bacharel.

Leopoldina fôra o anjo da guarda em tão longo tempo; morria d'amores por ella o moço estudante.

Em toda a parte a via. Nas horas silenciosas do estudo, quando lhe entrava o reflexo saudoso da lua pela janella do quarto, via elle desenharem-se-lhe diante dos olhos os contornos vaporosos d'uma imagem phantastica que lhe parecia a de Leopoldina.

— Fada da noite — dizia elle de si para comsigo — desceste do azul ethereo e vens suspensa n'um raio da lua, enfeitiçar-me d'amores! Bem hajas tu, fada da noite!

Pelos sinceiraes do Mondego apparecia-lhe ella ás vezes n'uma nuvem de perfumes e harmonias, que subia até se perder nas alturas confundindo-se, aos olhos de Frederico, com o véo azulado que toldava o mundo inteiro.

Foi d'estes sonhos d'amor que elle vivera. Chegára, emfim, o momento de despertar de tão ineffaveis sonhos para uma realidade não menos venturosa.

A este tempo, porém, recebe Frederico uma carta do velho capitalista d'America que, ao sentir cerrar-se-lhe a noite do tumulo, chama á beira do leito o filho que deseja legitimar com a benção paterna.

Era preciso partir sem demora. Mas Leopoldina?

Não havia tempo para pensar, e o paquete estava a levantar ferro.

— Vai — disse Leopoldina a Frederico — vai assistir aos ultimos momentos do velhinho que é teu pae. Pede-lhe a sua benção para ti e... para mim. Não duvides de mim nem um instante, Frederico. A dúvida é o gêlo e o teu coração tem chammas. Já vês

que o não póde saltear a dúvida. Ama-me, Frederico, que eu fico-te esperando para o noivado. Ama-me.

VII

Pude vêr, depois do regresso de Frederico, o seu diario escripto desde o dia da partida até ao dia da chegada.

Copio ao acaso uma das muitas paginas do diario.

A bordo do *Extremadure*, ás 9 horas da noite.

«O mar é tamanho como a esperança do homem, Leopoldina. Nunca o mar descança nem o coração deixa d'esperar. Quando uma esperança se apaga, vem outra; quando uma vaga expira, outra rebenta. O homem lucta com a esperança como lucta com o mar. Ás vezes uma onda absorve o batel, mas outra onda o restitue á praia. Ai do homem que não tem forças para luctar! Tenho a esperança de que has de ser minha, Leopoldina. Se me não acalentasse esta esperança, entregava o meu corpo a uma vaga para que outra vaga restituisse o cadaver, ámanhã.»

Á meia noite.

«O relogio da camara bateu doze badaladas. Todavia parece-me que estou vivendo uma vida eterna.

«Dizem que o tempo é medido pela successão dos acontecimentos, o tempo finito, que principiou e ha

de acabar. No mar é tal a uniformidade dos acontecimentos, a regularidade dos movimentos, a monotonia dos horisontes, que nos chega a parecer o tempo immovel como a eternidade.

«Amanhecemos hontem no mar largo, cercados de montanhas d'espuma, descobrindo vastissimos horisontes. Hoje, quando rompeu a aurora, parecia estar o paquete no mesmo sitio e á vista dos mesmos horisontes, apesar da chaminé fumegar constantemente e de termos galgado uma boa porção de milhas.

«O tempo aqui parece-me sem fim e lá, ao pé de ti, Leopoldina, como as horas se escoam rapidas em sonhos d'amor e em devaneios de felicidade...

«Não te esqueças de mim, Leopoldina.»

VIII

Regressára Frederico depois d'uma ausencia d'um anno. Vi-o chegar.

Trazia a alegria no rosto e a felicidade no coração. Quando apertava a mão de Leopoldina, dir-se-ia que tinha enlouquecido de jubilo. O velho capitalista d'America, ao despedir-se do mundo, abraçou Frederico e abençoou de longe Leopoldina.

Foi no momento solemne do passamento que o moço bacharel ouviu pronunciar pela primeira vez o nome de sua mãe. Estava ainda viva. Era uma senhora brazileira que o velho capitalista desposou á hora da morte.

— Has de conhecel-a, Leopoldina — dizia Frederico — e verás que riqueza de sentimentos enthesoirada n'aquelle coração. Casaremos em maio, que é o mez das rosas, as flôres tuas dilectas. Partiremos depois.

— Pois sim, partiremos — respondia Leopoldina. — Viverei feliz onde tu estiveres. Quero abraçar tua mãe e mostrar-lhe que tu, longe d'ella, tiveste um seio amigo onde reclinasses a fronte. Partiremos, Frederico.

IX

Vai ha um anno. Na vespera da partida do paquete e vinte dias depois do casamento, entregava eu a Leopoldina um *bouquet* de rosas d'Alexandria.

— Ah! — disse ella, ao vêl-as — Não se esqueceu de mim. Obrigada, meu amigo, muito obrigada.

— Era justo, minha senhora — tornei eu. — Sei que a mulher conserva ainda as predilecções da creança.

— E conserval-as-hei sempre. Quando se é feliz, como eu sou, não ha motivo para esquecer as flôres. Obrigada, meu amigo, obrigada. Praza ao céo que seja muito feliz.

— Oiça-a Deus, minha senhora.

E depuz nas suas mãos delicadas o *bouquet* de rosas d'Alexandria.

Porto — junho de 1869.

MORRER A VALSAR

Estamos no solar dos fidalgos de Santo Adrião, em dia d'annos da morgada, senhora quarentona, que, á similhança de seu marido, passa n'este mundo sem deixar de si lembrança de meia duzia de bagatellas para uma historia qualquer. Não é, pois, d'estes fidalgos que nos vamos occupar.

Esplende o solar de Santo Adrião, *todo por dentro e fóra illuminado,* sobranceiro ás veigas extensissimas, que se lhe deitam aos pés e que a primavera de 1867 começa a inflorar alegremente. Pela porta envidraçada, que abre sobre o terraço, espreitemos para a sala do baile e deliciemos olhos e ouvidos no vertiginoso revolutear das valsas e nas ondulações da harmonia, que se espraiam ao longo da casa e vão murmurando festivamente por essas pradarias além.

Está alli, no solar de Santo Adrião, a flôr da fidalguia beiròa. São muito para admirar as gentis valsistas, que se requebram nos braços dos garbosos

morgados e passam no redemoinho da dança, toucadas de rosas e cobertas de perolas, que são as rosas do mar. Referve estrepitosa a valsa e, n'este momento, sahem para o terraço, de braço dado, conversando affavelmente, Affonso Briteiros e Jeronymo Valladares.

Escondamo-nos n'uma das sombras do terraço e prestemos ouvidos ao dialogo dos dois fidalgos beirões, dialogo que se me antolha interessante a julgar pelo espirito faceto d'estes dois cavalheiros da provincia.

— Queres um charuto, primo Briteiros? — disse Jeronymo Valladares, puxando da charuteira de madreperola e abrindo-a diante do outro.

— Sabes que não fumo, primo Valladares, e que sou persistente nos meus habitos. Agradeço mas não quero.

— Anda lá, homem, fuma. Uma noite de baile é uma noite de festa em que a gente deve despir a sua individualidade rotineira para remoçar por algumas horas n'este jardim de suavissimas fragrancias.

— Não quero, primo Valladares; positivamente não quero. Detesto o tabaco como detesto a valsa. Os pastores de Virgilio não fumavam e foi por isso que nenhum d'elles chegou a morrer... envenenado. Já houve um papa que lançou excommunhão a quem cheirasse tabaco nas igrejas e teve razão que farte. O uso do tabaco é um suicidio lento e seria crime imperdoavel o praticar-se em logar sagrado. Que de consequencias morbidas provenientes do uso do tabaco!

— Do uso, não, primo; do abuso. Eu fumo sobria-

mente e não me sinto prejudicado com isso. Pelo contrario. Acho que o uso do tabaco facilita consideravelmente o desenvolvimento da faculdade pensante.

— Queres dizer com isso que te sentes intellectualmente melhorado... Admiro a modestia, primo Valladares!

— Não *façcas espirito*. Tenho contra mim o fumar pouco, bem vês. Senta-te e conversemos placidamente. Temos aqui á nossa disposição estes graciosos canapés de cortiça, que aformosentam elegantemente o terraço.

— Conversemos. Estou aqui bem melhor do que na sala. A valsa tem para mim o unico merecimento de me fazer dormir. É uma semsaboria que detesto. Nunca pude comprehender a delicia proveniente da valsa, este doidejar pernicioso, que se não justifica de maneira alguma e que tem o cunho selvagem das bacchanaes romanas.

— Não é tanto assim. Eu gosto da valsa, d'esse febricitante ondular de borboletas, que se espanejam ao longo das salas no turbilhão veloz. Gosto de valsar, primo Briteiros. A nossa alma é como o oceano, que nas marés gigantes, se não tem extenssimos areaes por onde a bel-prazer se espreguice, investe arrogante contra as ribas escarpadas que se levantam aos ares diante d'elle. N'uma noite de festa parece que nos não cabe a alma dentro de nós: é o plenilunio do enthusiasmo, do delirio. Então é que o mar dos nossos sentimentos trasborda e precisa d'espraiar-se. O corpo cede á influencia da vertigem do espirito. N'esses mo-

mentos de suprema felicidade é que a valsa é um doidejar sublime, um alar-se a gente para outros mundos, um borboletear alegre nas ondulações da harmonia. Ha naturezas tão delicadamente sensiveis, que se deixam arrastar pela vertigem da valsa até ao supremo cançaço, ao desfallecimento, á morte. Lembra-me contar-te agora a historia lamentosa d'uma valsista estrangeira.

— Conta lá, primo Valladares. Quero ver até onde chega o excesso do romanticismo lá por fóra. N'estes abençoados reinos de Portugal sei eu que ha muitas imaginações derrancadas pela leitura perniciosa d'uns certos livros resaibados de sabor nocivo, que, actualmente, se dizem — romanticos. — Do estrangeiro sei pouco a este respeito e acolho de boa sombra os teus informes. Conta lá...

—O que tu deves querer saber, primo Briteiros, é até onde nos póde levar um temperamento perigoso. Deves saber isto, para que possas agradecer á Providencia uma fleugma inalteravel com que ella te quiz obsequiar. Ora ouve. Tu, primo Briteiros, que detestas as imaginações *romanticas* com uma pertinacia igual, n'este caso, á de D. Francisco Lobo, bispo de Vizeu, poderás comprehender o que será uma festa esplendorosa, onde as mulheres teem uma formosura etherea como os anjos e desmaiam na valsa até á pallidez marmorea das estatuas?

— Comprehenderei.

— Muito bem. Imagina agora, se pódes, uma d'essas mulheres formosissimas, que nós presentimos aproximar-se pelo fremito das saias e por uns olhares

curiosos que de todos os lados a esperam, como as andorinhas e os rouxinoes esperam a chegada festiva da primavera. Imagina-a ainda vestida de côr de rosa, para que mais possa enganar os rouxinoes e as andorinhas da sala: — os namorados e as *coquettes*.

«Arredonda-lhe o seio e vela-lh'o com rendas finissimas de Bruxellas até onde não permitte o pudor que os olhos alcancem. Sobre o relevo das rendas, que estremecem com o arquejar do seio, engasta delicadamente uma camelia de Constantino, tão perfeita e rescendente, que pudera enganar as borboletas... Do relevo para cima, deixa o collo a descoberto para que os olhos, namorados de tamanha alvura, possam adivinhar o que anda recatado na espuma das rendas, o *quod intrinsecus latet*, dos *Canticos* de Salomão.

«Polvilha finalmente as tranças doiradas com uma chuva de perolas, á similhança das nereidas, essas creações esplendidas da poesia pagã. Agora envolve esta imagem etherea n'uma nuvem de sons e perfumes e fal-a apparecer no salão, recamado de flôres e coberto d'espelhos, como o sol do estio que entra por uma floresta dentro, inundando-a de luz, d'alegria, de vida...

— Bellissimo! primo Valladares. Estou a pique de me enthusiasmar pelos romanticos e pelo romanticismo...

— Ouve, primo Affonso. A nossa concepção é verdadeiramente um mytho e reune á formosura etherea um temperamento delicadissimo. Dil-a-ias a sensitiva, que precisa de sol para viver. Abre, porém, o salão

de baile, n'uma noite de festa, desencadeia o vendaval da harmonia, descerra as urnas dos mil perfumes orientaes, enche a casa de lumes e flôres, e deixa-a depois espanejar-se, a ella, á nossa visão, como borboleta que brinca, doidejando, entre os alecrins do canteiro.

«A valsa para ella é a felicidade suprema, o antegosto d'outra vida. Se tivesse duas azas brancas com que pudesse subir a conversar com as estrellas, não voaria mais, de certo, nem mais ligeira, nem mais tentadora. É uma valsista infatigavel como poucas e formosa como nenhuma.

«Aqui tens, primo Affonso Briteiros, a nossa imagem, como eu a sonhei e tal qual devia de ser. Nota que estamos na Austria...

— Na Austria, primo Valladares! Não estava prevenido para a viagem e confesso que me sobresaltou a surpreza! Todavia, se as mulheres austriacas correspondem a esse ideal de belleza que tu sonhaste, vamonos lá nas muito boas horas, primo Jeronymo...

— É pois certo que estamos na Austria e n'um dos mais esplendidos bailes do mundo. Tem-se valsado perdidamente e interrompe-se agora a vertigem da dança, porque vai abrir-se a sala da ceia, uma sala deslumbrante onde parece dever servir-se o nectar dos banquetes olympicos. Referve nas taças doiradas o vinho generoso de Tokai. Reflecte-se nos mil crystaes da sala o brilho esplendoroso dos candelabros, que pendem dos florões do tecto em numero infinito.

«As mulheres chilream alegremente umas com as

outras e os moços namorados segredam mysteriosamente ao ouvido da sua dama palavras amorosas.

«Começam a levantar-se da mesa os primeiros convidados e ou voltam á sala do baile, ou descem pela escada tapetada até ao atrio onde os está esperando a carruagem.

«A nossa fada ia a retirar-se depois da ceia, pelo braço do esposo, quando eccoou de repente por toda a casa a musica voluptuosa d'uma valsa.

— Por que me não tinhas dito que era casada a heroina do teu conto, primo Valladares?

— Para quê? Dar-se-ia o caso de te haveres namorado d'esta visão seductora? Eis-te romantico, primo Briteiros, e o romanticismo aos trinta annos é uma molestia sem cura!

— Dize lá o resto.

— Continuarei. A nossa gentil valsista não pôde resistir á tentação da musica e, soltando-se da capa d'arminhos em que se envolvia, deixou-se cahir nos braços do cavalheiro, que a tinha convidado.

«Reaccendeu-se o enthusiasmo, o delirio, a loucura! As formosas austriacas, poisando os seus *bouquets* no marmore das mesas, atiravam-se, ebrias d'alegria, ao marulhar da valsa, como a um oceano revolto. No momento porém em que a musica attingia a maxima celeridade, sentira o cavalheiro pender-lhe mais languidamente nos braços a gentil valsista e, quando quiz continuar a acompanhar a vertigem da orchestra, tinha um cadaver abraçado. Vibrou em toda a sala um grito doloroso, que soltára o cavalheiro austriaco.

*

«Emmudeceu instantaneamente a tempestade sonora e affluiu á volta d'elle a gente que enchia o salão. Resta-me dizer-te agora que o esposo d'esta desventurosa dama, Teschenberg, director da *Gazeta de Vienna,* enlouquecera n'esse momento.

— Desçamos aos jardins, primo Valladares. A tua historia entristeceu-me e não me sinto com grande disposição de entrar na sala.

— Desçamos pois e fica de sobre-aviso para não zombares do romanticismo, quando te contarem historias como a da desventurosa esposa do director da *Gazeta de Vienna.*

— Pobre anjo, que morreu a valsar! — concluiu Affonso Briteiros.

Porto — julho de 1869.

NA VÉSPERA DE S. JOÃO

Ha uma noite no anno em que o relento põe virtude ao corpo: é na véspera de S. João. Ninguem, n'esta noite, se teme da viração, ninguem se arreceia do orvalho. Os velhos e as creanças não teem somno e dão-se as mãos amigavelmente. As raparigas sahem para a rua, porque as está namorando de fóra o clarão das fogueiras e porque é de tradição apanhar as orvalhadas da meia noite. Ninguem deixa de ser desenvolto, para que não pareça triste. É preciso ir saltar as fogueiras e colhêr as alcachofras. E depois é indispensavel que, ao bater da meia noite, vão as raparigas beber um gole d'agua á fonte encantada onde as está esperando o Santo; — fonte cujas aguas teem o brilho esplendoroso da prata como diz a tradição:

> S. João por vêr as moças
> Fez uma fonte de prata.

Estremece o coração de jubilo e de incerteza, n'esta noite. Qual será o namorado preferido pela sorte? Lá ficou, no peitoril da janella, o copo d'agua coalhado de bilhetinhos mysteriosos. Cada bilhetinho tem uma palavra; cada palavra é... um nome. Ao nascer do sol, ha de estar aberto um dos bilhetinhos: o nome que elle contiver, será o nome do esposo.

Ninguem se deita n'esta noite para que o somno o não prostre antes de repontar a aurora. Quem tem cuidados não dorme, e é preciso ir á janella recolher o copo d'agua, mal que o sol ande fóra...

Era tambem n'esta mesma noite. Para além da igreja d'aldeia, ha uma alameda copada.

A lua doirava as cimas do arvoredo e illuminava poeticamente o quadro. Os rapazes da aldeia tinham-se deitado na relva a tanger as suas violas e a cantar as trovas da noite. As raparigas, despeitadas talvez da indolencia dos namorados, bailavam de mãos dadas, cantando, á volta da laranjeira secular que determina o centro d'alameda.

— Vêde que vos cançaes — disse um camponez, dirigindo-se ás raparigas e fazendo parar a roda. — Tendes bailado toda a noite; d'aqui a pouco é sol nado.

— Bem hajamos — tornou-lhe uma. — Os rapazes da freguezia teem quebranto nos joelhos. Deu-lhes mofina damninha e não se levantam do chão. E' bailar, raparigas, é bailar.

E recomeçaram a dança interrompida por este

incidente, girando voltas vertiginosas em redor da laranjeira.

Eram dezoito as raparigas e todavia faltava no rancho Rosalia, a ramilheteira do sitio. Rosalia era uma creatura angelica. Tinha uns bonitos olhos castanhos e uns fartos cabellos negros. E depois sempre tão aceiadinha, sempre um lenço de cassa tão bem posto a recatar o seio turgido e virginal! Dava gosto vêl-a d'açafatinho no braço a vender flôres nos dias de festa, á porta da igreja, quando os rapazes do sitio queriam offerecer ramilhetes ás moças namoradas.

O pae de Rosalia tinha sido um trabalhador humilde, que vivera e morrera pobre, legando á filha um casebre ensombrado pelas trepadeiras e alguns palmos de terra, poucos eram, em redor do casebre. Fôra uma doença prolongada a do pobre trabalhador, e succedeu não haver um vintem em casa no dia em que rendeu a alma a Deus.

Rosalia enxugou as lagrimas que lhe cahiam a rodos, cobriu a cabeça com o seu lencinho preto e foi contrahir uma divida a fim de comprar a mortalha e o caixão para o enterro do pae.

No dia seguinte ao dos funeraes, Rosalia ficou a scismar no futuro e lembrou-se de que tinha uma divida sagrada. Em ultimo caso, poderia vender o casebre e pagal-a. Mas o casebre tinha-lhe sido berço e queria-lhe ella tanto que morreria na hora em que tivesse de vendel-o.

N'este momento entrára um raio de sol pela janella dentro; parecia uma inspiração! Vira Rosalia

espanejarem-se fóra, á luz do dia, algumas pobres flôres que tinha cultivado em derredor da choupana.

Viu-as e lembrou-se de que uma occasião a senhora morgada de Pedrouços lhe dera algumas pratinhas por um ramo de violetas. Fez-se luz na alma de Rosalia. Apegou-se com as flôres para que lhe protegessem a sua innocencia.

Ha mulheres que por ambiciosas precisam de muito ouro para ser felizes. Rosalia tinha sido educada na pobreza e não acalentava ambições. Emquanto outras desejavam sedas, Rosalia aspirava a pagar a sua divida e a ganhar o sufficiente para a alimentação quotidiana. Desde esse dia a pobre rapariga tornou-se ramilheteira.

Vendia flôres pelas casas nobres das freguezias mais proximas. As senhoras morgadas, quando viam assomar á porta a innocencia coberta de flôres, recebiam-n'a alegremente.

Parece-me que seriam felizes as raparigas desprotegidas que pudessem seguir o exemplo de Rosalia. Em Portugal não se estimam as flôres e não ha ramilheteiras. No estrangeiro — e já não quero fallar na Hollanda — criam-se sociedades tendentes a proteger a floricultura e ha mercados especiaes para flôres.

Em Londres enxameiam por toda a parte as *flower-girls*, mulheres que vendem ramilhetes, e é facil encontrar pelas ruas um carro de pau, cheio de vasos com plantas e puxado por um jumentinho. Além d'isto o *Palacio de crystal*, a *Royal society of horticulture*

e a *Royal Botanical society* estendem a sua protecção a todos os floricultores.

Em Pariz, no tempo em que Paulo de Kock escrevia aquelle bonito romance da *Jenny*, havia nada menos de trez mercados de flôres. Estava um perto do *Palais de Justice*, que se abria ás quartas feiras e aos sabbados e era frequentado pelas costureiritas pobres, pelos operarios e ainda pelos estudantes do bairro Latino. Havia outro ás segundas e quintas, no *Boulevard Saint-Martin*, defronte do *Chateau d'Eau*; e finalmente outro, ás terças feiras e aos sabbados, ao pé da igreja da Magdalena, que era o mercado da gente *fashionable*.

Eis aqui as flôres ao alcance d'uma algibeira burgueza, visto que «ellas, como diz Paulo de Kock, são o unico superfluo que os pobres se permittem comprar. Um superfluo que dá um momento de felicidade, poderia ter quasi o direito de passar por um necessario.»

Izabel, a ramilheteira do *Jockey-Club*, essa provê de flôres a aristocracia, apesar de não faltarem ellas por lá em qualquer parte que seja. Em Italia, sobretudo em Milão, é difficil que um viajante atravesse uma praça ou entre n'um *café*, sem que se veja cercado d'um enxame de raparigas que lhe offerecem ramilhetes. «Os ramos, escreve Julio C. Machado, não são notaveis nem pela abundancia nem pela variedade, mas são leves e bonitinhos.» É justamente como os eu quero.

Deixemos que os reis se troquem *bouquets* valio-

sissimos, como o que, ha pouco tempo ainda, offereceu o imperador da Russia á imperatriz Eugenia.

A ostentação é propria dos reis; deixemos a elles o avaliarem tudo pelo seu valor... real.

Aqui no Porto, onde tanto abundam as flôres, não ha ramilheteiras como eu disse e como todos sabem, a não ser pelo carnaval á porta do *Palacio de crystal*, que é só então que nos apparecem algumas rapariguitas a vender violetas n'uns açafatinhos de verga. Faz pena vêr engeitar com tanto desamor o que a natureza nos dá com tamanha abundancia, que chega a parecer prodigalidade!

Voltemo-nos, porém, á nossa pobre Rosalia, que já tem pago a sua divida e continua a vender ramilhetinhos.

Adoram-n'a os pintalegretes da aldeia; Rosalia nem dá por isso. O Joaquim da Portella foi um rapazito da sua educação, que embarcou para o Brazil aos quinze annos. Rosalia acostumou-se a vêl-o, e chorou muito quando o pobre rapaz sahiu d'aldeia com a sua troixinha á cabeça. Tinham passado oito annos depois da partida de Joaquim e o certo é que elle nunca se esquecera de escrever ao pae de Rosalia.

Depois que a rapariga ficou orphã, Joaquim escreveu apenas uma vez. Rosalia entristeceu-se com isto. Pensou porém maduramente sobre o caso e disse de si para comsigo:

—Ainda me estima. Mas como eu fiquei sósinha no mundo, não quer dar rebate á freguezia com a sua correspondencia. Não tem dúvida.

E entretanto a pobre rapariga lá ia moirejando na sua vida sempre a cuidar das flores, sempre bonita e alegre. Ultimamente, pelo S. João do anno passado, dizia-se na aldeia que Joaquim voltava, mas ninguem sabia ao certo quando chegaria.

Eis-nos outra vez na alameda. Vem rompendo o dia e Rosalia ainda não appareceu.

Anda colhendo flôres, porque o dia de S. João é um dia de festa e ella terá de vender innumeros ramilhetes. Levantou-se ainda de noite para trabalhar. As outras raparigas, que tinham posto os copos com os bilhetinhos no parapeito da fonte, ao fundo d'alameda, correm a abril-os e veem saltando e dizendo :

— Manoel, és o meu noivo!

— Antonio, venceste !

— Luiz, ganhaste tu !

E n'este comenos aproximava-se Rosalia com o seu açafatinho de flôres.

— Eu esqueci-me ! — apostrophou ella.

— Mas não me esqueci eu — tornou-lhe uma rapariga. — Deitei bilhetes por ti e esperava que chegasses para os ires tirar do copo por tua propria mão.

— Obrigada — respondeu Rosalia.

— Vamos vêr — accrescentaram as outras raparigas. E foram.

— Joaquim ! — gritaram vozes em côro — O bilhete diz Joaquim !

As raparigas deram-se as mãos e começaram a bailar á volta de Rosalia, pronunciando tumultuosamente:

— Joaquim !

— Joaquim!

Rosalia não pôde dominar a alegria que sentia e sorria-se para as outras com ineffavel doçura.

— Rosalia! — disse alguem de subito — Rosalia!

Era uma pequenita que a chamava.

— Que me queres?

— Está alli, á beira do caminho, um homem que vem de mando da senhora morgada não sei d'onde e que te quer comprar flôres.

— Esperai — disse Rosalia ás raparigas — esperai, que eu venho já.

D'ahi a nada ouviu-se um grito. A raparigada affluiu ao fundo d'alameda precipitadamente e, como se todas as vozes se conglobassem n'uma só, ouviu-se exclamar:

— Joaquim! É o Joaquim!

Era elle. Mal desembarcára, pôz-se a caminho para chegar á aldeia.

— Inda és o mesmo! — diz Rosalia.

— Mas parece um fidalgo! — accrescenta outra.

— O que tu não terás soffrido! — profere de novo Rosalia.

— Muito! — responde Joaquim — Muito! Esteve o navio quasi perdido. O vento era desabrido e o mar levantava-se em montanhas. Era ao fim da tarde. Apesar de ser tão bonito vêr pôr o sol, no mar, d'aquella vez não se lobrigava pedaço de céo. Uma rajada mais forte soou. O navio rangeu, nós estremecemos todos e o capitão, que era um homem animoso, descórou. Tinha-se quebrado um dos mastros... A tempestade con-

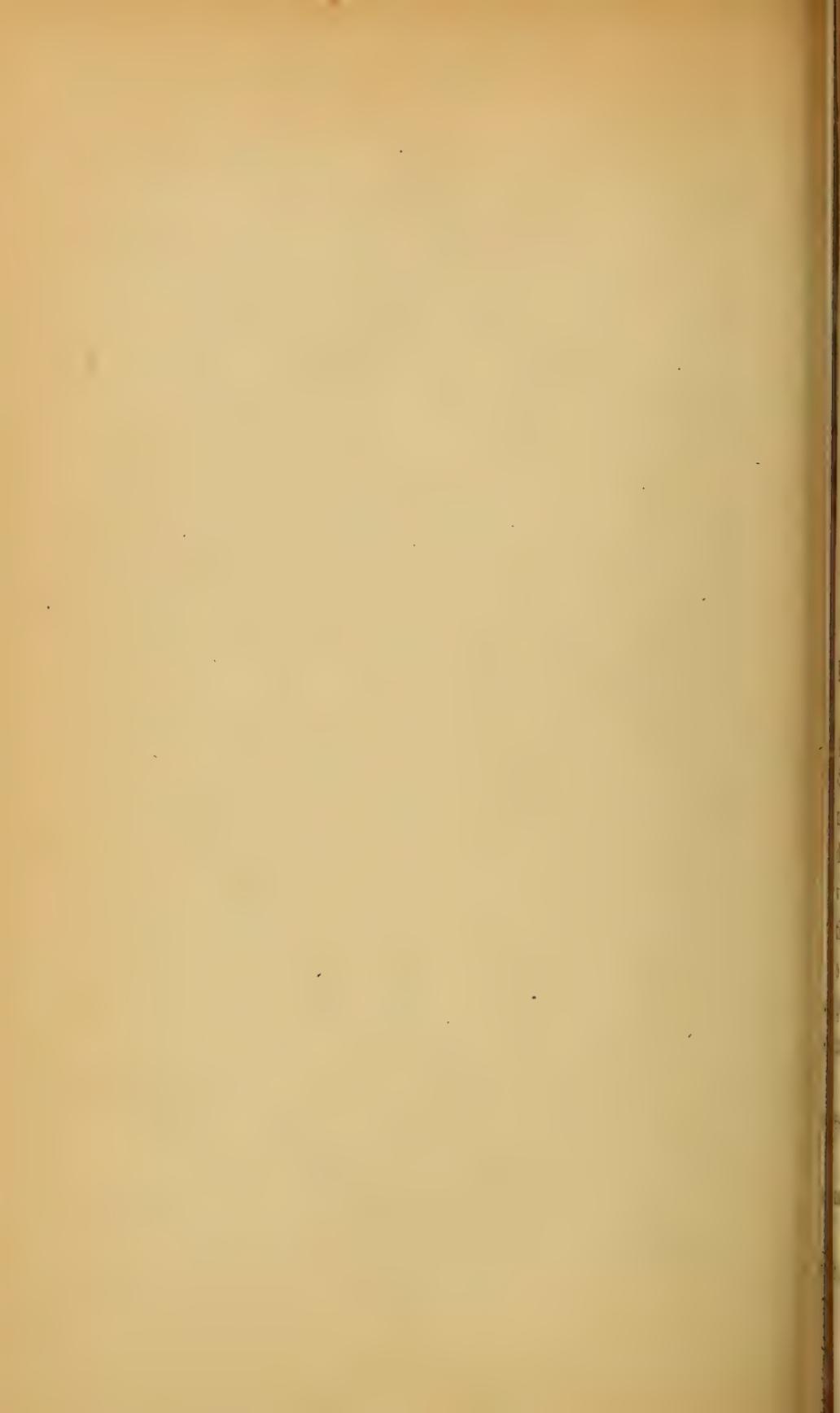
tinuava e nós contavamos morrer agarrados ás taboas do navio. Chamaram todos por Nossa Senhora e eu — que nossa Senhora me perdôe — chamei por ti, Rosalia! O certo é que pouco depois o mar foi serenando e as sombras fugindo. D'ahi a uma hora via-se a lua no céo e batia o reflexo nas aguas. Depois continuamos a viagem com felicidade e agora aqui estou, ao pé de ti, minha Rosalia...

— Para seres muito feliz, não é verdade? — interrogou ella — E já me ia esquecendo que me tinhas encommendado flôres! Olha Joaquim, como soubeste tu que a tua Rosalia era ramilheteira, se apenas me escreveste uma vez, depois da morte de meu pae e me não perguntavas nada? Porque me não escrevias?

— Não queria — respondeu elle, que a gente da freguezia te accusasse de receberes cartas amorosas. — Escrevi ao Luiz Rego a perguntar por ti e soube que vendias flôres. Respondi-lhe logo e disse-lhe que comprasse todas as semanas, em seu nome e por minha conta, uma boa porção de ramos...

— Ah! Eras tu que mandavas!... Eu scismava com a devoção do Luiz Rego, que enchia de ramos a igreja, todos os sabbados! Abençoado dinheiro! foi com elle que paguei a mortalha de meu pae. Agora é justo que não compres mais flôres; aqui tens este ramo.

— Quero-o com a tua mão — respondeu elle.

Porto — junho de 1869.

A FOLHA VERDE

Havia no pequeno quintal uma laranjeira copada por onde ia trepando a hera sempre verde.

Ao pé do tronco estava o banquinho de pedra em que se recostava ao fim da tarde aquella gentil mulher de cabellos negros. Quando o sol começava a inclinar-se para o mar e os barcos de pesca desciam placidamente a corrente do rio, quando os pescadores velhos, impossibilitados do trabalho, fumavam pensativos no seu cachimbo denegrido, alguem atravessava o areial, a passos largos, em direcção á porta verde que vedava a olhos profanos aquelle jardimsinho encantado.

A porta estremecia levemente ao entrar um vulto escondido pelo véo mysterioso da noite.

D'ahi a instantes chilreavam de manso os dois namorados ao pé da laranjeira...

Calava-se então o mar como para lhes não interromper o dialogo mavioso. Da parte do levante subia

a lua meio-velada por uma facha de pinheiros irregulares. Descahia a natureza inteira na suavissima morbidez d'uma noite estiva.

Era então que se trocavam protestos, que se renovavam sonhos de felicidade. Nada ha, n'este mundo d'invejas e ambições mesquinhas, que chegue a fazernos esquecer, no decurso da vida, esses dulcissimos devaneios d'um coração em flôr.

Permitta-se-me o recatar mysteriosamente os verdadeiros nomes dos dois personagens d'este drama dos vinte annos.

O nome é uma palavra e as palavras fogem na aza do vento...

Fallemos pois d'essas duas almas embriagadas na vertigem sublime do amor e vejamol-as a bater descuidosas as azas brancas pelo céo da felicidade, para as contemplarmos depois n'aquella separação a que obrigam as convenções da sociedade e que me quer parecer a suprema desventura d'este mundo.

Ha uma coisa peor que a indifferença: é a necessidade de se mostrar a gente indifferente.

Quer a sociedade levantar uma barreira de gelo entre duas almas que nasceram uma para a outra. E levanta-se a barreira... Ai! mas debaixo d'essa neve immensa referve suffocado o vulcão escandecente.

E se um dia se despega a massa enormissima do gelo, ai d'aquelle que tentar apagar as lavas que se arrojam para cima como em diluvio de fogo!

Não me digam que se deixa morrer assim o amor que nasceu hontem.

Não digam. Afivela-se a mascara da indifferença sobre o rosto, mas se a mascara nos cahe uma vez no tripudiar vertiginoso do carnaval perpetuo — a que se chama vida — vêem-se ainda nas faces os signaes das lagrimas que se choraram ha pouco...

E os dois namorados segredando amores debaixo da laranjeira...

Algumas vezes, porém, interrompia-se o mysterioso dialogo. N'essa occasião uma nuvem sombria velava a face da lua, e um presentimento de desgraça escurecia por momentos a melancolica alma do moço scismador.

— Que tens? — perguntava a carinhosa amante.

— Nada. Passou... Era uma nuvem negra que toldava o disco da lua...

Depois recomeçava o dialogo apaixonado como d'antes. Aquelle segredar dos dois era como que uma tempestade d'ideias a referver n'um mar de palavras.

— Se te amo! — dizia elle. Amo-te, sim. É por ti que eu desejo ser grande, é para ti que eu vivo, que eu trabalho, que eu estudo. Quizera ter os loiros da gloria para tapetar com elles o caminho que tu pizas. Oh! se te amo, luz eterna dos meus olhos, flôr perpetua da minha alma...

— Que Deus nos abençoe — murmurava ella. — Sim. Seremos felizes com as graças do céo. — E depois arrancando uma folha de hera, tornou vehemente: — Aqui tens esta folha. Quando ella seccar algum dia, o teu amor lhe dará nova seiva para que reverdeça logo. D'este modo será eternamente verde e

conservar-se-ha para sempre como o symbolo eterno do nosso tão puro amor.

— Ah! sim, dizia elle — recebendo a folha. — Deixa-me beijal-a, ó anjo, porque já teve a suprema felicidade de receber o calor dos teus dedos de fada. Deixa-me beijal-a, porque ha de ser para mim uma recordação preciosa, e Deus sabe se uma saudade... talvez.

E ao pronunciar a palavra — saudade — descahia-lhe a cabeça e cerrava os olhos como para não lêr o futuro no livro negro do Destino.

Depois... quando as estrellas desmaiavam no céo, fechava-se cautelosamente a porta verde do jardim.

Decorreram os dias uns após outros em sonhos de felicidade; era um viver de rosas que não podia durar muito.

Uma noite, ao fechar-se a porta do jardim, sonhára o moço namorado que se fechava atraz d'elle a porta do paraizo.

E realisou-se... o sonho.

Quando ia atravessando a praia, rompia a manhã e voltavam do mar algumas lanchas. Em uma d'ellas vinham os pescadores cantando.

De repente interrompeu-se o côro saudoso dos homens do mar, mas fôra breve a interrupção, porque romperam as vozes pouco depois n'esta lenda tristissima da praia;

Era uma noite de lua,
Das noites da beira mar.
Não ha noites mais saudosas,
Nem mais saudoso luar.

Diziam amor os astros
Doirando as ondas do mar.
— Amor — diziam as ondas,
Namoradas do luar.

Descobria-se na praia,
Como estatua erguida ao ar,
Um vulto em pé sobre as fragas
Embebecido a scismar...

Chamou a terra uma lancha,
Que de noite ia a pescar.
« Levai-me tambem, que eu pago,
Mas quero hoje ir ao mar. »

Decorreram-se momentos,
Fizera-se a lancha ao mar.
Os remos cortando a agua
E o vulto sempre a cantar.

Foi cantando toda a noite
Até morrer o luar.
Depois ergueu-se na prôa,
Deixou-se cahir ao mar...

Quedára o moço a escutar o canto dos pescadores e sentiu, n'esse momento, um braço de ferro a dilacerar-lhe o coração fibra a fibra.

E as lanchas vinham aproximando-se, e as vozes

accordes dos pescadores repetiam já perto de terra os dois ultimos versos da lenda:

> Depois ergueu-se na prôa,
> Deixou-se cahir ao mar.

Ao entardecer d'esse dia o mesmo vulto atravessava a praia. As filhas dos pescadores conheciam aquelle homem de passar por alli todas as tardes e, quando elle se aproximava, diziam baixinho umas ás outras:
— Olha! ahi vem o namorado...

A porta do jardim, porém, não se abriu n'essa noite... Era profundo o mysterio! Decorreram as horas, e o vulto permaneceu encostado á ombreira da porta, como se a mão de Satanaz o houvera chumbado alli.

A lua tinha rompido de traz do pinheiral linda como na vespera. Da parte de fóra do muro via-se sobresahir a laranjeira illuminada pelo reflexo saudoso do luar. E a porta não se abria... nem se abriu mais.

Eu não sei como o homem tira da fraqueza do barro a coragem precisa para resistir a magoas taes como esta!

Vêr desfazer-se o paraizo sonhado em tantas noites de felicidade, vêr desfolhar-se para sempre a grinalda florida dos vinte annos, e não ir pedir á morte o descanço eterno da materia que ella aniquila!

Abençoado o raio d'amor que nos suspende á beira do abysmo.

Esse homem... tinha mãe.

Bemdito mil vezes o coração materno, urna de balsamos para toda a ferida, cofre de thesoiros para toda a pobreza, sacrario de consolações para toda a desventura.

Bemdito o amor que não morre, bemdito o amor que não engana, bemdito o amor que não mente.

Ó coração de mãe, abre o teu seio ás lagrimas d'um filho e enxuga-lh'as no sudario do teu amor, que são muitas e muitas...

Havia n'uma aldeia um coração de mãe a chamar por esse homem desgraçado. Partiu emfim o moço desventuroso, dizendo adeus ao bulicio da cidade onde lhe ficavam para sempre a mocidade e a esperança, na tarde em que a mulher dos seus sonhos, diante do altar, estendia a outro homem a mão ainda quente do contacto da sua.

Que será partir para não voltar mais? — pergunto eu áquelles que andam chorando por longe e para sempre saudades de tudo o que lhes era mais caro. Os que nunca sahiram da beira do seu lar, de ao pé da sua esperança, esses, são tão felizes que nem chegam a comprehender tamanhas desventuras. E nos labios d'elle nem uma palavra d'azedume, nem uma queixa amarga, nem um rugido de vingança.

Todavia a folha de hera estava ... ainda verde!

Á hora saudosa em que costumava abrir-se a porta do jardim, partia elle, caminho d'aldeia, cheio o coração d'immensas amarguras.

Ficaram a choral-o os amigos intimos, como que

lamentando em commum a perda que era de todos elles.

Quando começaram a apparecer as primeiras arvores d'aldeia, então é que foi o despeitorar suspiros abafados e lagrimas represadas. Esperavam-n'o abertos, na casa onde nasceu, os braços de sua mãe. Ahi quiz Deus que se identificassem na mesma amargura aquelles dois corações, que se misturassem na mesma torrente as lagrimas da mãe e do filho.

Era um coração a chorar pranto de dois.

Entretanto a folha de hera estava ... ainda verde.

N'uma noite de lua debruçava-se o moço pensativo na janella do seu quarto sobranceira ao pomar. Tinha a carteira aberta e contemplava ao clarão saudoso do luar a folha verde que guardava como recordação eterna. Deu tento a mãe do longo scismar do filho. Entrou ao quarto despercebida e chegou á janella no momento em que uma sombra ligeira encobria a lua.

— Lagrimas, meu filho! — murmurou ella n'um tom doloroso.

— Já não é nada — respondeu elle. — Passou... Era uma nuvem que velava a lua...

Porto — março de 1869.

A LENDA DA BARCA

Não terão cabimento, n'este livrinho de prosas correntias, algumas paginas em verso? Por que não?

A *lenda da barca* é uma tradição que eu desejei *contar ao correr da penna* e que, encarada por este lado, não offende a indole dos esboços despretenciosos a que vem associada.

Quasi me não lembrava do publico, quando a compuz. Escrevi-a para o snr. Thomaz Ribeiro, a quem é offerecida, convencido de que havia d'encontrar ecco saudoso no coração do cantor do — *D. Jayme* — e da — *Delfina* — a historia do pobre barqueiro que se deixou morrer d'amores. Quiz o snr. Thomaz Ribeiro que me não enganasse. Adiante verá o leitor o canto mavioso com que o distincto poeta se dignou responder aos meus pobres versos.

Ahi vai pois a *lenda da barca* com as poucas palavras que a precederam, quando em abril d'este anno appareceu no *Jornal do Porto:*

« Fallaram-me dos amores desventurosos do barqueiro Ramiro n'umas paragens tristes do Douro. A velha tradição d'estes amores atravessou a barreira do tempo e com o decorrer dos annos revestiram-n'a de certo caracter lendario os camponezes do sitio, que ensinaram aos filhos a lição herdada dos paes. Existiria o barqueiro Ramiro ou não passará a tradição d'estes amores d'uma phantasia devida á penna obscura d'algum antigo bardo d'aquellas serras? Não sei. A ribeira e os rouxinoes, a que se allude na lenda, lá estão ainda e devem de estar como no tempo do barqueiro Ramiro: — a ribeira florida; os rouxinoes palreiros como d'antes. Que importa que não sejam os mesmos d'então?

No tempo de Ramiro cantavam uns que morreram já, é verdade. Esses, porém, ensinaram aos filhos o thema mavioso dos seus descantes nocturnos, e a tradição transmittiu-se de rouxinol para rouxinol. São outros os rouxinoes; os descantes os mesmos. Deve de acontecer com as aves o que succede com os homens: cada familia tem a sua tradição, assim como cada povo tem a sua historia.

Diz a lenda que os rouxinoes cantavam de saudade no tempo de Ramiro; ainda assim ó hoje. O thema e o estylo são os mesmos. Todavia o correr do tempo modifica a tradição popular de uma lenda qualquer n'um ou n'outro verso e ó de suppor que tenha corrompido n'uma ou n'outra nota a partitura legendaria dos rouxinoes.

Ainda lá está na ribeira a pedra lisa em que as

lavadeiras do sitio batem as suas roupinhas. Alli deveu Rosa lavar os seus bordados. E não fallar a pedra! O que ella não diria d'aquellas rendas alvissimas costumadas ao suave conchego d'um seio virginal!

Ramiro é o typo dos namorados desventurosos. Deixou-se o pobre moço entrar de fundas melancolias, quando olhou em si e lobrigou a sua barca a boiar nas aguas com a pobreza dentro... Que importava sentir-se bom e honrado e nobre? Tinha apenas de seu quatro taboas e dois remos. Isto era muito para elle e pouco... para o mundo. Cançou-se de sonhar venturas, que não pudera vêr realisadas e atirou com o fardo da vida ás aguas da corrente. Dar-lhe-ia lagrimas de saudade a sua Rosa? Não sei. Quero até que lh'as não désse, para se me affigurar maior o sacrificio.

Tentei aproveitar a *lenda da barca*, como lhe chamam n'aldeia. Vejo, porém, que não corresponde a obra aos meus desejos. V. exc.ª, que se digna acolherme com extrema benevolencia, animará ainda d'esta vez os meus justos receios.

Entro no palacio hospitaleiro de Parada de Gonta com a alegria do camponez que vai offerecer ao castellão um cabaz de flôres silvestres, embora os mais opulentos se riam da mesquinhez do presente. Vou alegre porque sei que hei de achar abertos os braços d'um mestre que me inspira a maxima dedicação.»

A LENDA DA BARCA

I

Lá baixo onde ha os salgueiros,
Quasi ao pé d'agua, depois
Que o sol transmonta os oiteiros,
Vem cantar uns rouxinoes.

Entretanto a lua rompe
E mostra o disco saudoso...
Ninguem lá os interrompe
No seu cantar mavioso.

D'entre as gentis lavadeiras
Não ha uma só que se affoite
A vir lavar nas ribeiras
Áquellas horas da noite.

Mal sóbe a lua, n'aldeia,
Ninguem se fica por fóra.
Já em casa espera a ceia,
Apenas chegar esta hora.

Só o barqueiro Ramiro
Ficou inda á beira d'agua.
Prende-o n'aquelle retiro
A sua perpetua magua...

Guardou cuidadoso os remos,
Prendeu a barca e depois
Sentou-se e disse : « Escutemos
As maguas dos rouxinoes. »

II

Vint'annos contava Rosa,
A mais gentil lavadeira,
— Talvez a mais cuidadosa —
Que lavava na ribeira.

Sempre na beira do rio
Cortava na vida alheia
O fallador mulherio
Reunido em assembleia.

Só Rosa não dava ouvidos
Por ser mais trabalhadeira.
Mal que apanhava os vestidos,
Era lavar com canceira.

Batendo a saia de folhos,
Ensaboando os bordados,
Muito a medo erguia os olhos. .
Pareciam na agua cravados.

Se ás vezes os levantava
Com seu olhar feiticeiro,
Sempre a miral-a encontrava
O namorado barqueiro.

Ella baixava-os córando
E então lavava e lavava...
Mas depois de quando em quando
Outra vez os levántava...

Vinha a noite, a lavadeira
Voltava a casa. Depois...
Enchiam toda a ribeira
As vozes dos rouxinoes.

III

Dize, Ramiro, o segredo
Do teu suspirar maguado.
Pois não vês erguer-se a medo
Aquelle olhar namorado?

— Olhar tão puro e tão santo!
Tão expressivo e tão doce! —
Onde viste igual encanto
N'um olhar d'anjo que fosse?...

Em que scismas longas horas
Na solidão da ribeira?
Sonhas talvez a deshoras
Vêr lavar a lavadeira?

Ou ficas d'olhos pregados
N'aquella pedra — um thesoiro! —
Onde firma os pés nevados,
Se lava no lavadoiro?

Os rouxinoes das ribeiras
Cantam bem ao desafio,
Mas ficar noites inteiras,
Só para os ouvir, ao frio!

IV

Sei no que pensas, Ramiro;
Não estranho a tua magua.
Cantai-lhe n'esse retiro,
Rouxinoes da beira d'agua...

Ai! se te ama a pobre Rosa!
Ama-te muito, bem vejo
Como, ao vêr-te, de medrosa
Lhe assoma o rubor do pejo.

És pobre, Ramiro, és pobre,
Arrostas o sol e o frio
Pela moeda de cobre,
Que te dá quem passa o rio.

E a lavadeira é formosa!
Qualquer lhe dará bem oiro
Para beijar — pobre Rosa!... —
Os seus cabellos côr d'oiro...

Sei no que pensas, Ramiro;
Não estranho a tua magua.
Cantai-lhe n'esse retiro,
Rouxinoes da beira d'agua.

Queres fugir á desgraça,
Que te espera qualquer dia...
Por isso a noite se passa
Na mesma melancolia.

V

Até que emfim resolveste
Não voltar ao teu retiro.
Veio a noite e não prendeste
A tua barca, Ramiro!

Rio abaixo vaes remando,
Sem que te cancem os braços!
Só páras de quando em quando
E fitas mudo os espaços...

Suspiram tristes as aguas,
Que leva o rio palreiro,
Como a juntar suas maguas
Ás tristezas do barqueiro...

Passou-se a noite; ao sėr dia
Um pescador da ribeira
Achou a barca vasia
Encalhada na pesqueira.

Que tu, Ramiro, deixasses
Á barca, — o teu companheiro!
O' barca, se tu fallasses,
Que dirias do barqueiro?...

Porto — março de 1869.

Dias depois da publicação d'esta *lenda*, escrevia-me o snr. Thomaz Ribeiro o que se segue:

«... Sabe? intristeceram-me aquelles versos porque eu posso tambem dizer:

— Amante fui triste e absorto
como Ramiro o barqueiro,
e achei-me afogado e morto
nas maguas do amor primeiro.

Á beira d'agua assentado
esp'rei como elle!... e depois?!..
passei noites enlevado
no canto dos rouxinoes!...

Depois disse á pôdre calma :
ahi tens meu corpo ! — ha quem remo ?...
— barca em que andava a minh'alma
emquanto o amor lhe foi leme ;

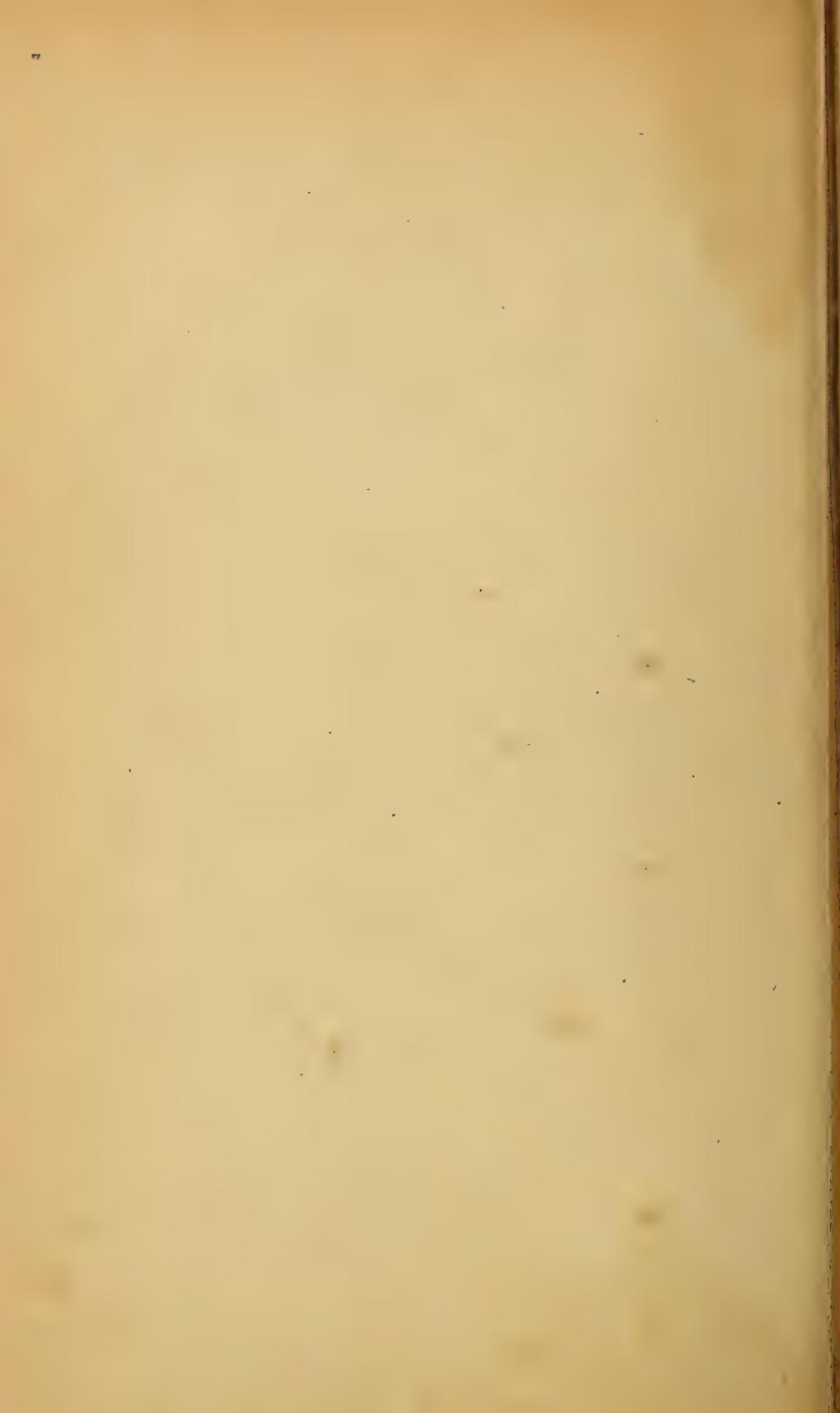
emquanto a esp'rança foi véla
e nas trevas do aguaceiro
a fé lhe mostrava a estrella !...
e hoje... barca sem remeiro !

. . . .

Sem presente e sem passado,
sobre o mar longe d'um porto
sou barco desarvorado :
pareço vivo e estou morto.

Meu presado amigo. Sahiu-me isso ao correr da penna, quando acabei de lèr os seus versos. Isso não presta e só o escrevi n'esta carta para lhe provar que a sua lenda me inspirou.»

D'aqui renovo os meus agradecimentos ao snr. Thomaz Ribeiro, contente por lhe ter suggerido a ideia de escrever tão suaves endeixas e por mostral-as aos leitores d'este livrinho, que verão n'ellas a unica coisa valiosa que se encontra em tudo isto.

Porto — julho de 1869.

AS DUAS FITAS

I

COR DE ROSA

Marmier, na introducção á — *Solitude* — de Zimmermann, escreve o seguinte: «Buffon, n'um dos seus melhores tratados, fez notar a acção diversa dos climas sobre a organisação physica e moral do homem. Um sabio e respeitavel escriptor, M. de Bonstetten, consagrou um livro inteiro ao mesmo assumpto.»

O certo é que Marmier inclina-se muito á opinião de Buffon e Bonstetten; e eu vou tambem d'accôrdo, n'este parecer, com o biographo de Zimmermann.

Estou n'aldeia, ha dois dias, n'uma aldeia solitaria das margens do Douro, defronte do convento de S. João de Alpendurada onde morreu aquelle desgraçado bispo do Gran-Pará, Frei João de S. Joseph de Queiroz. O snr. Camillo Castello Branco escreve, nas *Memorias* do bispo, com referencia ao convento de S. João de Alpendurada, o que se segue: «É aquelle

mosteiro triste, empinado n'uns rochedos que se debruçam sobre o Douro. É lá em cima no monte Arados, onde as neves hybernaes requeimam as raizes do bravio para que alli não floreçam os gestaes em abril, nem as tojeiras no dezembro se dourem com os seus festões amarellos.»

Não sei se o snr. Camillo já veio a S. João de Alpendurada ou se escreveu por informações; o que sei é que foi exacto na descripção.

Ora a aldeia em que estou, freguezia de Santo André de Sozello, resente-se da visinhança do monte Arados; quero dizer, é triste e solitaria como elle. O certo é que me fiz aldeão, cuido que por influencia do clima, que actuára subjectiva e objectivamente sobre a minha organisação moral e physiologica.

Para me não deixar, pois, entrar de tristezas proprias do sitio, fui-me hontem por brenhas e atalhos fóra a espairecer o espirito cançado da viagem. Cheguei insensivelmente a meio d'um cerro e rodeei a *Casa dos olivedos*, propriedade d'um rapaz que fôra meu condiscipulo em 1866. Sahiu-me da revolta do quinchoso o caseiro da quinta, de enxada ao hombro e chapéo na mão.

— Santas tardes, meu homem. Você é caseiro da quinta?

— Saiba V. S.ª que sim.

— Seu amo está em casa?

— Meu amo, senhor! Ha dois annos que não veio á quinta. Vive em Leça da Palmeira. Acho que é perto do Porto... O senhor deve saber onde fica. O

certo é que casou por lá e por lá vive, ha dois annos.

— Pois seu amo vive em Leça, ha dois annos, sem que eu o tenha visto, durante esse tempo, uma vez sequer! Com quem casou elle? Conte-me lá tudo o que sabe.

Ahi vai, pois, tudo o que me contou o caseiro de Rodrigo Sotto-Maior e o mais que eu sei a este respeito.

O estylo fragoeiro d'estas paginas deve claramente resentir-se do meu rusticar com a gente do campo, do perfume agreste dos mattos, e da visinhança do mosteiro de Alpendurada, solidão tristissima, onde agonisou o bispo do Gran-Pará.

— O senhor conheceu, por acaso, em Leça, a viuva do capitão Mathias? — interrogou o caseiro.

— Do capitão Mathias... — repizei eu — Conheci. Tinha uma filha rasoavelmente bonita, a quem nós, os banhistas de 1866, chamavamos *a menina do tope vermelho.*

— A menina de quê, senhor? — atalhou o caseiro com a palavra *tope* entalada nos gorgomilos.

— Do *tope vermelho,* homem. Chamavamos assim ao laço de fita, que ella usava no cabello com uma galanteria indisivel. Mas a que vem isso?

— Pois foi ella...

— A que casou com o Rodrigo? Ora essa! Pois o Rodrigo casou com *a menina do tope vermelho?*

*

— Ha de ser a mesma. Foi com a snr.ª D. Julia Mathias que o snr. Rodriguinho casou, ha dois annos. Esteve a banhos em 1866 e acho que só tomou os trez da igreja. Casou e não veio mais. É como diz a cantiga:

Quem'stá bem, deixa-se estar.

— E que sabe mais?

— Quasi nada. O que lhe posso dizer é que já teem um filho e que dizem que hão de vir á quinta na primavera... Então o senhor era amigo d'elle?

— Amigo! Amicissimo. Conheço-o desde 1866. Foi meu condiscipulo nas aulas e depois acompanhei-o, frequentes vezes, em Leça.

— Pois aqui está o que eu sei.

— Bem. Vou-me por aqui abaixo, surprehendido com a noticia. Já se vai fazendo tarde. Adeus.

— Adeus, meu senhor.

Desci por uns atalhos tortuosos até á estrada. Vinha a scismar na *menina do tope vermelho* e no casamento de Rodrigo Sotto-Maior, o meu condiscipulo de 1866.

No setembro d'esse anno a formosura da filha do capitão Mathias deu rebate aos mais galhardos banhistas de Leça. Distinguia-se a requestada senhora, entre o rancho das mais feiticeiras nereidas da praia, por um tope de fita vermelha, artisticamente pregado no cabello, como borboleta d'escarlata, que continuadamente estivesse osculando a trança d'ebano.

E depois tinha uma graça no andar, uma certa

elegancia no apanhar dos vestidos e, digamos tudo, uma desenvoltura, que lhe era natural e não chegava a ser licenciosa!

Estanceavam debaixo das janellas de Julia os pintalegretes da praia; era um constante arremetter de milhafres namoradiços á timida andorinha, que se esquivava ainda.

Uma tarde sahi eu a passeiar com Rodrigo Sotto-Maior. Assomamos á volta d'uma rua e vimos, n'uma janella, uma mulher negligentemente pensativa. O ruido dos nossos passos despertou a contemplativa senhora, que levantára a cabeça para vêr, indubitavelmente, quem commettia a indiscreção de lhe perturbar os poucos momentos livres de Narcisos importunos. Ao tempo que a visão da janella ergueu a cabeça, fizemos reparo na fita vermelha que lhe cingia a fronte. Não havia que duvidar. Era ella! Era ella, cujo nome circulava de bôca em bôca, porque nenhuma das banhistas de Leça tinha ousado ainda derrubar a realeza do *tope vermelho*, imitando Julia. Não havia que duvidar. Era alli a habitação encantada d'aquella mulher scismadora, que se deixava embalar nas harmonias tristes do mar.

Cobrira-nos Julia d'um olhar descuidado, mas de tal modo reprehensivo, que parecia acoimar-nos d'indiscretos. O certo, porém, é que Rodrigo Sotto-Maior estremeceu, como um cadaver impellido por uma pilha galvanica.

Dei tento da impressão de Rodrigo e não pude deixar de o apodar de namoradiço ridiculo, capaz de

correr parelhas com uns sujeitos que se andam narcisando pelas praias diante das ondinas que sahem do banho, entrajadas de baèta negra.

Pobres anjos! Nem eu sei para que as mulheres tomam banhos do mar. Pobres anjos! repetirei ainda. Antigamente os mais rispidos — e tambem os mais estupidos — paes de familia negavam ás filhas a instrucção elementar do *bastardo* e do *cursivo*, com receio de que as meninas, doutoradas em primeiras lettras, viessem, n'um dia, a sustentar correspondencias amorosas!

Isto era o mesmo que dizer ás pobres meninas:

«Minhas filhas: O coração está dependente de uma coisa que se chama o alphabeto; quem não souber o a-b-c não póde amar. É por meio da combinação das lettras que se escreve, formando palavras; mas com as palavras se fazem cartas e com as cartas se faz muita coisa má, — por exemplo: escrever! As cartas são uma especie d'abanador assoprando constantemente ao fogareiro do coração. Casai; mas casai por interesse e por calculo. Sède estupidas e contai o numero de vossos filhos pelos dedos.»

Isto era o que os paes de ha sessenta annos preleccionavam ás filhas analphabetas em vez de lhes dizerem categoricamente:

«Meninas: Prohibo expressamente que minhas filhas tomem banhos do mar. Arriscava-me a que vocês ficassem eternamente solteiras como Minerva. Sim, como Minerva. Lá diz o meu Virgilio: *Innupta Minerva.* Quer dizer: Minerva, que *costumava tomar*

banhos do mar todos os annos. É a traducção á lettra para um pae experiente. Mulher que toma banhos do mar não casa. É uma dôr do coração vêr-vos enfardeladas n'um sacco de baèta, com os cabellos empastados na cabeça, vergadas ao peso da saia humida, a tropeçar, a escabujar com as ondas, a arrastar-vos, emfim, como salamandras. Nada! Quem se sentir molestado do nervoso, faça uso de anti-hystericos e deixemo-nos de mar.»

Isto veio aqui por incidente. É que eu vi uma vez, em Leça, sahir do banho a *menina do tope vermelho,* e tive pena de que as prescripções da medicina fossem severas ao extremo de a despoetisarem, a ella, a elegante, a graciosa, a *coquette!*

Como eu ia a dizer, Rodrigo Sotto-Maior sentiu-se fulminado com o olhar de Julia.

Ha mulheres cujo olhar, por mais indolentemente vibrado que seja, tem o condão fatal de produzir uma impressão rapida mas profunda. O olhar de Julia era assim.

Peço licença para abrir um parenthesis: Não sei se já virão serodias algumas explicações sobre a pessoa de Rodrigo Sotto-Maior; todavia julgo que serão indispensaveis e vou dal-as.

Rodrigo Sotto-Maior era filho d'um dos mais dinheirosos proprietarios de Sinfães, que morrêra em 1865 apopleticamente, deixando o filho com vinte e quatro annos d'idade e com uma casa no valor de quasi outros tantos contos de reis. Fallecido o pae, veio o rapaz matricular-se nas aulas do Porto com o

proposito firme de não estudar nada. As aulas eram para elle um pretexto com que procurava desculpar a si mesmo os ocios d'uma vida livre e abastada. Ainda assim frequentava regularmente as aulas, com as algibeiras providas de charutos e esquecido dos compendios que não chegára a comprar. Este desamor ao estudo póde redundar, na opinião de muitos, em desabono da intelligencia de Rodrigo. Diga-se a verdade. Rodrigo Sotto-Maìor tinha larga capacidade intellectual apurada na leitura dos melhores livros, que lhe fornecia a casa Moré todos os mezes. Quando os livros lhe chegavam a Sinfães, o moço, sedento de novas leituras, lia-os, decorava-os; e quando já não tinha mais que lêr, esperava nova remessa, batendo as moitas, á pista de coelho, de clavina aperrada.

Lembra-me agora contar-lhes que indo eu um dia procurar Rodrigo, em Leça, pude surprehender sobre a mesa de trabalho um album intimo onde elle archivava os devaneios mais queridos do seu coração.

Rodrigo estava ainda recolhido, quando o procurei. Esperei, pois, na ante-camara e logo se me deparou o album aberto na pagina em que se liam os versos que eu, abusando da nossa velha amizade, publíco. Li-os e para logo fiquei namorado da singeleza suave da composição, que era indubitavelmente dirigida á *menina do tope vermelho.*

Como Rodrigo se demorasse o tempo preciso para eu não poder resistir á tentação de copiar os seus versos, copiei-os. Perdôa-me tu, nobre amigo, o ter devassado os mysterios do teu coração. Em nome dos

laços sagrados que nos prenderam e que ainda nos prendem, perdòa-me.

Diziam assim os versos:

CÔR DE ROSA

Ai! se me désses a fita
Com que prendes o toucado...
Côr de rosa! tão bonita!

Dá-me esse laço encarnado
Com que seguras a trança.
Foi bem escolhida a côr!
Verde significa esp'rança;
Roixo exprime auzencia e dôr.
Mas a fita côr de rosa
Diz tão bem no teu cabello!
Pois que a rosa em si resume
Quanto uma flôr tem de bello,
Côr, *linguagem*, perfume,
Sois irmãs! A mão bemdita
Do Senhor fez-te tão rica
D'aquella graça infinita,
Que se vê e não se explica!

Vós ambas tendes perfumes,
Ambas a mesma innocencia!
Escusaes de ter ciumes...
Não ha entre vós preferencia.

Foi a côr bem escolhida!
Mas se me désses a fita...
Deixando a trança cahida,
Talvez fosses mais bonita!

E eu faria d'ella algema,
Que mais a ti me prendesse...
Côr de rosa! tão bonita!
Quem não daria um poema,
Se tu lhe désses a fita?...

Dá-me esse laço — o diadema
Com que tu cinges a fronte,
— Corôa propria de rainha.
Pois se não tens uma ideia,
Que não seja tua e minha,
Não digas que te não peça
Essa fita côr de rosa,
Que te circumda a cabeça...

Dá-m'a. Sê boa e formosa.
Ai! se me désses a fita
Côr de rosa! tão bonita!

Os versos de Rodrigo nasceriam e morreriam na obscuridade, se os não tivesse offerecido á minha curiosidade um feliz acaso.

Conheci então que Rodrigo estava verdadeiramente namorado.

Feche-se agora o parenthesis.

No dia seguinte áquelle em que viramos Julia, encontramol-a de tarde casualmente, se não foi já prophecia do coração namorado de Rodrigo, na Ponte de Leça. N'um dos bancos, que se encostam ao parapeito da ponte, estanceavam meia duzia de *leões* empertigados, despedindo sobre Julia tão flammantes olhares, que ella teria morrido n'uma fogueira d'inquisição amorosa se os raios visuaes dos moços na-

moradiços não diminuissem a intensidade calorifica ao atravessar as lunetas sem grau.

Fizemos reparo nos *leões* e os *leões* fizeram reparo em nós, porque Julia dignára-se volver um olhar expressivo para Rodrigo Sotto-Maior.

— Queres ficar? — perguntei eu, dando tento do olhar de Julia.

— Não — respondeu sèccamente Rodrigo. — Ficar era ridiculo.

Atravessamos a ponte, ladeamos o monumento de Manoel Passos, e fomos sentar-nos n'um dos bancos que lhe ficam proximos.

O certo é que Julia havia-nos seguido com a vista e não desfitava Rodrigo, accendendo a indignação dos *leões* despeitados com tão evidente preferencia.

Quando Julia sahiu da ponte, Rodrigo Sotto-Maior não quiz seguil-a. Vimol-a desapparecer na extremidade opposta e vimos tambem desfilar pacificamente, em seguida a ella, a cohorte dos galanteadores officiosos.

Atravessamos a ponte, passado tempo.

Na esquina d'uma das cangostas tortuosas de Leça topamos os *leões* reunidos em assembleia geral. Viram-nos e fizeram-nos cerco, isto é, montearam-nos como a lobos damninhos. Choveu sobre Rodrigo Sotto-Maior uma alluvião de epigrammas, que se resentiam da ridiculez dos sujeitos que os dirigiam.

Rodrigo arrostou a pé firme as iras dos monteiros indignados e, quando pôde escapar-se dignamente da malha, segredou-me ao ouvido:

— Vamos d'aqui, que me sinto nauseado.

Na manhã seguinte, encontrei-me na praia, á hora do banho, com Rodrigo Sotto-Maior.

N'essa occasião sahia Julia do banho, e emquanto eu lamentava que a medicina obrigasse uma mulher bonita e elegante a parecer feia e cambaia, Rodrigo Sotto-Maior confiava á banheira n'uma folha de papel, fechada em *enveloppe*, as primeiras palavras do seu amor. Aguardamos a occasião em que Julia sahisse da barraca; vimol-a sahir e córar.

Ao ensejo de córar a *menina do tope vermelho* ajustam uns dizeres bonitos do snr. Mendes Leal: «Dirieis que o paniculo roseo da flôr da bromelia, despegada dos seus braços vegetaes, cahira sobre as petalas tegumentosas d'um cacto branco das selvas.»

N'essa noite — uma lindissima noite de luar — passamos, Rodrigo e eu, debaixo das janellas de Julia; ouvimol-a tocar piano. Escondemo-nos na sombra d'um muro e quedamos a ouvil-a. Os seus dedos deviam de correr vertiginosamente sobre as teclas do piano, porque as notas afloravam em turbilhão com a rapidez do relampago.

Ouvimol-a passar do *Hernani*, com uma velocidade electrica, para o *Roberto*, e do *Roberto* para o *Trovador*.

Pouco depois o piano emmudeceu. Vimos Julia aproximar-se da janella e descer a vidraça; cuido que Rodrigo lhe mandára um beijo n'um raio da lua.

A sala ficou por momentos ás escuras; pouco de-

pois, porém, uma claridade alegre se coou através dos vidros, reflectindo-se na rua.

Quem poderia duvidar de que Julia estivesse, n'esse instante, respondendo a Rodrigo?

Elle adivinhou-o e eu presenti-o.

Demoramos ainda meia hora a coberto do muro; depois fugiu a luz e a janella fechou-se de vez.

Ao outro dia faltei na praia, mas veio Rodrigo procurar-me e mostrar-me confidencialmente a resposta de Julia. Era apenas um bilhete, com quatro linhas, de calligraphia elegante e grammatica escorreita.

O jubilo interior de Rodrigo irradiava-lhe no semblante e resaltava-lhe dos olhos em chispas luminosas.

— És feliz, Rodrigo? — perguntei eu.

— Cala-te — atalhou-me elle violentamente. — Cala-te, que chego a ser egoista da minha felicidade.

Desde esse dia rarearam as visitas que Rodrigo Sotto-Maior me fazia; percebi o motivo que o impedia de procurar-me, e desculpei-o.

Decorrida uma semana, entrou Rodrigo uma manhã, em minha casa, de semblante demudado e com ares d'inquietação.

— Que tens tu, homem?

— Eu sei lá o que tenho! Tenho o inferno no coração. A viuva Mathias lobrigou as minhas relações com a filha e ameaçou-a d'entrar n'um recolhimento do Porto. Parece-me que não tornarei a fallar-lhe! E tu ainda me perguntas o que eu tenho! Tenho o inferno no coração, bem te disse eu. Fallava-me todas as noites da janella abaixo. Que bonita, meu amigo,

quando a lua lhe batia de frente! Que bonita! Adeus, adeus.

E desceu as escadas precipitadamente.

Fiquei d'espectativa alguns dias, findos os quaes Rodrigo me procurou de novo. Vinha completamente socegado e jovial.

— Serenou a tormenta, meu amigo — disse-me elle. — *Post tenebras sol lucet.* Logramos engodar a perspicacia da viuva Mathias. Fallamos todas as noites no quintal. Mal sabes tu o que eu passo para fallar-lhe. Tenho de me engalfinhar n'uma cancella, de saltar um muro e de me esconder depois n'uns pardieiros, que te fariam estremecer de horror, se os visses. Queres tu vêr? — E foi abrindo a carteira. — Queres tu vêr? Sabes o que isto é?

— *Isso é o tope vermelho!* — acudi eu simulando surpreza — *Isso é o tope vermelho!*

— Tal qual. É o *tope vermelho* de Julia. Quiz possuil-o; e obtive-o. É elle... o *tope vermelho.*

E Rodrigo dizia isto beijando-o sofregamente.

— Fizeste mal em pedir-lh'o, Rodrigo. Usurpastelhe, privando-a d'esse laço, a corôa da realeza. Foi egoismo da tua parte.

— Não ha tal! Julia não precisa de pedir á *toilette* o esplendor com que deslumbra. O seu prestigio está na sua belleza; é d'ella, como eu sou. Este laço é uma recordação, uma lembrança, uma saudade talvez. É meu! Felizmente posso chamar-lhe meu! Adeus. São horas d'ir fallar com ella.

Rodrigo abandonou completamente a sociedade

banhista; vivia para Julia. Os *leões* despeitados continuavam a verberal-o com epigrammas pouco menos de tolos, e elle nem dava por isso.

Abençoado o amor que nos sóbe a céos tão placidos e tão acima do charco immundo onde coaxam as rãs da maledicencia.

Começava a despovoar-se a praia de Leça. Entrouxei e dispuz-me a recomeçar os meus trabalhos escolares. Procurei Rodrigo em casa e não o encontrei; vi-o depois casualmente.

— Já de marcha! — disse-me elle.

— Que remedio! Está o inverno comnosco — respondi eu.— Ainda ficas?

— Ainda fico. Adeus. Estimo que sejas feliz — respondeu elle querendo obstar a alguma pergunta importuna.

Os receios, porém, de Rodrigo, eram infundados; não devia esperar indiscreções da minha parte.

Voltei para o Porto e, quando me lembrava do caso, suspeitava que o namoramento não podia vingar muito tempo nas condições em que estava. Agora vejo que me enganei redondamente.

Rodrigo Sotto-Maior não voltou de Leça. Lá vive, pois, ha dois annos, n'aquellas solidões da beira mar, a estreitar a esposa d'encontro ao peito e provavelmente a revêr-se nas graças infantis do filhinho.

Os poucos momentos, que puder roubar á creancinha e á mulher, quem sabe se elle os consumirá a tratar do plantio do quintal ou dos casaes de perus, que gluglurejam na capoeira? Não admira nada. O ge-

neral Walrave entretinha-se, na solidão d'aldeia, com a creação das gallinhas. Muitos deixam o socego dos campos por o bulicio da cidade; outros, como Publio Scipião, dizem que nunca estão menos sós do que quando estão verdadeiramente sós.

E demais Rodrigo Sotto-Maior tem ao lado a esposa e o filhinho a sorrirem-lhe e a affagarem-n'o.

Perdôa tu, meu amigo, se eu corri o véo mysterioso da tua vida intima, occultando todavia o teu verdadeiro nome.

Na primavera que vem, mostra a tua esposa o torrão abençoado em que nasceste. Que a madre-silva dos vallados perfume a atmosphera, que as aves da ramaria te enlevem com as suas toadas alegres, que teu filho te sorria e que tua mulher te abrace.

Quinta de Villa Verde — 16 de setembro de 1868.

II

CÔR DO CÉO

Procurei Rodrigo Sotto-Maior em Leça. Achei-o n'um paraizo d'amor, sorrindo de verdadeira felicidade á esposa estremecida e embellezado na contemplação do filhinho, que passa metade do dia no collo da mãe e outra metade nos braços de Rodrigo. Fez-me inveja o socego suavissimo d'aquella casa onde encontrei ainda um resto do viver patriarchal dos tempos que

já não voltam. Rodrigo vive quasi exclusivamente para a familia e para algum raro amigo, que, de longe a longe, vai lavar nas aguas d'aquelle milagroso Jordão a lepra das mundanidades estultas.

Poucos livros entram no gabinete de Rodrigo, e esses que entram são escolhidos e puros; aos periodicos é de todo em todo defesa a entrada. Ha dois annos que Rodrigo não sabe quantos ministerios tem havido, quantas pessoas do seu conhecimento casaram ou morreram, e quantos lavradores da sua aldeia estão barões ou conselheiros. Não se interessa, como vêem, por estas coisas attinentes ao movimento politico da nossa terra, nem lhe sobra tempo para lamentar as inconveniencias do *systema que nos rege*, por isso que se deixa absorver nas profundezas d'um oceano d'amor, onde não ha systemas possiveis além do que manda o coração.

Rodrigo acolheu-me affectuosamente. Subimos ao gabinete de leitura que tem duas largas janellas: uma que deita para o jardim e outra que olha para o mar. Sentamo-nos e começamos a fumar com excellentes disposições d'espirito para larga conversação.

— Auctoriso-te a accusares-me da minha ingratidão — disse Rodrigo. — Estou disposto a ouvir a leitura do libello, apesar de não ter provas que me favoreçam.

— Tens a teu favor — respondi eu — este remançoso viver que te absorve o coração e que faz inveja a quem anda por esse mundo a luctar constantemente com os vagalhões da fortuna. Ha dois annos que te

perdi de vista, e encontro-te hoje tão feliz como supponho que terás sido desde o dia em que te deixei de vêr. E' uma felicidade que sorri a pouca gente, meu Rodrigo. O mundo não falla de ti, porque o mundo não se occupa das alegrias serenas. És rico e ainda assim vives obscuramente. Não te intromettes com a politica nem incommódas os periodistas com a noticia de teres offerecido um jantar aos presos ou aos pobres. A tua mão, se exerce a caridade, exerce-a segundo o preceito do Evangelho. Vives feliz, Rodrigo. Vejo que tens as tuas portas fechadas, mas recommendo-te que as mandes trancar cautelosamente para que te não possam assaltar, n'esta solidão, os malsins da sociedade. Olha que tambem já andam as ambições pela aldeia. Venho de ao pé das montanhas que te viram nascer, e achei por lá vestigios de corrupção. Os lavradores dos teus sitios estenderam a vista para além dos seus campos, e diffamam-se mutuamente por causa das eleições. Ha por lá quem tenha esbanjado a casa para comprar votos e commendas. Um teu visinho está commendador; outro sahiu, ha dias, deputado.

— E é muito de suppor que o meu caseiro esteja a chegar ás alturas d'um baronato, segundo o que tu dizes — atalhou Rodrigo.

— Ainda não aconteceu assim por felicidade tua. O teu caseiro continúa a trabalhar no amanho das terras e a viver para a lavoura. Lá o vi, arremangado, de enxada ao hombro, na direcção do pomar. Foi elle que me deu noticias tuas. Por elle osube eu

que tu tinhas casado e que Deus te coroára a felicidade conjugal com as graças infantis d'um filhinho estremecido. Surprehendeu-me a noticia do teu casamento, Rodrigo! Despedi-me do teu caseiro e vim por uns atalhos a scismar nos bons tempos de ha dois annos, que foram o prologo da tua felicidade; -- prologo em que eu tambem indirectamente collaborei. Dois dias depois, sentava-me á mesa do trabalho e escrevia a historia feliz dos teus amores, recatando n'um pseudonymo o teu verdadeiro nome e recamando, aqui e além, de ficções romanticas a tela onde desenhava o quadro...

— Pois fallaste?

— Fallei. Has de perdoar este abuso de confiança; todavia confesso a verdade. Contei a tua historia e, como o mundo já se não lembra de ti, nenhum alviçareiro se deu ao trabalho de farejar o teu rasto. A sociedade interessa-se simplesmente pelos grandes escandalos dos altos personagens. É preciso que um sujeito, que enriqueceu no tráfico da escravatura, saiba a chronica, quasi similhante, d'um outro que chegou á opulencia pelo fabrico das notas falsas. Isto é preciso para que a sociedade se «respeite» e para que se fechem umas bôcas com medo das iras d'outras muitas. D'aqui a necessidade do romance escandaloso, o unico que tem leitores e compradores em Portugal. A tua historia era uma historia simples e honesta, uma historia que podia correr desde o collegio até ao convento, duas casas onde a corrupção não é permittida por lei... Fallei em ti e na *menina do tope ver-*

melho, que é hoje tua esposa. Contei a historia do laço com pequeno desvio da verdade, e acabei por dizer que era muito de suppor que, á hora em que eu escrevia, andasses tu a cuidar do quintal ou dos perus. Vejo que me enganei. O teu quintal sahiu-me um jardim, a julgar pelo que descubro d'esta janella. Supponho-me em Montmartre á beira dos alegretes de Alphonse Karr. Nem as flôres te faltam n'este paraizo!

— São os melhores livros, as flòres — disse Rodrigo. — Livros que a natureza escreveu em paginas de mil còres e com mil diversas tintas. Amo as flôres pelo que ellas são e não pelo que os homens querem que ellas sejam. Tenho alli na estante livros de botanica, comprados em outro tempo; escuso de te dizer que nunca os abri. Estão ao pé d'outros de mathematica, que só folheei uma vez, como sabes, e que fechei para sempre, quando o professor, que era um sujeito de muitas philosophias, declarou do alto da sua reputação que a minha negação para os algarismos importava absoluta inaptidão para tudo. Anda visitar as minhas flòres, todas as que eu tenho, porque minha mulher, com o nosso filhinho ao pé de si, deve estar a esta hora no jardim. Has de jantar comnosco e, depois do café, iremos sentar-nos ao pé da capellinha de Sant'Anna. É lá, diante d'aquelle panorama delicioso, que eu te quero contar o pouco que tu ignoras da minha vida.

Descemos ao jardim.

Encontrei a esposa de Rodrigo, sentada á sombra d'um caramanchel, trabalhando em *crochet*. Tinha a

seu lado o filhinho, todo vestido de branco, sentado n'uma cadeira de braços. Era um quadro de familia que inspirava respeito.

Julia estava modestamente vestida. Tinha um vestido de chita alegre e clara, guarnecido nos punhos e no pescoço por uma renda fina mas estreita. O cabello dividia-se em duas tranças, que livremente cahiam pelas costas abaixo. Não ha vestir mais modesto com tamanha elegancia, e, permitta-se-me o substantivo, com tamanha *frescura*, palavra que usam as mulheres com grandissima propriedade, quando querem fallar de certos vestidos graciosos e humildes.

A esposa de Rodrigo era ainda a creatura formosa que eu vira debruçada na janella, dois annos antes. Tinha o mesmo colorido nas faces, a mesma alegria nos olhos, e a mesma serenidade no semblante.

Passei algumas horas felizes n'aquelle santuario; conversamos de tudo o que nos lembrava, borboleteando d'assumpto para assumpto.

Depois de jantar, acompanhou-me Rodrigo á capellinha de Sant'Anna. Sentamo-nos no banco de pedra que se encosta ao oratorio, e ficamos por algum tempo embellezados na paizagem que a natureza nos desdobrava diante dos olhos.

Foi Rodrigo o primeiro a quebrar o silencio.

— Olha — disse-me elle. — Quando te chegar ás mãos um livro impregnado de má philosophia, não o leias. Nota, porém, que designo por má philosophia esta corrupção desbragada que já começava a envenenar a sociedade nos meus tempos de solteiro, e que

actualmente, segundo dizes, ameaça absorver a humanidade inteira. Não creias no progresso que principia por insultar a mulher, por aniquilar a familia, por offender a igreja e por zombar de tudo o que ha de mais casto e santo n'este mundo. Vê se pódes fugir da lepra que vai lavrando, e onde a Providencia te mostrar uma alma candida e boa fica ahi, meu amigo, embebecido n'esse templo sacratissimo, sem saudades do mundo exterior, das suas tempestades e dos seus tumultos. Eu sahi da minha aldeia com a alma fechada para os maus sentimentos. Queria conhecer o mundo e tinha, ao mesmo tempo, um certo medo de o conhecer de perto. Quando do alto d'um monte vi de longe os pinheiros da minha aldeia, tive saudades d'elles e estive para retroceder, mas animou-me uma esperança vaga que me enchia o coração e que era indubitavelmente o prenuncio da felicidade. Atravessei o mundo sempre a pensar nos pinheiraes da minha terra, e fui caminhando até encontrar um sitio que me fizesse lembrar da serenidade austera do meu Douro e onde encontrasse alguem que me faltava lá. Aqui achei esse sitio e aqui fiquei; aqui encontrei o paraizo e o anjo que me aguardavam ha muito. O anjo, bem sabes tu, era a *menina do tope vermelho.* Foi verdadeiramente uma vaga da fortuna que nos ajuntou. Vi-a e amei-a. Has de lembrar-te d'ella, meu amigo, d'ella, aquella visão da fita encarnada, fita que eu ainda conservo no meu relicario intimo. Nunca eu soube vasar na palavra o sentimento. D'essa vez, porém, senti-me poeta. Escrevi uns versos a Julia e mandei-lh'os; os versos eram

simplesmente um pedido. A resposta foi o tope encarnado que lhe prendia a trança. Julia tinha attendido a um capricho de namorado.

— Aproveito a occasião — atalhei eu — para te pedir perdão d'uma deslealdade que me pesa. Possuo os teus versos.

— Não te acredito — replicou de golpe Rodrigo.

— Acredita e perdôa. Copiei-os ha dois annos, do teu album, emquanto esperava na sala. Doeu-me que ficassem para sempre na obscuridade e quiz possuil-os, confiando na tua amizade, Rodrigo.

— Pois bem — continuou elle. — Deves então saber o resto. Julia substituiu o laço encarnado por outro azul. Tive a velleidade de o querer possuir tambem. Escrevi-lhe ainda estes versos — disse-me elle tirando do bolço o seu album-carteira.

Li e copiei, com assentimento de Rodrigo, os versos que se intitulavam :

COR DO CÉO

Olha, a fita côr de rosa,
Que te pedi, era linda.
Mas talvez que seja ainda
Mais bonita a que puzeste,
Côr do céo, azul celeste!

Tinha aquella a côr da rosa.
— Era d'uma côr tão fina,
Que enganára a mariposa,
Se a encontrasse na campina

Suspensa sobre uma haste.
—Tinha a côr que tu mostraste,
Quando eu te pedi a fita
E tu, dando-m'a, córaste...

Vê, pois, como era bonita!

Todas as urnas cheirosas
Que o mez de abril nos descerra
Teem aquella côr. Na terra
São assim todas as rosas.

O azul é raro nas flôres;
Que o Pae que tudo nos deu
Variou no mundo as côres
Mas quiz o azul para... o céo.

Pintor, quanto mais tu pintas
Dando ao quadro um quê d'ethereo,
Na combinação das tintas
Não attinges o mysterio
Com que o Divino Pintor
Preparou tão linda côr!

Não sei, ó anjo, se tenho
Diante dos olhos um véo;
Ou se a côr que tem a fita
Tanto a côr do céo imita
Que as não discrimino eu;
Ou se n'uma noite o vento,
Descendo do firmamento,
Trouxe um retalho... do céo!

Dá-m'a. Sabes que me faltam
As azas d'um cherubim.
Tu pódes subir ao céo,
Trazer de lá mais setim,
Mas eu não posso, mas eu...

Querem uns o céo inteiro
Para si; tenho-o ouvido.
Sou menos interesseiro,
Limito mais o pedido.
Eu... dava o prazer mais doce
Por um retalho... que fosse.

— A belleza do pedido assegurava d'ante-mão um optimo resultado, meu Rodrigo.

— A belleza não; deves dizer a sinceridade. Julia deferiu ainda e enviou-me a fita côr do céo, perfumada com os aromas dulcissimos das suas tranças negras. Depois tive pena de vêr despida d'enfeites aquella cabeça gentil, e enviei-lhe uma grinalda de flôres de laranjeira, na vespera do dia marcado para o casamento... Foi ao declinar da tarde que se celebrou a cerimonia religiosa. Affluiu á porta da igreja a povoação inteira. O pae de Julia foi um homem do mar, um capitão de navios, que era bemquisto de todos, e esta boa gente da beira-mar continúa a consagrar á filha a dedicação que tributou ao pae. Eram rapazes e raparigas, homens e mulheres por toda a parte. Foi um dia de festa em Leça. A tarde estava serena e a noite vinha placida. Quando sahimos da igreja, o *tio* Paulo, um pescador velho e agradavel, chegou-se a

nós e disse-nos: — Boa viagem os espera. O céo está limpo e o mar é de rosas. Com tão bons prenuncios nunca eu receei tempestades. Hão de ser muito felizes, que m'o diz o coração. Vão em paz.

— O *tio* Paulo foi um vidente — exclamei eu.

— Se foi! — acrescentou Rodrigo — Se foi! Por aqui ficamos n'estas solidões da beira-mar, que para logo se povoaram de fadas encantadas. Era o cortejo que precedia a chegada do nosso filhinho. Hei de ir agora com minha mulher e meu filho visitar as montanhas da minha terra. Quero dizer a Julia, quando lá chegar: — Detraz d'aquelles pinheiros ha uma casa de campo onde tambem não entrou ainda a corrupção da cidade. Alli foi o meu berço.

Em março d'este anno partiu a familia de Rodrigo para Sinfães. Lá devem de estar a esta hora, na *Casa dos olivedos,* sem que Rodrigo tenha dado ainda pela falta do visinho commendador e do visinho deputado.

Porto — junho de 1869.

NO BUSSACO

I

Em 1866 fiz eu parte d'uma tumultosa caravana de romeiros que partia da *gare* das Devezas, por uma formosa tarde de junho, em direcção ao santuario venerando do Bussaco. Esta nossa divertida romagem tinha quasi o caracter d'uma emigração d'andorinhas que se fossem deliciar n'aquella primavera eterna do Libano portuguez, tão copada de sombras e gorgeada de cantares festivos. Chegamos de noite á Mealhada e, como quizessemos adiantar caminho, partimos para Luso. Ahi pernoitamos nós na

HOSPEDARIA LUZITANNA
NAS CAZAS
DE VASILIO FERNANDES IORZE

como constava textualmente da taboleta estampada na fachada do *hotel*.

A orthographia irregular do nosso hospedeiro

corria parelhas, segundo experimentamos e segundo eu pregoei para desengano dos incautos n'um folhetim do *Campeão das Provincias*, com a irregularidade culinaria do serviço da casa. Deram-nos, pois, os da hospedaria uma desastrosa ceia que faria o desespero do doutor Véron.

Nós todos, os romeiros da caravana e um academico de Coimbra, cujo nome sou obrigado a occultar, fomos as victimas expiatorias da inexperiencia culinaria do cosinheiro de Luso.

Não ha meio para estreitar relações d'amizade como a similhança de destinos em pessoas até ahi desconhecidas. Foi exactamente o que nos aconteceu a nós e ao academico de Coimbra. No fim da dissaborida refeição não só estavamos conhecidos, senão tambem amigos. Logo traçamos em commum o roteiro da nossa peregrinação. Ficaram peitados os criados para que levantassem celeuma ao desabrochar da manhã. Aquelle de nós que se quedasse refocillado no leito, depois do aviso estrídulo, incorria na pena de madraço exarada no codigo que para logo formulamos, reunidos em areópago.

Ao entreluzir da primeira aurora, espertaram-nos os criados. Nenhum de nós incorreu na pena estatuida; houve completo respeito ao codigo.

Os indios não acatam de certo mais religiosamente os seus *Vedas*.

Quando sahimos do *hotel*, começava a animar-se a natureza e a pompear as suas galas esplendidas. De Luso ao Bussaco foi verdadeiramente um passeio bucolico.

O academico de Coimbra tinha vindo alli innumeras vezes e para logo se offereceu como *cicerone*. Guiados por elle subimos a montanha sem esgarrarmos por caminhos travessios. Alegres marinhamos a coberto d'aquellas immensas abobadas de verdura, que se nos affiguram suspensas no ar como os jardins de Babylonia, até que defrontamos com o humilde cenobio dos carmelitas descalços.

A respeito do mosteiro do Bussaco escrevia eu a um amigo intimo, em 1866, no *Campeão das Provincias*, as palavras que se seguem:

«Subindo a um terrapleno assombreado de frondosas arvores, entramos ao mosteiro por um zagão calçado de seixos e forrado a cortiças, aberto em trez arcos de cantaria sobre os quaes assenta a fabrica humilissima da casa. Em frente do arco central do zagão dá de rosto a porta do claustro: eis que nos apparecem logo, como para iniciar-nos nos segredos da clausura, os paineis mal allumiados de dois religiosos da ordem. «O da mão direita, na expressão de frei João do Sacramento, está abraçado d'uma cruz, mysterioso indicio de que é, o que dentro unicamente se abraça. O da esquerda está, como fechando a bôca com dois dedos, aceno claro de silencio, que alli inviolavelmente se observa.» O que te não posso explicar, meu amigo, é a impressão suavemente dolorosa, que nos assalta a alma no meio d'aquella simplicidade extrema e serena melancolia do mosteiro. Mal acredita a gente que vai entrar em domicilio de frades, ao vêr a pobreza do

zagão que, se não foram os seus trez arcos de cantaria almofadados a picão com frisos de escopro, faria apenas lembrar a entrada para a gruta d'algum desconhecido eremita, que fizesse vida de penitencia no retiro d'aquelle monte.

Mas ao entrarmos no claustro, meu amigo, onde se respira em tudo um perfume de tristeza, ao vêrmos pendentes das paredes os retratos lividos dos monges mal allumiados da escassa claridade que alli entra, no meio d'aquelle frio silencio de casa deshabitada, quebrado apenas pelo som monótono dos nossos passos, então, como dizia, sentimos os olhos humedecidos de lagrimas e os pés como que chumbados ao lagedo do pavimento. Ficamos alli como que petrificados, indecisos, absortos, sem saber se devemos continuar a visita áquella casa, que tem os ares d'um tumulo de vivos, se devemos sahir para respirar desafogadamente no meio da montanha. Custou-nos, de certo, muito mais o entrarmos alli, porque vinhamos de fóra com os olhos affeitos ao alegre espectaculo d'aquella festa bucolica, que a natureza nos apresenta em todo o monte, e com os ouvidos já costumados aos cantares dulcissimos das aves. E' por isso que nos foi muito mais sensivel e oppressivo o contraste.»

Depois de termos visitado demoradamente o mosteiro e a igreja, caminhamos para o norte, descendo ao valle, e chegamos á *Fonte fria*, cuja agua, no dizer de frei João do Sacramento, chronista da ordem, sendo *temperada de inverno, escusa neve de verão.*

Ahi, n'essa sombra deliciosissima da *Fonte fria*, acampou a nossa caravana. Travou-se conversação animada, e nem eu sei como viemos a fallar dos homens politicos que as tempestades civis da nossa terra deportaram para o Bussaco. Citaram-se os nomes do cardeal D. Carlos, que alli esteve por ordem do governo em 1821, do arcebispo de Braga D. Frei Miguel da Madre de Deus, do bispo de Pinhel D. Bernardo Beltrão e de Galvão Palma, prior da freguezia de Monsaraz, que alli estiveram retidos por motivos politicos em differentes épocas.

— E quantos — disse-me o academico de Coimbra — não teem vindo esconder n'estas sombras do Bussaco o segredo das muitas lagrimas em que deixaram afogar o coração! D'um sei eu, que deveu morrer n'este sitio em que estamos. A vida d'esse pobre rapaz dava materia que farte para um livro. Hei de contar-lh'a, antes de nos separarmos.

— Póde ser hoje de tarde — repliquei eu.

— Seja — respondeu-me elle. — Vamos descançar para o mosteiro d'estas calmas do meio dia. De tarde voltaremos aqui e contar-lhe-hei a historia. Está pactuado.

II

Estavamos, o academico e eu, na *Fonte fria*, á hora saudosa do sol-pôr; elle deixava entrever no semblante uma sombra de tristeza, e eu mal podia comprimir a anciedade que me excitava.

— O heroe da historia que lhe vou contar — disse-me elle — era um rapaz da minha aldeia, que frequentava o quarto anno juridico, e a quem eu fui recommendado, quando entrei para a Universidade. Como sabe, tiro este anno carta de bacharel; vai, pois, isto ha cinco annos. Era um rapaz de mão cheia, como se costuma dizer. Chamava-se... Quero eu que se chame Eugenio da Silveira. Tinha elle uma grande intelligencia e um grande coração. Veja que era uma d'estas creaturas que nascem para a desgraça como certas flôres que desabotoam de noite, sempre cobertas d'orvalhos, que são lagrimas, e sempre saudosas do sol, que é a felicidade. É uma verdadeira desgraça nascer um homem com um coração cuja delicadissima sensibilidade se não póde afferir pelo padrão commum da humanidade. Eugenio da Silveira tinha alguns raros momentos d'alegria em que lograva conversar com verdadeira jovialidade, borboleteando da facecia á satyra e da satyra ao epigramma. De repente, porém, descahia n'uma tristeza profundissima e, n'esses momentos de concentração, não havia arrancar-lhe palavra. Poucos dias depois d'elle ter concluido brilhantemente os seus actos, dava eu de mão aos trabalhos do primeiro anno juridico. Sahimos, pois, ambos de Coimbra em direcção á nossa aldeia.

Eugenio da Silveira tencionava, porém, ir a banhos do mar para a Foz, em agosto. Sahiu de Coimbra n'esse proposito e chegou a realisal-o.

Quando eu voltei a Coimbra para matricular-me nas aulas do segundo anno, vi-o lá.

— Tem estado na Foz? — perguntei-lhe eu.

— Vim de lá hontem e para lá volto, logo que me matricule. Ainda não sei bem quando se abrirão as aulas. Se fica por aqui, avise-me do dia da abertura.

— Avisal-o-hei. Fique certo.

Escrevi a Eugenio da Silveira, quando começaram as aulas. Ficamos a habitar na mesma casa e até no mesmo quarto. Notei, porém, alguma differença no Eugenio. Pareceu-me mais triste ou mais alheado. Raras vezes entrava n'um *cavaco de rapazes* e rarissimas n'uma questão scientifica, que se ventilasse á hora do jantar. Nas ferias do Natal sahiu de Coimbra e disse-me que seguia para o Porto.

— Quer alguma coisa para lá? — perguntou-me elle, no dia da partida.

— Se o não incommódo, queria.

— O que era?

— Uma carta para a viuva do negociante Teixeira Pinto.

— Conhece-a? — atalhou de golpe Eugenio, recuando e fitando em mim os seus grandes olhos castanhos.

— Conheço. Foi uma das companheiras da meninice de minha mãe. Esta carta leva o meu retrato e é por isso que eu desejava entregal-a a portador de confiança.

— O seu retrato? — insistiu Eugenio.

— O meu retrato. Quando vim para Coimbra, visitei-a por ordem de minha mãe. Quasi me não lembrava d'ella. O certo é que se reataram as relações

antigas. Instou a viuva pelo meu retrato para o seu album e eu prometti-o, com a condição de o mandar de Coimbra porque me tinham esquecido todos os retratos que tenho. É já tempo de cumprir a minha promessa.

— Que sentimento lhe inspiraram as filhas da velha amiga de sua mãe, se é licito perguntar?

— O do respeito simplesmente. Achei-as dignas de estima e de felicidade. Oxalá que ellas a encontrem. A mãe deu-me a entender que estava proximo o casamento da Maria do Carmo com um sujeito endinheirado.

— Não póde ser — exclamou Eugenio, mostrando nas faces uma pallidez cadaverica.— O senhor está abusando da minha curiosidade sincera. Maria do Carmo ama-me — concluiu elle, accentuando as palavras gravemente.

— Perdão — tornei eu entre humilde e pesaroso.— Mil perdões. O senhor Eugenio da Silveira sabe que me inspira a maxima estima e que sou incapaz de abusar da sua sinceridade.

— Tem razão — amaciou elle com os olhos marejados de lagrimas. — Eu sou que devo pedir perdão. Excitei-me n'um momento d'angustia, mas de verdadeira angustia, acredite. Agora absolva-me. Eu amo Maria do Carmo desde os ultimos dias d'agosto d'este anno. Tinha-a visto uma vez na minha vida, no Porto, e desde então conservei uma lembrança vaga, mas suave, d'aquella mulher. Em agosto quiz Deus que nos encontrassemos e cuido que nos ficamos amando

para toda a vida. Se Maria do Carmo vai casar não o sabe; estou certo d'isso. É incapaz de me enganar aquelle anjo. Tenho aqui uma carta d'ella em que me pede que vá vêl-a nas ferias. Hei de ir. Quero saber a verdade e... morrer depois. Dê-me a sua carta; irei entregal-a pessoalmente.

Apertamo-nos as mãos e separamo-nos.

III

Quando Eugenio da Silveira voltou a Coimbra — continuou o academico — pareceu-me velho. Disse-me que tinha entregado a minha carta e que encontrára em casa da viuva Teixeira Pinto o sujeito indigitado para noivo de Maria do Carmo.

— Lá o vi — disse Eugenio. — O senhor tinha razão. Cuido que a viuva está inclinada para este casamento e que levará a sua crueldade até o extremo de sacrificar o coração e a vida da filha. Pudemos, eu e Maria do Carmo, disfarçar as nossas relações diante da viuva. Apresentei-me como um homem verdadeiramente desconhecido e trocamos apenas palavras cerimoniosas. Estou todavia no proposito d'ir pedil-a em casamento nas ferias da Paschoa; será minha no fim do anno lectivo.

Decorreram-se mezes sem que Eugenio da Silveira recebesse carta de Maria do Carmo. Escrevia-lhe regularmente e não recebia resposta. Offereci-me para saber por minha mãe a verdade do que se passava.

Não quiz. O pobre moço tinha medo de se desenganar.

— Estão proximas as ferias — disse-me um dia. — Irei eu mesmo. Maria do Carmo ainda não casou; está-m'o dizendo o coração. Comtudo receio por ella, que é credula e póde dar ouvidos ás infamias que levantarem a meu respeito, se é que suspeitaram das nossas relações.

Eugenio da Silveira veio ao Porto e não viu Maria do Carmo. Dizia-se que casava com o sujeito indigitado. Eis tudo o que pôde colher. Quando voltou a Coimbra, lançou-se nos meus braços e desatou a chorar. Fazia pena vel-o. Era preciso que eu o acompanhasse para que fosse ás aulas; de contrario não ia.

Entretanto definhava consideravelmente e tinha cahido n'uma melancolia perigosa. Fazia annos por esse tempo, o Eugenio. No dia natalicio brindára-o a velha esposa do seu correspondente, que era amiga de sua mãe, com um ramo de flôres.

Em agradecimento ás flôres escreveu Eugenio estes versos, que eu decorei e que não chegaram a ser lidos pela pessoa para quem tinham sido escriptos.

AGRADECENDO AS FLORES

(NO DIA DOS MEUS ANNOS)

Mandaes-me, senhora, flôres
— Bem sabeis quanto as eu amo... —
Tão variadas nas côres!
Lindas rosas! lindo ramo!

Foi bem acertada a escolha,
Que os temporaes de janeiro
Desfizeram folha a folha
As galas do meu jardim...
Está viuvo o jardineiro...
Olhai o pobre de mim!

Vi chegar o abril florido,
Que vem sempre prazenteiro,
Sempre lindo e bem vestido.
Ai! mas não chegaram ainda
As flôres do meu canteiro!
Vejo que chega e que finda
Este mez de tantas flôres
Sem que me traga comsigo
Os meus tão queridos amores!...
Nem abril é meu amigo!

A vossa offerta, comtudo,
Engana a minha pobreza...
Tenho flôres sobre a mesa,
E é bem mais suave o estudo
Quando as tenho ao pé de mim!...
Pobres flôres! sou assim!

Mas ai! quando eu vir pendido
O vosso ramo, senhora!
Vêr que está tudo perdido!
Não ter o que tive outr'ora!
Baldada toda a canceira!
Toda a seara desfeita!
De risos... a sementeira!
De maguas... toda a colheita!

Senhora, vivo captivo
De mil lembranças passadas.
É de saudades que eu vivo...
Esp'ranças, essas... mirradas!

Estou pobre e pasmo agora
De vêr tamanha pobreza!
Olho toda a redondeza...
Não vejo nada de meu!
Tantas flôres na montanha!
Tantas estrellas no céo!
— Ai! que pobreza tamanha!

O mundo tão opulento
E só eu me vejo assim!
Ha astros no firmamento.
Tem flôres qualquer jardim.
Nada é meu, pobre de mim!

Ai! quanto me não penhora
A vossa offerta, senhora!

Mas emquanto estas viçarem
Não serei pobre... de flôres.
Depois, mal que descórarem,
Adeus rosas! — meus amores! —
Comtudo inda espero tel-as
Das mais tristes e singelas,
Boninas d'inculto chão,
Ao pé d'aquelle cruzeiro
Onde tanto caminheiro
Pára a fazer oração...

Que triste seria o somno
De que não se acorda mais,
Se as pobres flôres da serra
Deixassem ao abandono
Os sete palmos de terra
Onde todos são iguaes!...

D'essas espero inda tel-as ..
Bem hajaes, flôres singelas,
Pobres flôres, bem hajaes!

Vi que se aggravavam os padecimentos de Eugenio e não só avisei o correspondente mas noticiei para a minha aldeia.

Veio a Coimbra o irmão mais velho de Eugenio, que era o senhor da casa e quiz trazel-o para o Bussaco, ainda com o risco de perder o anno.

Teimou o doente que não sahiria sem concluir o curso e o certo é que, com grave sacrificio da sua pouca saude, terminou a formatura. Á esse tempo chegou a Coimbra uma carta de Maria do Carmo para elle. O pobre moço mostrou-m'a. Dizia-lhe que tinha conseguido apiedar a mãe, que tinha soffrido muito e que entrevia de novo a felicidade, que julgára perdida. Percebi que o Eugenio não podia escrever sem grande esforço e disse-lhe que escreveria em seu nome

— Não respondo — volveu-me elle. — Eu morri para o mundo. Á mulher que eu amava, morreu tambem para mim. Não me falle no nome d'ella para não evocar recordações dolorosas. Esperei muito tempo que me escrevesse; vi finalmente que não tinha querido roubar á sua felicidade um momento em que traçasse duas palavras. Á sua felicidade disse eu; e disse bem. Ella deve ter sido feliz com os sorrisos do esposo promettido. Como o senhor vai para ferias— concluiu elle — dê ordem cá em casa para queimarem todas as cartas que me sejam dirigidas.

Os irmãos Silveiras sahiram de Coimbra commigo. Eu vinhà para o Porto e elles ficaram na Mealhada; d'alli vieram para o Bussaco.

Na vespera da nossa partida, pediu Eugenio ao irmão que o deixasse fazer a mala. O irmão annuiu, suppondo que elle quereria guardar cautelosamente as cartas de Maria do Carmo. Como o visse, porém, lançal-as ao fogo, suspeitou do caso e foi remexer na mala.

Encontrou um *rewolver* escondido entre uns casacos e uns livros.

— Eugenio! — disse-lhe o irmão com gesto reprehensivo — Procuravas enganar-me! Não te queiras dar em holocausto aos teus algozes. O mundo diz que o suicidio é filho da loucura, e tu deves querer que o mundo saiba que morreste em teu juizo para condemnares até o ultimo momento a deslealdade traiçoeira da mulher que amaste.

— Eu não condemno ninguem — respondeu Eugenio.

IV

— Separei-me de Eugenio da Silveira na Mealhada com a convicção profunda de não tornar a vêl-o — disse-me o academico com os olhos humidos de lagrimas. — Quando cheguei ao Porto puz todo o meu empenho em não perder um momento, antes de procurar a viuva Teixeira Pinto. Fui visital-a; ao subir as escadas senti uma vertigem, que me fez demorar

no patamar alguns momentos. Annunciou-me o criado e Maria do Carmo, ouvindo o meu nome, correu á sala. Achei-a demudada, em verdade. Tinha os olhos roixos de chorar e as faces cobertas d'uma pallidez marmorea.

— Onde está o Eugenio? — interrogou ella anciosamente, ao entrar na sala.

— No Bussaco, minha senhora, e cuido que não voltará.

— Está doente? Morre?

— Penso que não resistirá ao desgosto incommensuravel que o vai matando lentamente. Para vossa excellencia, porém, já morreu ha muito tempo.

— Julga-me então criminosa? — disse ella, dando á phrase a vehemencia do desespêro.

— Julga.

— Sabe Deus que o não sou.

— E vossa excellencia que provas tem em seu favor?

— O testemunho da consciencia.

— Todavia a consciencia é um tribunal cuja decisão não chega ao mundo exterior...

— É infelizmente verdade isso. Deus sabe, porém, que amei sempre o Eugenio.

— Por que lhe não escrevia então?

— Porque m'o prohibia minha mãe. Porque me tinha vigiada a toda a hora. Porque me tinha encerrada n'esta casa como em clausura onde mal entrava o sol.

— Por que não reagiu?

— E podêmos nós reagir contra a vontade de nossa mãe? — perguntou ella com uma timidez adoravel.

— Que dúvida? Quando a superioridade chega ao extremo d'impôr deveres ao coração, quando nos querem levar para um futuro que nos repugna, quando usam da força em vez da brandura, a reacção é legitima, porque a obediencia era o servilismo mais indigno d'este mundo.

— Cale-se, que nos podem ouvir — murmurou ella timidamente.

— Que oiçam, muito embora. Eu sei que sua mãe é boa, minha senhora, e é por isso que lamento que tenha o espirito ainda eivado d'estes preconceitos sociaes. Cada alma procura o seu rumo, como a agulha procura o norte. As almas não se subjugam; é um crime tentar subjugal-as. Todos nós caminhamos para o nosso fim, desenvolvendo as nossas faculdades. Ha em nós uma faculdade d'amar; amemos, pois. Querer abafar em nós a sensibilidade, é querer dominar a nossa natureza. O que é o amor? O amor, como diz Alexandre Herculano, aquelle grande pensador do *Eurico,* é «o mais profundo e energico dos affectos humanos, o amor, que une dois espiritos como dois fragmentos de um todo, os quaes a Providencia separou ao lançal-os na terra, e que devem buscar-se, unir-se, completar-se, até irem depois da morte formar talvez uma só existencia de anjo no seio de Deus.» Não queiramos nós neutralisar esta força de cohesão que tende a identificar duas almas na suprema harmonia dos espiritos. Sei bem que a mãe de vossa excellencia é

um coração nobilissimo. Leva talvez a pobre senhora as suas horas a pensar no futuro das duas pombas do seu lar, que desde meninas até moças lhe teem sido delicias e cuidados. Sonhou de certo, n'uma d'essas horas de profundo cogitar, que entreviu a felicidade d'uma das suas filhas dilectas, e acenou de longe á imagem que sonhára e que não passava d'um phantasma.

— É verdade — disse ao entrar na sala a mãe de Maria do Carmo, que ouvira as minhas ultimas palavras. — É verdade. Imaginei que a affeição de minha filha fosse apenas um capricho dos vinte annos, que se vencesse facilmente com uma opposição temporaria. Enganei-me, porém, e Deus sabe que profundas amarguras me estão dilacerando o coração n'esta hora d'expiação suprema.

— Pobre Eugenio! — murmurou Maria do Carmo, abafada em lagrimas.

— Pobre Eugenio — repeti eu. — Está irremediavelmente perdido. A vida do desventuroso moço é apenas o bruxolear extremo da lampada que se extingue. E que importava que uma força sobrenatural o salvasse? O Eugenio tem o caracter dos grandes pensadores: é propenso á dúvida. As lagrimas d'estas duas pobres senhoras que me escutam, não poderiam desfazer a nuvem tenebrosa que lhe escurece a alma. A duvida é fria como o gêlo, sombria como a noite: e o Eugenio duvidou uma vez, o que equivale a dizer que duvidaria toda a vida.

— Meus Deus! — exclamou Maria do Carmo —

Quero vêl-o. Quero vêl-o e dizer-lhe que sempre o amei, embora elle não acredite nas minhas palavras. Se morrer nos meus braços, pedirei á sua alma que me perdôe e jurar-lhe-hei que não serei de mais ninguem n'este mundo. Oh! minha mãe, deixe-me vêl-o uma vez...

— Vêl-o-has, minha filha. Vêl-o-has — disse a pobre senhora abraçando-se em Maria do Carmo.

— Comprehendi — concluiu o academico — que a minha presença era importuna n'aquelle momento solemne, e sahi de casa da viuva Teixeira Pinto com o coração alanceado de tristeza.

V

— Contou-me o irmão de Eugenio da Silveira tudo o que se passou desde a minha visita á viuva Teixeira Pinto até ao desfecho lutuoso d'este drama — disse-me o academico.

O pobre Eugenio tinha cahido n'uma melancolia profunda e vivia, se é propria esta palavra, completamente absorto no seu unico pensamento. Pouco dormia e quasi não fallava, o desgraçado moço; ao abatimento moral succedêra uma lethargia que tinha aniquilado a immensa robustez da sua compleição

Ao fim da darde costumava vir, pelo braço do irmão, sentar-se aqui ao pé da fonte, quem sabe se n'este mesmo banco em que nós estamos, se n'aquelle que

nos fica fronteiro. Aqui se quedava esquecido a scismar por longo tempo, com os olhos fitos n'um ponto que seria difficil determinar, e onde Deus sabe se elle veria sorrir-se-lhe o anjo da morte ou delinear-se-lhe a imagem saudosa de Maria do Carmo ainda contornada d'uma luz suave como a dos ultimos clarões d'um crepusculo do estio.

Vêl-a-ia elle n'aquelle meditar de todas as tardes? Quem sabe? Eu inclino-me para ahi. O nosso coração é assim. Morremos a beijar a mão que nos vibrára no seio a punhalada e que, momentos antes, dirigia, no mar da vida, o leme da arca santa da nossa alma.

Nunca ninguem viu que o Eugenio chorasse. Tinha os olhos sêccos e o coração cheio de lagrimas. O irmão sentava-se por aqui, perto d'elle, a contemplal-o com a vista embaciada de pranto. Para esse é que era o chorar.

Quando se apagava no occidente o ultimo raio de sol, levantava-se o Eugenio, como se não tivesse já luz para vêr a imagem querida, ou como se o amedrontassem a escuridade e a solidão, que o faziam lembrar talvez da noite do tumulo, que estava proxima.

Então os dois irmãos davam-se o braço e voltavam ao mosteiro, calcando as folhas soltas no chão e caminhando por entre as sombras que se abraçavam aos troncos seculares.

Devia de ser magestoso aquelle grupo!

Aqui interrompeu o moço academico a narração como para desenhar na imaginação os vultos dos dois

irmãos e, n'esse momento, vi-lhe os olhos brilhantes de lagrimas.

Pouco depois continuou:

— Devo tel-o fatigado com a minha historia, mas prometto abrevial-a.

Uma tarde estavam aqui os dois irmãos Silveiras; o Eugenio a scismar, o outro a contemplal-o.

O Eugenio accordou n'esse dia muitissimo peior e custára-lhe até chegar ao seu pouso de todos os dias. Estava, pois, o irmão a contemplal-o, quando ouviu perto o rumor de passos. Ergueu a cabeça subitamente e viu, a pequena distancia, duas senhoras que se aproximavam.

Uma d'ellas, n'esse momento, correu precipitadamente para Eugenio e, ajoelhando-se-lhe aos pés e apertando-lhe os braços para que levantasse a cabeça, exclamou com ancia:

— Eugenio! Eugenio! Sou eu que te venho dizer que sempre te amei e que estou innocente. Eugenio! Vês-me? Conheces-me? Olha para mim sequer...

Então elle, como que despertando d'um somno profundo, empregou um esforço supremo para se soltar dos braços d'ella, e levou as mãos aos olhos para sacudir uma nuvem que lhe turbava a vista.

Encarou em Maria do Carmo e, fazendo menção de se levantar, exclamára apenas:

— Ah! E' pois certo!

Quiz levantar-se e não pôde. Cahiu extenuado nos braços do irmão e da viuva Teixeira Pinto. Houve uma pausa de silencio entre os trez espectadores.

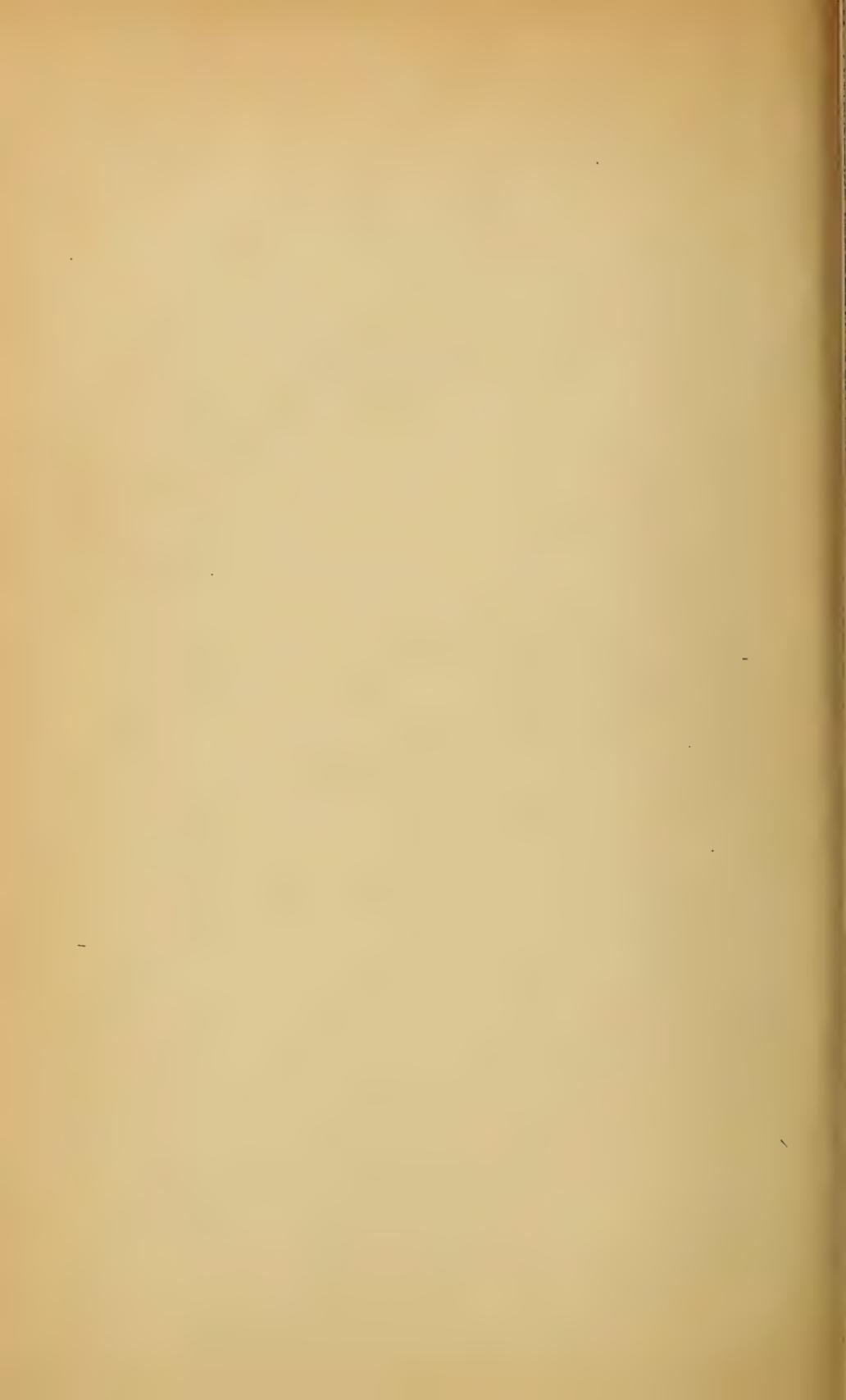
Passados momentos, ergueu a fronte lentamente e fitou de novo Maria do Carmo.

— Perdôa-me — murmurou ella. — Perdôa-me que estou innocente.

O Eugenio quiz fallar e já não teve vida para tanto. Meneou a cabeça affirmativamente e cahiu morto no regaço de Maria do Carmo.

O academico e eu ficamos largo tempo calados.

— Maria do Carmo — disse-me elle momentos depois — está n'um convento de Braga, d'onde jurou não sair. O cadaver de Eugenio da Silveira repoisa no cemiterio da minha aldeia, que tambem era d'elle, em caixão de chumbo. Se o senhor fôr algum dia visitar as montanhas da minha terra, e eu lá estiver, verá como ha-de achar coberta de flores a sepultura do Eugenio. Sou eu que lh'as vou lá pôr. Tenho ainda muito viva no coração a saudade d'aquelle homem e a memoria d'este drama.

Porto—1869

O MORGADO DO URGAL

Fui visitar, ha dias, os pardieiros do Urgal. Visitar não é a expressão propria. Da lomba do outeiro proximo é que eu avistei a casa em ruinas, sotoposta a um souto de castanheiros seculares.

A Ludovina, uma lépida pequerrucha que tem sido o meu *fidus Achates* n'estas peregrinações pela aldeia, acompanhou-me ao sitio onde cheguei e mostrou-me a casa, de longe, com a sua pequenina mão queimada do sol, dizendo-me: — É acolá.

Senti apertar-se-me o coração diante d'aquellas ruinas. O telhado está desmantelado, os caixilhos desconjunctados, e as janellas cuido que trancadas para sempre. Algumas trepadeiras foram marinhando pelas paredes e calafetando providencialmente as juncturas abaladas da frontaria.

Pedi á Ludovina que me levasse d'alli; estava-me fazendo mal aquillo.

Descemos o outeiro, embetesgamo-nos por uns atalhos pedregosos e fomos dar ao casebre da Luiza da Granja. O pae de Ludovina, avisado pelo estrépido dos passos, sahiu ao quinteiro a receber-me.

— Guarde-o Deus, *sôr fedalgo* — disse elle. — E ha de perdoar o modo como appareço. Isto são nodoas de vinho novo — continuou, indicando as manchas arroxeadas da camisa. — Temos andado na vindima.

— Essa é boa, Manoel! Você está em sua casa.

— Mas lá como diz o outro, a gente deve andar limpa. Ora é verdade. O caso é que se não fosse a *curgidade* de saber a historia do morgado do Urgal, como me disse cá a pequena, ficavamos d'esta vez sem vêr o *fedalgo!*

É de notar que a palavra *fidalgo,* em bôca de homem do campo, é synonyma de cidadão. E não deve estranhar-se que elles nos concedam voluntariamente fôro de nobreza, n'uma época em que os governos o estão barateando a bel-prazer. O que me admira é que se não anteponham a quaesquer outros no gozo d'estas e quejandas honrarias; sobejavam-lhes razões de preferencia...

— É verdade, Manoel, vamos á historia, se tem occasião para isso.

— Sim, senhor, vamos lá. Está-me fervendo o vinho no lagar; agora não ha que fazer.

Sirva isto d'introducção á biographia do morgado do Urgal.

O pae de Miguel Soares, de quem se trata, era Cosme Soares, lavrador activo, intelligente e laborioso, que frequentára em tempo as aulas de Lamego e que, lembrado ainda d'umas regras de latim que lá aprendêra, incitava os caseiros e os criados ao trabalho dos campos apontando-lhes esta maxima: *Dulce post laborem.*

Tinha Cosme Soares, quando rapaz, um tio abbade na freguezia, já velho e rheumatico, irmão do pae, que dera de conselho ao irmão mandar o sobrinho ordenar-se a Lamego no intento de que, por sua morte, ficaria o rapaz provido na abbadia. Foi Cosme Soares para Lamego, a despeito da mãe que o não queria fóra de si, pelo muito que o amava. Vencidas as difficuldades da lingua patria, viu-se Cosme Soares a braços com a sphinge medonha da litteratura d'aquelles tempos — o latim.

Pôde vencel-a, porém, e preparar-se quasi machinalmente para as aulas de theologia, quando um accidente inesperado veio pôr em sobresalto o coração do pae afflicto e dar rebates de alegria no seio amantissimo da mãe.

Cosme Soares estava namorado.

Era uma senhora de Lamego, formosa e rica, a mulher seductora que logrou prender nas algemas suavissimas do amor o coração do moço estudante.

Soube-o o pae de Cosme e dispunha-se a resistir violentamente á vontade do filho, dias antes de lhe chegar ás mãos uma carta d'elle em que o moço declarava renunciar reflectidamente, segundo dizia, a

*

uma vida para que não tinha vocação natural. O pae regougou de cólera ; acudiu-lhe, porém, ao escabujar violento a carinhosa esposa. Parecia que o velho persistia no proposito de ordenar o filho. Mas era differente o parecer da mãe, que soube vencer a repugnancia do marido e do cunhado, o abbade, aformosentando na phantasia d'ambos o quadro exuberante de poesia domestica em que Cosme Soares apparecia ao lado da esposa formosissima e dos filhos pequeninos, que sorriam de felicidade aos avós e ao tio abbade.

Pôde a mãe de Cosme Soares vencer o pleito a favor do filho. Fecharam-se os livros e casou-se o rapaz. Houve completa alegria na casa do Urgal, quando Cosme Soares e a esposa apontaram á porta ladeada de caseiros e criados.

Não veio sombra de temporal — graças a Deus! — escurecer o firmamento alegre d'este hymeneu.

O caso é que d'ahi a dois annos realisavam-se as prophecias da mãe de Cosme: era já avó de dois netos.

Chamavam-se os pequenos Miguel e Manoel ; Miguel era o mais velho.

O tio abbade quasi não sentia o rheumatismo de contente que andava. O pae de Cosme Soares revia-se nas graças seductoras das creanças, e a esposa, mais solícita do que elle, levantava-se, noite velha, para ir espreitar os netos e achegar-lhes das cabeças loiritas a coberta d'algodão.

O tio abbade e o irmão não lograram chegar, po-

rém, á maioridade dos rapazes; morreram com pequeno intervallo de um a outro.

N'esse tempo tinha Miguel dezesete annos e Manoel dezeseis.

Cosme Soares, a mãe, e a esposa vieram ao accordo de que Miguel se formasse em cirurgia, favorecendo d'este modo a posição de Manoel, que ficaria olhando e vigiando as propriedades. Eram causa d'esta resolução o genio, a intelligencia e o desamor de Miguel á agricultura.

Foi o rapaz estudar para o Porto e Manoel começou a orientar-se na direcção da casa e nos trabalhos do campo.

Ao tempo que Miguel Soares sahia victorioso das suas primeiras lides litterarias, dava a alma ao Creador a velhinha septuagenaria, que era sua avó. Por esta occasião escrevia Manoel Soares ao irmão, dizendo-lhe:

« Se estás arrependido, apesar dos teus progressos e da tua intelligencia, da posição que escolheste, vem.

« A casa tua é; eu sou apenas administrador e com isso me contento. Sabes que não tenho aspirações. »

Miguel Soares leu a carta do irmão e não veio; respondeu simplesmente:

« Eu estou bem. Vive tu a teu modo e véla por nossos paes. »

Vamos nós agora esmiunçar qual era o — bem-estar — do estudante, no Porto.

O leitor, vesado a quejandos enigmas, deslinda-se

magistralmente d'este. Succedêra a Miguel Soares o que, annos antes, acontecera em Lamego a seu pae.

Amava tambem.

Ai! o amor! E quem haveria ahi que pudesse resistir ao labutar constante da intelligencia, ás noites desveladas sobre os livros, se n'estas agruras do estudo lhe não entreluzisse, a espaços, o vulto luminoso da mulher querida?!

Miguel Soares amava; e n'esta phrase se resume um céo de felicidades e esperanças, raro aguadas por uma chuva de lagrimas, a qual, na peior hipothese, servia para fazer brotar e reverdecer novas felicidades e novas esperanças.

As lagrimas que seccam, que esterilisam, que requeimam o coração, essas devíam chegar mais tarde; e chegaram.

Acompanhemos Miguel Soares n'um dos dias mais angustiados da sua mocidade, até á porta da aula. É de notar que Miguel Soares vai de luto; morreu-lhe o pae, o velho Cosme Soares, o honrado e laborioso proprietario.

Morreu elle, abraçado á esposa, abençoando o destino dos filhos, á hora em que Manoel cahia no leito enfermo d'uma ascite, que o levou á sepultura d'ahi a oito mezes e quinze dias antes de Miguel, alanceado de saudades e de mágoas suas, longe do torrão em que nascêra, chorar as primeiras lagrimas torrenciaes da sua vida.

Miguel Soares tinha um amigo intimo; era um seu condiscipulo. Acompanhemol-o, pois, n'esse dia até á

porta da aula, durante o curto espaço da parlanda nos corredores.

— Que soubeste tu? — perguntou a Miguel Soares o condiscipulo precipitadamente.

— Está peior; muito peior — respondeu tristemente Miguel.

— Quem t'o disse?

— A criada, esta manhã.

N'este momento entrava o professor; o dialogo ficou interrompido.

Elucidemos o leitor.

Desaninhára-se a serpente da desgraça do seu antro d'escuridão e viera empeçonhar com a baba immunda os roseiraes floridos do paraizo de duas almas.

Grassavam a esse tempo, no Porto, as febres variolosas. A mulher que Miguel Soares amava do intimo d'alma, a unica que elle entrevia, na solidão do seu quarto, nas horas do estudo, essa, digo eu, cahira no leito, moça e formosa, para se levantar d'elle desfigurada com as marcas profundas que lhe crivavam a face.

Diziam os moços conhecidos de Miguel Soares, com grave injustiça ao seu caracter e á sua alma d'elle, que abandonaria, n'aquelle estado, a mulher que tinha amado bella e formosa entre as outras que mais o eram.

Não aconteceu assim.

Foi longa a doença e longa a convalescença tambem. Miguel Soares escrevia todos os dias á doente para saber do seu estado; a resposta, porém, vinha quasi sempre escripta.

Instou por fallar-lhe, quando viu que poderia obter o que pedia.

Conseguira elle que a senhora assentisse, emfim.

Escreveu-lhe ella indicando a hora da entrevista; o papel, porém, vinha humido de lagrimas.

O homem da Luiza da Granja, que me referiu a historia de Miguel Soares, substituiu, n'este lance, as palavras por lagrimas. Eu não sei pintar tamanha dor; imagine o leitor o que seria aquella entrevista.

Foi, supponho eu, um chorar anciado e afflictivo, um soluçar magoado da mulher que perdeu para sempre a mocidade e a belleza, e do homem que procura certifical-a de que para elle a belleza e a mocidade eram exiguos attractivos.

Não vingaram, porém, razões.

Entrou-se a consternada senhora de desgosto profundissimo. Nunca mais se avistou com Miguel Soares; entretanto escrevia-lhe e fallava-lhe do céo e do hymeneu de duas almas, que veriam lá alvorecer a sua aurora de felicidade.

Uma d'essas cartas foi a ultima; a mulher, que Miguel Soares amava, voou para o mundo dos espiritos.

Elle, o desgraçado moço, fugiu com a sua dôr e com os seus livros para o regaço de sua mãe, que chorava, a esse tempo, saudades eternas d'outro filho.

De dia, Miguel Soares assistia compadecido e carinhoso ao declinar da infeliz velhinha; de noite, lia ou velava, entrevendo a imagem saudosissima nas vigilias da leitura e nas insomnias da febre.

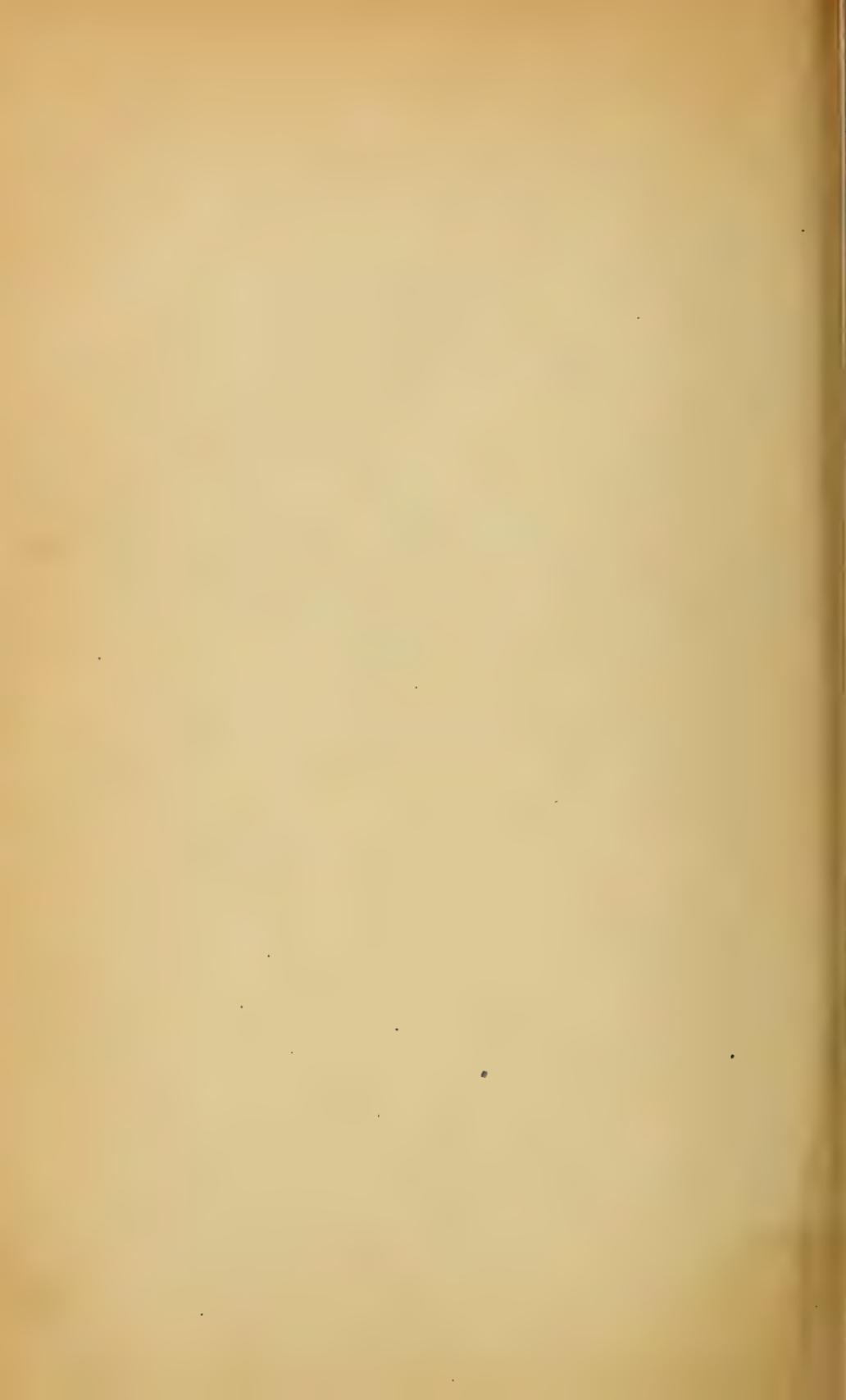
Miguel Soares viveu assim seis mezes.

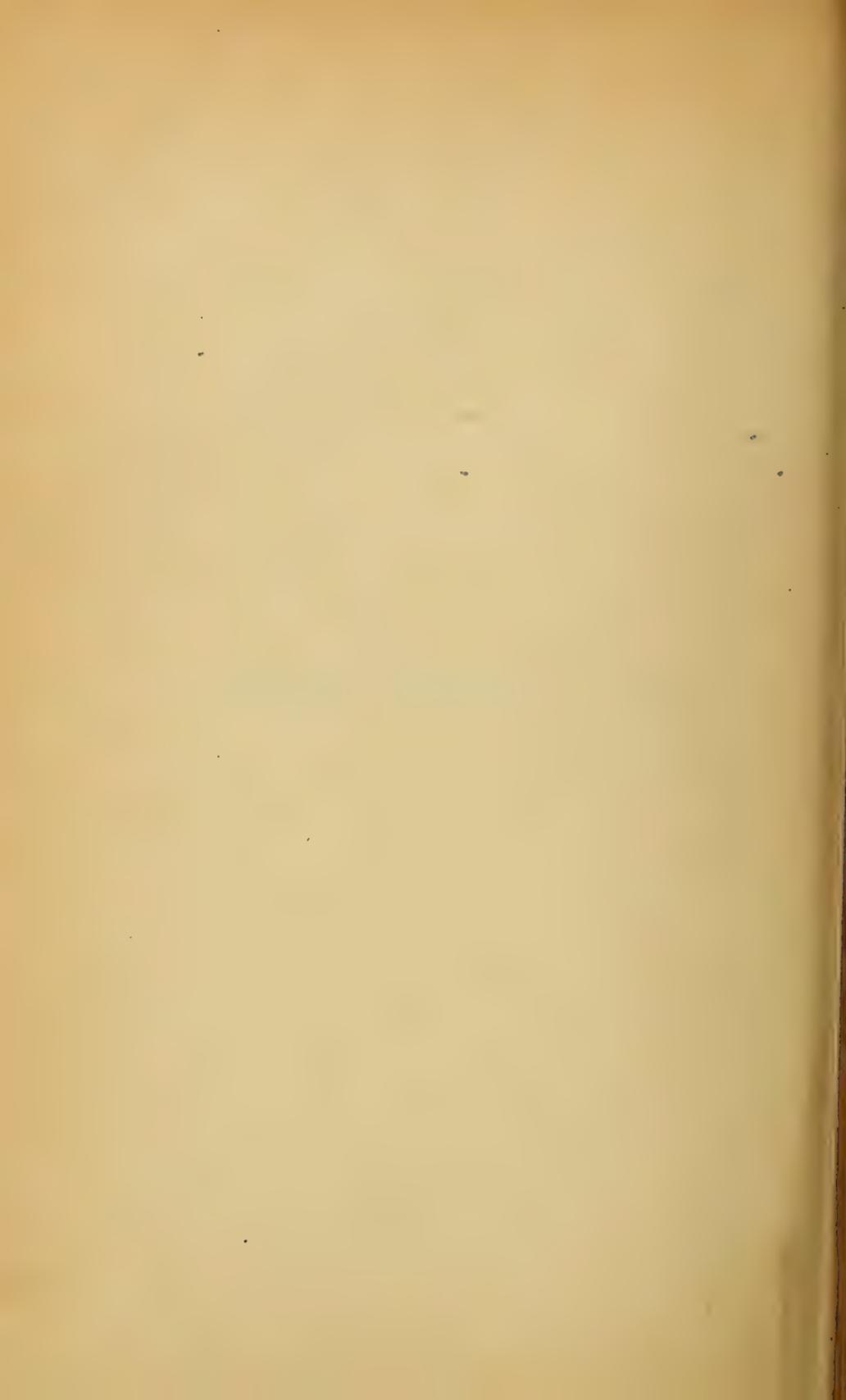
A consumpção foi lenta. Ao cabo d'esse tempo, porém, a alma de Miguel Soares foi realisar no paraizo o hymeneu aprasado.

Sahiu da quinta do Urgal a viuva de Cosme Soares amparada ao braço d'um criado. Dizia ella que ia morrer a Lamego no seio de dois irmãos que tinha, tragando saudades dolorosissimas do marido e dos filhos.

E lá morreu.

Os irmãos da defunta senhora, herdeiros d'ella, respeitaram e respeitam ainda a casa fatal, que foi tumulo d'uma familia inteira. Não lhe puzeram mão reformadora; seria doloroso para elles o remexer n'aquelle acervo de cinzas e ruinas.

Quinta de Villa Verde — 11 de setembro de 1868.

II

PEREGRINAÇÕES N'ALDEA

Este livro é verdadeiramente aldeão. Nasceu d'uma saudade — a saudade dos occasos e das alvoradas d'uma aldea — e anima-se d'uma esperança — a de ser lido nos alegres serões d'aquellas serras, que o inspiraram. Costumei-me a viver no campo desde pequeno. Sozello, uma aldeiola que se não encontra, talvez, na carta de Portugal, era tudo o que podia haver de suavemente delicioso para a minha infancia, «mea regna», como diria qualquer estudantinho de latinidade.

Sol fóra, quando as aves davam rebate nas ramagens do pomar, levantava-me para ir ter com os camponezes meus amigos e mais madrugadores do que eu. Já os encontrava na safra alegres e infatigaveis. Conversavamos todos os dias. Eu escutava-os, sentado a vêl-os trabalhar, e elles, sempre cuidadosos na tarefa, contavam casos de bruxas, historias d'amores e tradições do sitio.

Admirava-me eu de que nenhum dos ceifeiros aproveitasse uma aberta para se queixar da sorte que os obrigava ao rude trabalho de todos os dias, e

de que tão pequena povoação nos pudesse dar assumpto de sobra para tão estiradas palestras. A verdade era que trabalhavam contentes e que sempre tinham que dizer e contar. Invejei-lhes a sorte muitas vezes e, quando entrei na safra das lettras, lembrei-me dos ceifeiros de Sozello e senti alegria. Era um exemplo que dava conforto.

Ao anoitecer ia esperal-os á estrada e acompanhava-os até que cada um tomasse pelo caminho de casa. D'este peregrinar pela aldea, ao repontar do dia e ao cahir da noite, é que nasceu o livro que hoje se publica. A rusticidade do nascimento não lhe dá azo para largas ambições, e sou eu o primeiro a dizer que não as tem. Que me leiam em Sozello e dar-me-hei por bem pago. Que me leia o nosso regedor, um mocetão intelligente, que faria rir os meus amigos do Porto, se ouvissem discretear reflectidamente de litteraturas antigas e modernas a um homem de botas de montar, jaqueta de caçador e amplo chapeu desabado. Affiz-me a medir os regedores por aquella bitola e confesso á puridade que não pude ainda topar

outro regedor que servisse... para cabo de policia. O que é certo é que o «nosso regedor», como lá se diz, é um lavrador de boas lettras, que passa as noites d'inverno sentado á sua banca d'estudo.

Que me leia o professor...

Desconfio do exito d'um livro que principie por daguerreotypar notabilidades montanhezas. Seja como fôr, **PEREGRINAÇÕES N'ALDEA** *é o titulo; sirva isso de desculpa.*

O professor é um homem chão, que ensina pelo methodo do snr. Castilho e que se delicía com ouvir cantar os rapazinhos na sua escola. Não discursa philosophias ás creanças, porque nunca lhe fallaram n'essas coisas, e empenha-se por ensinar a lêr e escrever correctamente — o que, segundo penso, deve ser a suprema condição d'um professor d'instrucção primaria.

Esse quer-me parecer que hade abrir este livro e lembrar-se d'um rapazinho de sete annos que peregrinava por aquellas serras com os camponezes do sitio — o qual rapazinho era eu.

Vão passados quatorze annos depois d'isto e durante tão longo periodo tenho continuado a visitar a aldea de longe a longe.

Não encontro nunca differença: a mesma serenidade e o mesmo remanço. Muitos dos camponezes do logar, que eram velhos ha quatorze annos, morreram já. Escuso de perguntar por um que falte; é olhar para o cemiterio e vêr uma cruz a mais...

De resto está tudo como era: Os mesmos tectos colmados, o mesmo presbyterio voltado ao occidente e, em opposição ao presbyterio, a mesma casa de escola, pequena como qualquer colmea, a olhar para o levante, que é d'onde apparecem os astros... Sempre se me affigurou que devêra ser esta a verdadeira posição das escolas. E, de manhã ou de tarde, os mesmos murmurios nas ramagens, a mesma festa no ar e a mesma tranquillidade no coração!

Junho de 1870.

OS SINOS D'ALPENDURADA

(AO SNR. J. J. RODRIGUES DE FREITAS)

> **Os sinos, collocados em campanario de parochia aldeian ou de mosteiro solitario, são uma cousa poetica e santa; os sinos, pendurados nas torres garridas de garridissimas igrejas das cidades de hoje, são uma cousa estupida e mesquinha.**
>
> ALEXANDRE HERCULANO.

I

Solidão, tu és para o nosso espirito o espelho do passado, o eterno livro das saudades eternas. Dos teus cerros desertos vê o homem perpetuamente aberto diante de si o livro angustioso da sua vida passada e sente sobre o peito o enorme peso do tempo que tem vivido. A tristeza e a saudade são tuas filhas, ó solidão. Não ha sentimentos que mais pareçam irmãos, porque não ha tristeza sem a consolação da saudade, nem saudade sem o travor da tristeza.

É pelas horas mortas da noite, no maior silencio

do maior dezerto, que o nosso espirito anda a pairar, como abutre esfaimado, sobre os mil cadaveres das gerações que foram.

Com ruinas recompõe o homem cidades, com cadaveres reorganisa sociedades e, fazendo estancar o curso da existencia para o reatar depois, volta sobre o caminho do passado e segue com os olhos do espirito as mil evoluções das sociedades na área de mil cidades, que se levantam do tumulo, como corpos reanimados por milagre da sciencia.

E que sciencia é esta? O' saudade, ó filha da solidão, és tu e só tu, que és um como sentido interno do homem e vales mais do que todos os cinco sentidos do corpo És tu e só tu, ó saudade. O corpo humano é uma machina d'abstracções, disse um philosopho, porque cada sentido tem aptidão especial para determinadas percepções, e é o nosso espirito que chega á synthese reunindo em grupo os conhecimentos abstractos. Apaguem o sol e digam aos olhos que vejam; não dêem ao homem a possibilidade de transpor as distancias e mandem-n'o tactear os objectos remotos. Tu, porém, vês na escuridão, ó saudade, ouves tudo, tudo sentes e de tudo te aproximas. Embora sejam imperfeitos e pouco desenvolvidos os sentidos, sempre tu sabes desenhar intimamente o quadro das nossas recordações com a mesma clareza. Não, tu não estás dependente da materia. Como o homem n'um sonho ou n'um delirio, tens sempre a mesma sensibilidade, sem a intervenção dos orgãos externos e sem a acção de objectos reaes. Saudade, tu és a consciencia... do passado. Por ti só

adquires conhecimentos, por ti só chegas á synthese das cousas, por ti só operas milagres. És um sentimento ou uma ideia, vives no coração ou no cerebro, dize-me quem tu és, ó saudade?

Sinto que te aproximas de mim e adivinho a tua mão invisivel a apontar-me para as solidões do monte Arados, que se debruçam sobre o Douro, namoradas da corrente. Vejo d'aqui alvejar a velha casa dos padres de S. Bento, uma legoa acima de *Entranbolos Rios*, como dizem as chronicas, entre as arvores frondosas da cêrca e ao lado do campanario magestoso do templo. Os ultimos clarões do sol coroam de fogo as montanhas do occidente. Tudo é silencio e saudade...

Embaixo, no valle, deslisa sereno o rio. Em frente, na margem esquerda, ergue-se o rustico presbyterio de Sozello, olhando para o poente. D'um lado e d'outro do Douro fumegam as cabanas e as casas de campo. Aproxima-se a noite e morre o dia.

Ouvem-se os sinos d'Alpendurada... Trez vezes soaram vagarosos e sonoros. *Ave-Maria*, dizem os trabalhadores que voltam da safra, descobrindo-se e parando...

II

Tinha desabado sobre as margens do Guadalete o colosso da monarchia visigotica arreigado ao chão das Hespanhas pelo lento decurso de muitos annos. Estremeceu a Peninsula ao desabar do gigante, que expellia o derradeiro alento pela garganta do moribundo

Ruderico e que sentia, sobre o corpo exhausto, referver a onda tumultuosa da soldadesca musulmana. Espraiou-se a turba ambiciosa ao longo do terreno conquistado, não sem frequentes luctas travadas entre vencidos e vencedores, não sem derrubar as barreiras que empéciam a marcha triumphante. Havia, porém, um ponto de defeza, que não tinha sido vencido; uma selva de franskisks o resguardava. O baluarte invencivel eram as montanhas das Asturias. Era lá que um punhado de godos mettia hombros á molle gigantesca da multidão agarena.

Onde não appareceu o braço de Pelagio, facil foi a conquista. Grande era a matança e grande era a ruina. Serenada, porém, a febre da victoria, a tolerancia arabe deixou respirar menos anciosamente a população christã. Todavia a raça germanica preparava na obscuridade a guerra da reconquista para expulsar da Peninsula o leão do dezerto, a raça semitica, que tinha arrastado comsigo o luto e a desesperação. Então os arabes, conhecendo a reluctancia da sociedade romano-goda, faziam pesar sobre as cidades, que dominavam, o seu jugo de ferro, immenso e oppressor.

III

Era uma formosa dama aquella por quem se morria d'amores o namorado Munio Viegas. N'ella só pensava, a ella só queria. Senhor de vastas propriedades nos terrenos proximos d'Alpendurada, estava prestes

a desposar a sua noiva, e cada dia mandava arreiar de novos brocados a alcova nupcial, que preparava para o noivado.

Quantas noites de luar não passou elle a olhar para a corrente saudosa do Douro, que se espreguiçava no valle, como que a perguntar ás aguas do rio se não se realisaria emfim o hymeneu desejado!

O verdadeiro amor tem d'estas maguas e d'estes doloridos receios. Parece que lhe foge o mundo e o tempo, porque para o verdadeiro amor todo o mundo é pequeno, toda a eternidade é breve...

A esse tempo o sacerdote Velino tinha recebido, em sonhos, inspirações celestes. Uma voz sobrenatural o avisara para que levantasse, entre a *Agoa de trez Sequeyros e das Lagoas*, como refere o tomo segundo da — *Benedictina Lusitana* — um templo votado a S. João Baptista.

Sentiu-se Velino fraco de mais para tamanho commettimento e chamou em seu auxilio a Arguirio, homem honesto e reverente a Deus. Foram-se os dois a descobrir o sitio marcado pelo dedo da Providencia. Velino não conhecia o logar designado como por si mesmo o confessa n'um pergaminho do cartorio do mosteiro de Alpendurada:

«Ignorava eu qual fosse o logar marcado. Sol fóra, ergui-me e fui-me a Campanellas em demanda d'Arguirio.»

Conchavaram-se os dois no segredo revelado pelo ceu a ambos elles, por isso que o bom Arguirio tinha recebido inspiração igual á do sacerdote Velino. Des-

coberto o terreno, começaram os trabalhos da edificação do oratorio, que no mesmo anno se concluiu, debaixo da protecção do bispo do Porto, D. Sesnando, primeiro do nome. Imaginai agora o que seria aquelle templosinho rustico quasi escondido entre sarças e continuadamente guardado pela vigilancia piedosa do sacerdote Velino.

A' hora do sol-pôr, alguem ia ajoelhar-se nos degraus do oratorio e fazer oração por longo tempo. Alli se ficava esquecido o cavalleiro Munio Viegas a praticar com Deus. Era aquella uma oração de todos os dias em que o moço namorado repetia sempre a mesma supplica: desposar a sua dama. E uma chuva de lagrimas, que pareciam sempre as mesmas, por isso que eram sempre abundantes e ardentes, vinha rociar a quotidiana prece. Quando o sacerdote Velino se aproximava para accender a lampada que allumiava o altar da sua ermida, erguia-se o cavalleiro e lá se ia pelo caminho fóra entregue aos mesmos pensamentos da vespera e do dia seguinte...

D'ahi a pouco a campa sonora da ermida de S. João Baptista trez vezes soava compassada as badaladas da oração da tarde.

IV

Um dia um cavalleiro arabe contemplára com olhos apaixonados uma dama formosissima. Elle, o guerreiro indomavel, que se não temia das hostes

christãs, sentiu-se fulminado pela belleza esplendida d'aquella angelica mulher. E foram-se-lhe os olhos no feminil encanto das formas vaporosas. E anciava-lhe o peito por arrancar ao dominio paternal a creatura formosa que seria leve de mais para a garupa d'um cavallo acostumado ao retinir das batalhas.

Resolvêra o cavalleiro arabe possuir a dama encantadora como a fada das lendas orientaes. Vel-a e não a possuir, era o supplicio de Tantalo. Chegára a occasião em que o guerreiro das hostes musulmanas defrontára com o velho christão, pae da formosa senhora. Fôra solemne a conferencia. Um abysmo profundo, immenso, insondavel, separava, na mesma sala, os dois interlocutores.

Essa barreira que os distanciava a ambos era a desigualdade das raças, a differença enorme do sangue, a sobranceria do vencedor e o orgulho do vencido, a crença religiosa e a crença politica, tudo quanto podia emfim separar o cavalleiro christão, de sangue godo, do guerreiro agareno, usurpador das Hespanhas. E depois os castos amores da timida donzellinha com o castellão Munio Viegas? E o dia aprasado para as nupcias? E as flores que a noiva já tinha recebido? E os protestos que tinha feito em paga? E o coração que estalava d'amores? E os olhos que choravam de esperança? E as supplicas na ermidinha de S. João Baptista? E... o amor, o amor, com estes encantos que tem, com estas alegrias que traz, com todo este mundo que é seu?

— Oh! não, mil vezes não! dissera o cavalleiro

christão em resposta á petição calorosa do guerreiro arabe.

V

Fôra memoranda esta lucta travada entre dois homens de crenças e raças differentes. Não teria sido decerto mais perigosa e menos encarniçada, se se houvessem arremessado um contra o outro com a furia sanguinaria de dois leões do dezerto. Para ambos decidia da vida. O guerreiro agareno daria a existencia por possuir a dama. O cavalleiro christão, se ficasse vencido, cahiria fulminado de morte com o peso da deshonra.

— Oh, não, mil vezes não! repetiu ainda embravecido o velho, aprumando-se solemne e magestoso.

— Oh, não, mil vezes não! dissera de novo, se a morte lhe não viesse interceptar a voz na garganta.

E cahira no chão, morto ás mãos do cavalleiro do Islam, sem poder puxar da espada curta e larga, que tinha herdado de seus avós nobilissimos.

Ao baque do cadaver acudira a turba dos criados e a filha lacrimosa, espirito archangelico, que, se não visse seu pai morto, fugiria do sangue que espadanava das feridas como a pomba deve fugir d'um banquete de tigres.

O guerreiro arabe, ao vel-a, recuou como por um movimento instinctivo e, passados alguns momentos, quando queria estreitar nos braços a visão formosa,

sentiu-se petrificado diante de um espectaculo medonho. A dama christã, tirando da sua fraqueza feminil o supremo esforço do desespero, havia arrancado do seio paterno o ferro ensanguentado para o cravar heroicamente no proprio seio.

Quando a noticia da catastrophe chegou aos aposentos de Munio Viegas, recebeu-a elle de olhos enxutos, sem descorar nem tremer.

Lançou mão das suas armas, embraçou o escudo dos Viegas, que tem *quatro bandas de prata sobre campo azul e por timbre um leão pardo picado de prata,* e relanceou saudosamente os olhos ao redor do aposento.

Volvidos momentos, alguem o viu sahir em direcção á capellinha de S. João Baptista.

Que supplicas dirigisse a Deus, ninguem o soube. Ao afastar-se, sahiu-lhe ao encontro o sacerdote Velino.

As palavras que Munio Viegas lhe dirigiu, foram estas:

— A vingança chama por mim, padre. Quizera empoçar no chão das Hespanhas todo o sangue das tribus agarenas para afogar n'elle o assassino infame. Ora por mim e vai accender a lampada da tua ermida. Adeus, Velino.

Pouco depois soavam *Ave-Marias* na campa da ermidinha. Munio Viegas ouviu, a curta distancia, as trez badaladas e por muito tempo julgou ouvil-as ainda.

VI

O peregrinar de Munio Viegas seria o vôo compassado e doloroso da andorinha, que vai ferida, ou a carreira impetuosa do leão sedento e faminto? Uma e outra cousa era.

Ora parava para descançar e então se ficava a chorar e a scismar por longo tempo, ora caminhava velozmente, como se a terra tentasse fugir-lhe e elle a quizesse reter debaixo dos pés. Que saudade e que tristeza, quando sentia ainda nos ouvidos o som já extincto dos sinos da ermidinha! Que ferocidade selvagem, quando um pensamento de vingança lhe incendiava o cerebro e o coração!

Onde Munio Viegas se encontrou com os mouros, não dizem as chonicas. Sabe-se apenas que muitas vezes tingira a sua espada no sangue dos soldados agarenos e que ficára prisioneiro em uma das refregas.

Estava, pois, no captiveiro, como refere o pergaminho do cartorio de Alpendurada. Oh! longas noites de luar em que se ficava a espreitar o ceu azul pelas grades estreitas da prisão, quantas vezes a vossa serenidade lhe não vinha embalar a alma nas harmonias dos córos angelicos em que distinguia a voz dolorida da sua noiva?... Dias de viuvez, horas de captiveiro, que ha de infernal e horroroso que se vos possa comparar? E, no meio d'estas tribulações de martyr, ainda um pensamento de doçura — Deus —,

ainda uma aurora — o ceu —, ainda uma esperança — o noivado d'além da campa!

Ouvira Munio Viegas contar, no captiveiro, os milagres do santo da ermidinha e para logo, dia e noite, prometteu servil-o reverentemente, se voltasse livre e lograsse morrer em sitio onde se derramassem as harmonias do pequeno sino, que tantas vezes escutára, á hora do sol pôr.

Consummou-se o milagre, e voltou Munio Viegas. Demudado vinha, porém. Quando o sacerdote Velino olhou n'elle, desconheceu-o. Munio Viegas vinha velho, triste, alquebrado.

Largo espaço praticou com Velino e com o monge Exameno, que a esse tempo auxiliava o sacerdote, sobre os prodigios do santo e as tribulações do captiveiro. Revelou-lhes o intento em que estava e, poucos dias depois, fazia doação de todos os seus bens, que muitos eram, a S. João Baptista, orago da capellinha.

VII

O oratorio levantado pelo sacerdote Velino é hoje o mosteiro de S. João de Alpendurada ou Pendurada, *derivando-se o nome,* como escreve o padre Carvalho na sua — *Corographia, — de um alpendre da porta, ou do despenho que faz para o Douro.* Não sei por qual das duas origens me decida.

Parece-me boa a primeira, que confirma a antiguidade do mosteiro, por isso que o padre João Chry-

sostomo da Veiga, no tomo primeiro da — *Historia universal*, — escreve o seguinte: «Os templos tinham um alpendre á porta principal para os penitenciados; e aquelles, aonde ainda hoje ha vestigios d'estes tectos, são os mais antigos.» Antolha-se-me tambem acceitavel a segunda origem, pois que o mosteiro fica pendurado das rochas do monte Arados sobre o rio Douro.

Seja como fôr. O que é certo é que eu, ao escutar os sinos de Alpendurada, sinto reviver-me na memoria a historia dolorosa do cavalleiro desventuroso. Póde dizer-se dos sinos d'este mosteiro o que um chronista escreveu dos sinos do Bussaco: *São igualmente sonoros e saudosos.*

HISTORIA AZUL

> A quelque temps de lá, une âme sainte vit deux formes lumineuses monter vers le ciel. . .
>
> LAMENNAIS.

Joãosinho, meu querido irmão, vou escrever esta historia para a tua pequenina pessoa. Gosto muito dos meninos da tua idade que são puros como um raio de sol. Muito mais gosto de ti, porém, que és a alegria da nossa casa, a felicidade do nosso lar. Quando a gente te colhe nos braços, sente-se ufana como se tivesse cingido o globo d'um novo mundo, que mais tarde hade mover-se nos espaços com as suas trevas e com os seus crepusculos. Consola a alma ouvir-te pipitar esse dialecto mysterioso dos dois seres mais irmãos da creação — os passarinhos e as creanças...

Jesus Christo morria-se d'amores pelos meninos, porque sabia que inneffavel doçura ressumbra d'aquellas almas. Fico-me muitas vezes a contemplar o quadro de Benjamim West, que representa o Senhor acolhendo as creanças, conforme a passagem do evan-

gelho de S. Matheus. E' um delicioso poema d'amor aquelle quadro! Encanta vêr como o Homem-Deus se desentranhava em affectos ao receber, á porta da vida, as pequeninas creaturas ainda não maculadas pelo contacto dos homens.

Joãosinho, meu pequenino irmão, faze por não desplumar nos silveiraes da vida as azas brancas que te deu a innocencia. Quando um passarinho desce á terra, deve evitar a traição dos maus rapazinhos d'aldea, que andam armando no prado. Se pôde fugir incolume, recebeu um aviso. Se, ao esquivar-se, deixou uma penna nas sebes insilveiradas, sentiu a primeira dôr. Se os rapazinhos o aprisionaram, perdeu a felicidade e melhor seria ter perdido a vida. Perder a felicidade é viver a vida da tristeza, do silencio e da solidão. Depois que está presa a pobresinha da ave, que importa que seja doirada a sua gaiola ou que lh'a cinjam de folhagens verdes para provocar o canto? São tudo primaveras fingidas, opulencias de vegetação tecidas pela mão do carcereiro. A gaiola é uma prisão, por isso é triste e odiosa...

Esta historia, que te vou contar, é um aviso. O que acontece com os passarinhos acontece com os homens. De sentir a primeira dor a perder a felicidade vai o tempo preciso para a nossa alma percorrer toda a escala dos soffrimentos humanos: — um momento. Se forem doiradas as algemas que nos roxeam os braços, somos duplicadamente desventurosos. Perder a felicidade é mau; ter a consciencia de que se perdeu, é peior. O sol, ao espelhar-se no metal doirado

das nossas cadeias, mostra-as claramente aos olhos marejados de lagrimas.

Este quer-me parecer o maximo supplicio da vida.

Absorve-te no trabalho, que é o paraiso; põe de parte a ambição, que é o inferno. E' ainda a ambição de ter duas patrias, a do ceu e a da terra, o que perde os passarinhos. Se não descessem das alturas, evitariam as redes que lhes armam.

Ouve-me agora: mais tarde pensarás n'isto. Quero ensinar-te a respeitar as dores alheias, para que respeitem as tuas, se acontecer rasgares as azas nos espinhaes da tua carreira.

Chama-se *Historia azul* o que te vou contar. Por que?

Porque é uma historia mais do ceu que da terra, mais das estrellas que dos homens...

I

Tinha o Julinho sete annos, quando a mãe o levava ao adro d'aldea, á hora do sol pôr, para o ensinar a resar diante da cruz de pedra, que defronta com o templo. Era triste e doente aquella senhora fidalga da quinta de Covas, casada com um homem que passava os dias a conversar com os feitores sobre projectos de novas plantações, porque nunca se viu proprietario mais ambicioso ou mais trabalhador.

A casa de Covas fica entre dois montes cobertos de pinheiraes, que projectam sombras na corrente do

Paiva,—um rio triste e negro, que banha o pomar da quinta e vem desaguar no Douro.

Por alli tenho peregrinado vezes sem conto e sempre me sinto opprimido, quando do cimo do monte olho para as aguas escuras e tumultuosas do rio e vejo ao lado a casa de Covas afogada em pinheiraes, n'aquelle dezerto medonho . . .

A senhora D. Maria das Dores vivia triste, como já dissemos. Momentos d'alegria, mas deixem-me dizer assim, d'alegria melancolica, só os tinha, quando apertava contra o seio o filhinho de sete annos, que estranhava ver lagrimas nos olhos de sua mãe, cujas faces cobria de beijos. Por que chorava aquella pobre senhora? Estes mysterios do coração são impenetraveis para a razão fria do homem, que procura explicar todos os segredos da creação por uma sciencia frivola, que para si creou. O' philosophos, que gastaes a vida a tentar resolver os phenomenos da terra sobre que andaes e de que vos julgaes senhores, dizei-me por que razão nasce o lirio pendido para o chão com geito de tristeza em vez de se erguer, orgulhoso de si, como as outras flores suas irmãs? Não quero já pedir-vos que me expliqueis as maravilhas celestes, nem que me falleis da pluralidade dos mundos, por que me apavora até saber que ha tantos planetas na immensidade dos espaços, quando attento na humanidade e a vejo commodamente n'uma nesga de um unico planeta... Não vos peço que me digaes d'essas coisas, que hão-de ser para vós uma duvida eterna, uma ancia de saber só comparavel á sêde afflictiva do viajante no dezerto.

Fallae-me do que é terreno, do que todos os dias tacteaes, por assim dizer; de tudo o que estudaes desde que a terra se move e os homens a povoam. Não sabeis; que bem vos vejo disfarçar a commum ignorancia com palavras arrevesadas do vosso vocabulario. A sciencia que vós apregoaes, ó sabios do mundo, não nasceu de vós mesmos, não partiu d'um raio luminoso do vosso espirito.

Sois navegadores, é verdade, mas dizei-me se não aprendestes a navegar com essas grandes ilhas fluctuantes, pequenos mundos de verdura, que pairam á flôr dos oceanos, e com essas enormes montanhas de gelo, que sulcam os mares dos pólos e fazem lembrar abertas em arcarias, abobadas de cristal doiradas pelo sol.

Sois aeronautas? Confessae com franqueza que as avesinhas, menos vaidosas que vós, vos ensinaram a devassar os ares, remando com as suas pequeninas azas; — exemplo que vos deu tambem grandissimo auxilio para a navegação dos rios e dos oceanos.

Sois exploradores? Devassaes o seio da terra para desentranhar metaes preciosos? Dizei-me, porém, se não aprendestes nada da toupeira e do coelho, que minam a montanha para se esconderem dos discipulos ingratos.

Sois architectos? Levantaes ao ar as vossas construcções trabalhosas?

Declarae-me então, sem fumaças de vaidade fatua, se não aproveitastes com o exemplo do castor, que edifica a sua casa consoante os conhecimentos d'uma geometria instinctiva e natural.

Não invejo a vossa sciencia, ó sabios do mundo. Perguntei por que chorava aquella pobre senhora da quinta de Covas; e sei que ninguem cabalmente me poderia responder.

Não a festejava o marido com sincera ternura, ao almoço, á hora do jantar e quando á noite recolhia de andar nos campos a espionar os quinteiros? Não o amava ella como se ama uma alma que é um complemento da nossa, uma vida que nos pertence e dá qual dependemos tambem?

Não era aquelle filho o filho do seu amor, o allivio dos seus desalentos, o luar saudoso das noites do seu coração? Por que chorava, pois, D. Maria das Dores lagrimas que não tinham justificação possivel? Não sei, não sabe ninguem. Melancolias dos espiritos fracos, que só uma alma confidente póde dissipar.

Manoel de Noronha era ambicioso, e esta tendencia da sua alma aggravava as tristesas da esposa melancolica, que se via só com o filhinho. Detesto, aborreço a ambição dos homens, que me parece a causa primaria de se infamarem uns aos outros, como se não fossem irmãos.

Seria a melancolia de D. Maria das Dores um presentimento alimentado pela solidão e pela visinhança lugubre do rio Paiva? Quem sabe! Mas os presentimentos são extravios da imaginação, dizem os sabios, e os sabios passam pelo que mostram sêr...

II

O adro da aldea é d'uma simplicidade solemne. Fechado por uma sebe de flores silvestres para impedir a invasão das manadas que pastam nos lameiros proximos, não tem mais do que uma cruz de pedra, que domina os cómoros arrelvados — leitos mortuarios de muitos camponezes do sitio. O quadro, como vêem, não póde ser mais singelo nem mais tocante.

Sou grande respeitador do culto devido aos mortos e inclino-me a pensar com Michelet no seu livro = *Nos fils* = que esta adoração pelos mortos depende directamente do amor pela familia.

Não sei como o homem possa viver feliz longe do remanço dos lares e da companhia das pessoas que o viram nascer.

Um dia a vida d'uma d'essas pessoas extingue-se nos nossos braços, e quando ha um logar vasio á nossa mesa enche-se mais uma campa no cemiterio, que tambem nos espera a nós.

Por que razão não havemos de ir visitar á sua ultima morada a pessoa que nos falta e que nos iria visitar tambem ao mesmo logar, se nos sobrevivesse? Quem não faz isto não paga o que deve, creio eu, e revela uma alma dura como a rocha e fria como o gelo. Estas cousas, quando se sentem, dizem-se sem rebuço, embora os meticulosos as tomem á conta de proprio encarecimento.

*

«O cemiterio, escreve Michelet, é um orgão essencial da cidade, uma potencia de moralidade. Uma terra sem cemiterio é uma terra barbara, arida e selvagem.» Quer-me isto parecer sublime verdade.

Uma cidade que se vá levantando sobre cadaveres que não venera, affigura-se-me que cedo deve ruir em terra, porque é uma cidade edificada apenas sobre cinzas...

Este anno, no dia em que se celebrou a festa da Lapa, entrei no cemiterio com Souza Viterbo, o meu amigo de infancia. Passamos por entre as campas cobertas de flores e de luzes e fomos visitar o tumulo de Soares de Passos, que transbordava de *bouquets* e folhas soltas.

Estavamos em muda contemplação diante d'aquelle túmulo venerando, quando se aproximou uma senhora que, escondendo o rosto na marquezinha azul-celeste, pousou o seu ramilhete na pedra tumular do poeta do = *Firmamento.* = Ficamos extaticos diante d'essa veneração espontanea, rendida a um homem que já não vive.

Souza Viterbo, despertando de um como sonho, arrojou para dentro da grade, com um movimento febril, uma rosa franceza que trazia.

Esta visita ao cemiterio da Lapa deixou-nos recordações para sempre, supponho eu.

Ponhamos porém de parte estas cousas, que se não devem dizer com similhante franqueza; e voltemos a fallar da senhora fidalga da quinta de Covas.

Costumava ella visitar o cemiterio todas as tardes.

Alli se demorava com o filhinho, sentada nos degraus do cruzeiro, a olhar para os cómoros que escondiam os cadaveres das pessoas da sua familia — pai e mãe.

Ás vezes voltava-se para o Julinho e dizia-lhe com ineffavel doçura:

— Julinho, meu filho, quando eu morrer, has de vir rezar por mim a esta mesma hora, pois não has de?

O menino chorava, passava a mão pequenina pela face pallida da mãe e respondia convulso:

— Não diga isso, mamã, que me faz ter vontade de chorar.

Um dia D. Maria das Dores sentiu-se mais triste do que nunca, chamou a si o filhinho, cobriu-lhe as faces de beijos e apertou-o contra o seio com dolorosissima ancia.

Momentos depois iam mãe e filho em caminho do cemiterio. Declinava a tarde. E' preciso ter vivido n'aldea para comprehender a suave melancolia d'aquella hora. Parece que toda a vida organica se suspende n'um extasi, e quando momentos depois despertamos para a realidade da vida, sentimos tedio do contacto dos homens. D. Maria das Dores sentou-se n'um degrau do cruzeiro. O Julinho teve a lembrança de colhêr flores silvestres e pediu á mãe que lhe entretecêsse uma coroa.

— Para que? perguntou D. Maria das Dores.

— Para pendurar no cruzeiro, como fazem as raparigas, quando é dia de romagem.

Vibraram as badaladas da *Ave-Maria*. Tinha expirado o dia; era aquelle o signal.

D. Maria das Dores parou muitas vezes no caminho a olhar para o adro, como se tivesse saudades da coroa que entretecêra e orvalhara de lagrimas... Lá estava, a distancia, essa grinalda singela pendente d'um braço da cruz, n'aquella immobilidade que nós estranhamos em certos objectos, quando os havemos tacteado, convulsos e deslembrados de que a materia inanimada não póde partilhar e receber as nossas proprias sensações.

III

N'essa mesma noite disse Manoel de Noronha, á mesa da ceia, estas palavras, que dilaceraram o coração de D. Maria das Dores:

— Sabes uma cousa? E' preciso mandar o Julio para a cidade.

— Para a cidade? atalhou ella sobresaltada.

— Sim. Está em idade de entrar n'um collegio. Sou lavrador e não gosto de vida que não seja a dos campos. Conheço, porém, que me corre obrigação de mandar educar o pequeno, de modo que possa entrar á companhia dos fidalgos seus parentes. Não sou egoista. Trabalhei e trabalho ainda para evitar que meu filho rabalhe. Este entendo eu que é o verdadeiro amor sem tintura de cousa estranha a um coração de pai.

— Dizes bem, respondeu D. Maria das Dores reprimindo na garganta um grito de afflicção.

Depois, dolorosamente salteada por uma ideia horrivel, perguntou de subito:

— E quando tencionas que vá?

— Por estes dias. O primo Gaspar de Paiva vai ao Porto; eu vou com elle e levo o pequeno. Sei que has de ter saudades, mas não imponho ao teu coração um sacrificio que não tenha sido experimentado pelo commum das mães. Estes golpes são para todas. Pouco tempo me demoro; trez ou quatro dias, apenas.

D. Maria das Dores não respondeu. Momentos depois sahiu da sala, correu ao quarto do filho, debruçou-se sobre o leito onde elle dormia o placido somno da infancia, e pôde chorar livremente.

Trez dias passados, havia na casa de Covas o silencio lugubre dos tumulos. Tinha partido o Julinho. Não posso descrever o que fosse aquelle quebrar de amorosissimas cadeias na hora da partida. O que sei é que as criadas de Covas trouxeram a fidalga desmaiada para o leito, e que os criados partiram para Sinfães e Castello de Paiva a procurar os medicos d'estas localidades.

Não era preciso, porém, tamanho alvoroço. D. Maria das Dores voltou a si, e com a turbada memoria de quem desperta d'um somno profundissimo, perguntou placidamente o que tinha acontecido. Receiaram as criadas aggravar a conjunctura com palavras indiscretas, e calaram-se. A fidalga passou a mão pela testa, afastou as tranças negras que lhe cobriam os hombros e disse com tranquillidade:

— Já sei. Roubaram-me o meu filho.

Quiz encostar-se á travesseira e não pôde.

Ajudaram-n'a a deitar-se; e sentiram-n'a cahir em

somno. Quando D. Maria das Dores acordou, volvidas horas, viu ao lado do leito o medico de Castello de Paiva, amigo da casa.

Um criado velho, que tinha quasi as honras de mordomo pela antiguidade do serviço, esperou o doutor no pateo e inquiriu da saude da fidalga.

— Está gravemente doente, disse o facultativo. Já perguntei lá em cima quando o fidalgo viria e disseram-me que tencionava voltar dentro de trez dias. Foi gravissima indiscreção tirar o filhinho a esta pobre senhora, cujo temperamento é extremamente delicado. O que julgo melhor é mandarem ao Porto chamar o fidalgo. Os criados que soltem redeas aos cavallos e que se não demorem nas estalagens. O snr. D. Manoel de Noronha que se não demore tambem e que traga o filho comsigo.

O doutor cavalgou, estimulou a égua com os acicates e, ao transpor o portão, tornou a dizer:

— Que traga o filho comsigo. Pode ser um remedio efficaz.

Ao outro dia de manhã chegaram ao Porto dois criados da quinta de Covas. Criados e cavallos vinham extenuados d'aquelle jornadear por serras da beira Douro.

Costumava Manoel de Noronha hospedar-se na rua do Sol em casa d'uns parentes nobres, quando vinha ao Porto.

Foram os criados á rua do Sol e perguntáram pelo amo. A resposta que lhes deram orçou por isto:

— O primo Noronha e o menino chegáram hontem

á meia noite. O menino vinha doente; foi preciso chamar facultativo. O primo passou toda a noite em claro; de madrugada, quando viu o filho menos delirado, recolheu-se.

— Pois o menino esteve delirado? perguntou subitamente um dos criados.

— Esteve. Entrou aqui nos braços do snr. Gaspar de Paiva, que a pobresinha creança não tinha forças para guiar o seu cavallo. O primo Noronha vinha triste, que fazia dó!

N'isto abriu-se uma porta que dava para a escada. D. Manoel de Noronha ouviu do seu quarto a voz do criado, conheceu-a e levantou-se n'um impeto.

— Que ha? perguntou elle anciosamente.

— A snr.ª fidalga está em perigo de vida. Chamou-se o doutor de Castello de Paiva e por sua ordem viemos trazer aviso a v. ex.ª e ao menino, respondeu um dos criados.

— O doutor disse mais, acrescentou o outro criado, que v. ex.ª devia partir immediatamente e levar comsigo o menino — o menino que podia ser o unico remedio para a snr.ª fidalga.

— Que desgraça eu fiz! exclamou D. Manoel de Noronha. A pobresinha creança não pode ir, que está cheia de febre e passou toda a noite a pronunciar o nome da mãe. O facultativo recommendou a maior discreção.

Disse e pareceu meditar alguns momentos; depois, como assentando n'uma resolução, exclamou:

— Eu vou com vocês. O menino fica entregue aos

cuidados d'esta familia, que é sua parente e ha de velar por elle como eu. Não ha outro meio de sahir d'esta rede de desgraças, que involuntariamente teci.

IV

Deixemos em silencio os acontecimentos de quarenta e oito horas.

Dois dias depois de D. Manoel de Noronha encontrar a esposa gravemente enferma, recebeu noticias do Porto e soube que o menino peiorava de hora a hora. Na noite d'esse dia D. Maria das Dores encostou-se nos braços do marido e disse em ancias, que pareciam de morte, que estava a vêr o filho, envolto em roupagens luminosas, a chamal-a do céo.

Dizia isto, e sorria com ineffavel doçura.

A' meia noite tornou a fallar do filho, que continuava a chamal-a das alturas; e fez menção de se levantar, como a ave que tenta desferir vôo. N'este movimento impotente foi-se-lhe a vida. D. Maria das Dores cahiu adormecida para sempre nos braços do esposo angustiado.

É-nos dado vêr o que se passava, uma hora depois, na casa da rua do Sol, no Porto.

Contorcia-se o menino em dolorosos soffrimentos. Queixava-se de que lhe faltava o ar.

Fallou com extrema difficuldade em sua mãe e disse que ella estava no céo. Depois acrescentou que

desejava vel-a, e pediu que o abeirassem da janella. As senhoras da casa accederam.

— Oh! lá está a mamã! exclamou elle indicando uma estrella brilhante que luzia na direcção da janella.

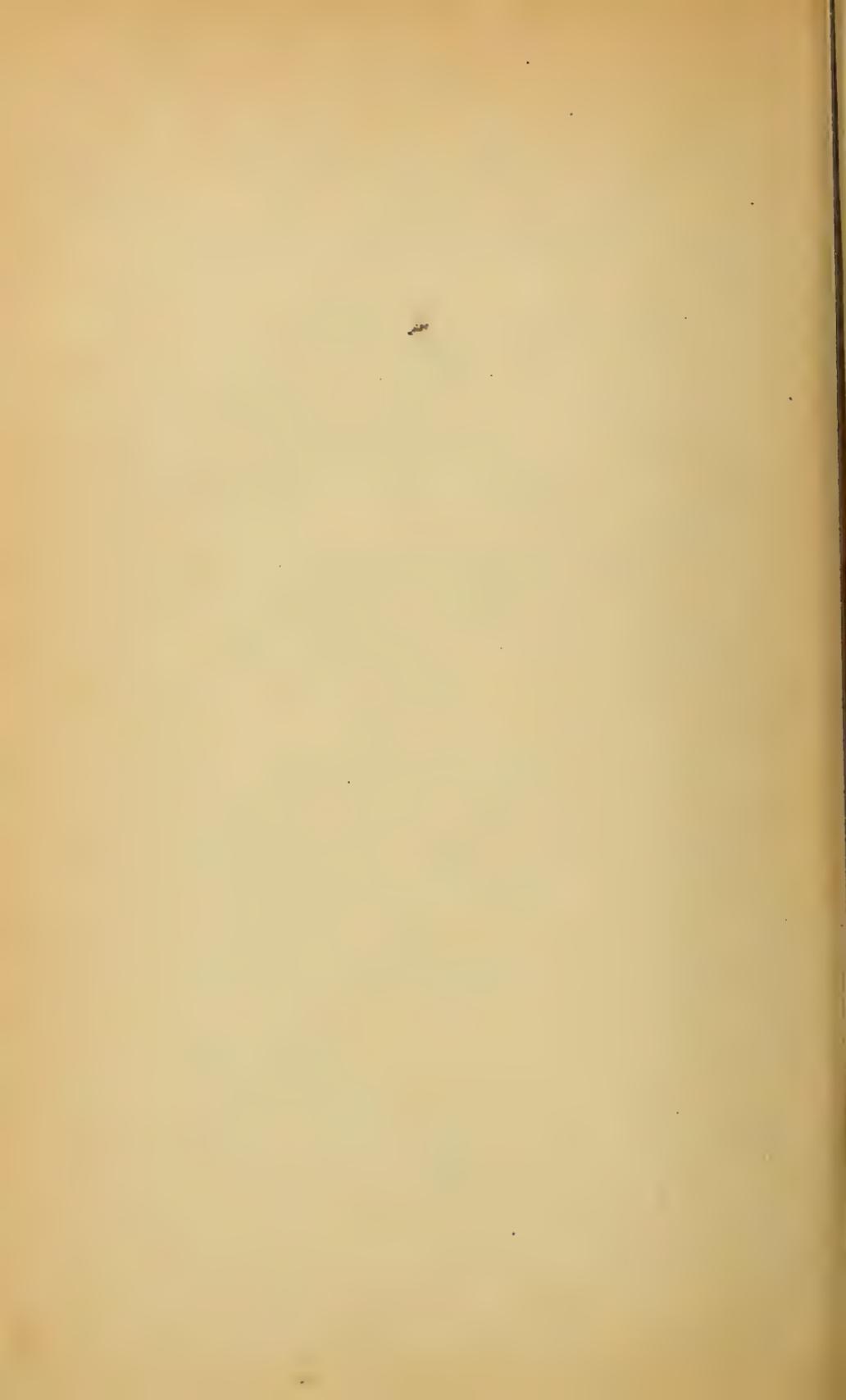
E morreu a contemplar essa estrella.

As primas de D. Manoel de Noronha, que tinham os olhos postos no céo, viram que uma estrella cadente corrêra ao longo da tela azulada do firmamento como que em demanda d'aquella que o menino tinha indicado.

Era o filho que procurava a mãe...

O Julinho estava no céo; e ainda não tinha amarellecido a coroa de flores silvestres pendente do cruzeiro do adro.

Joãosinho, meu irmão, respeita estas dores immensas da vida e crê n'estes mysterios de Deus, que os homens motejam, se queres attingir a verdadeira felicidade. De mim te declaro que me julgo venturoso, porque respeito tudo o que ha de sublime e que a razão humana não póde comprehender. A duvida é a febre da vida; mata lentamente.

Que a *Historia azul* te sirva de conselho. Aos que te disserem que é impropria a denominação da narrativa, porque este quadro revela angustias verdadeiramente terrenas, dize-lhes que ha em tudo isto, para os que não duvidam, um raio de luz divina ejaculado do azul purissimo do céo.

A' BEIRA D'UM BERÇO

(AO SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO)

> **Deixae os meninos e não embaraceis que venham a mim, porque d'estes taes é o reino dos ceus.**
>
> **Evang. de S. Matheus.**

Quando os meninos riem, alegra-se o céo; quando elles choram, entristece-se Deus. Faz pena vel-os chorar, a elles, que nos dão alegria quando chilriam á volta da mesa do jantar, a elles, que nos pagam com beijos um gesto d'aborrecimento. Na casa onde ha creanças, ha bençans e alegria. Preservam a familia das iras do céo; são como uns anjos da guarda, loiritos e rosados, que nos cercam d'um ambiente de felicidade. Os meninos parecem-se com as flores e com as aves. Affligí-os e dar-vos-hão sorrisos. Roubae uma flor á hastea em que brotou, á terra em que nasceu; a pobresinha, em vez de chorar saudades e mostrar resentimentos, perfuma-vos o ar e alegra-vos a casa. Mostrae que sois maus, dando caça aos passarinhos que

são livres, prendei-os, encarcerae-os; os captivos, em paga da vossa crueldade, hão de encher-vos a casa de musicas e alegrias.

Hontem ia eu a meio d'um caminho e topei com um rancho de creanças, que sahiam da escola e vinham pipilando pela estrada fóra. Senti-me contente de vel-as. Pobres rapazitos, que mal entraram ainda no mundo pela porta da innocencia e já andam trabalhando todos afadigados para a obra do futuro!

Ao ouvil-os chilrear como um bando de pardalitos joviaes, lembrei-me de Victor Hugo e de Castilho com respeito e admiração. Almas sublimes de poetas, que sabeis entender as palavras de Christo e vos desentranhaes em effectos para as creanças, abençoadas sejaes.

Castilho, o poeta infeliz, que tem os olhos eternamente annuveados pela escuridão eterna, olhae como é solicito em fazer alvorecer auroras brilhantes nas cabecinhas loiras das creanças, levando-lhes a instrucção embalada na suavidade da musica! Bem sabe elle que o cantar é dos passarinhos e que os rouxinoes dos sinceiraes ensaiam novas volátas estudando em communidade nas noites de primavera. Que as bençans do céo, meu presado mestre, chovam a esmo sobre a vossa cabeça de poeta, porque sois amigo das creanças e bafejaes as pobresinhas que se andam a implumar para futuras empresas.

Victor Hugo, o proscripto saudoso, vêde como espairece as tristezas do desterro acolhendo as creancinhas que o rodeiam d'alegrias e suavidades! E de-

pois notae como lhes prepara as festas infantis, a consoada e o folar, para lhes dar contentamentos.

Lembrei-me ainda de Victor Hugo porque, ao ver os pequenitos que vinham de sacca ao hombro pelo caminho fóra, occorreram-me de prompto e a ponto os versos do poeta exilado:

> Je rís quand chaque soir de l'ecole voisine
> Sort et s'echappe en foule une troupe enfantine.

Iam, pois, enchendo a estrada d'uma toada alegre, depois de terem polido uma pedra para o edificio d'amanhã. Eram como uns trabalhadorsitos, que houvessem despegado do labor quotidiano e fossem descançar para recomeçar a tarefa no outro dia, até que emfim chegue o sabbado do futuro em que hão de receber a feria.

Bem sei eu que lhes ha de custar aquelle trabalhar de todos os dias, a elles, que são fraquitos como a haste d'um lirio e pequenos como um pintasilgo.

Bem sei isto. Mas lá os está esperando em casa o seio flacido da mãe, que já lhes tem prompta a merenda e que lhes vae fazer — ella mesma — a cama tão clara e bonita como se fôra de um principe...

Nos versos de Victor Hugo, o professor reprehende os pequenos que se demoram ao sahir da eschola, dizendo-lhes:

> Hâtez-vous, il est tard, vos mères vous attendent.

Bem sabe, pois, o poeta com que extremo cuidado

está a pobre mãe a olhar para a porta, a contar os minutos, a estremecer, a duvidar... e a delirar de jubilo, quando o filho assoma ao limiar a pedir-lhe a bençam e a sorrir-se para ella!

O ver as crianças fez-me lembrar da *Quinta da Primavera* onde, um anno antes, eu tinha assistido, n'uma das vastas quadras da casa, ao mais suave espectaculo d'este mundo.

Acompanhae-me áquella sala onde se respirava amor.

Sentia-se a gente bem n'essa atmosphera! Eu estava alli tão identificado com as personagens do quadro, que me sentia entristecer quando me lembrava de que não fazia parte da familia.

O berço de uma creança loira, absorta em sonhos do céo, estava sendo, n'essa occasião, o foco calorifico em torno do qual as nossas almas se aqueciam todas a um raio d'amor. Havia alli um certo conchego, um certo bem-estar, que é o verdadeiro contraste da atmosphera corrupta das grandes salas onde as mãos trocam officialmente cumprimentos cerimoniosos e os olhos cruzam, ao mesmo tempo, olhares envenenados de malquerença.

Estavamos como que revendo na nossa imaginação uma aurora que ha de surgir, um sol que ha de brilhar, um rouxinol que ha de ter voz, uma flor que se ha de abrir aos primeiros clarões do dia de *ámanhã.*

Era um ninho afofado de cambraias, o berço d'aquella creança. Poucas vezes, como n'essa noite, chega a gente a lembrar-se tanto a fundo de que o berço é

mais do que um leito e uma creança mais do que um ser que chega ao limiar da vida.

«Pelo filho, diz Paulo Janet, se prende a familia á humanidade.»

Eis aqui o papel importante da creança de *hoje*, que ha de ser homem *ámanhã*.

E o berço? O que será elle, pois?

Póde dizer-se do berço o que diz Michelet a respeito do ninho das aves:

«O berço é uma creação d'amor.»

E' pelo sentimento da maternidade que as aves são artistas, quando fabricam o ninho onde se ha de ir abrigar a prole. E' tambem por este mesmo sentimento que as mães attingem o artificio das aves, quando preparam o berço ao filho que ha de nascer.

Sente-se a ave mãe trabalhada das dôres da maternidade. Lá vai o esposo, solicito e cuidadoso, procurar os materiaes para a construcção da casinha aerea. Que trouxe elle? Linho ou crina.

Nada d'isto serve. A pobresinha da ave parece dizer, n'um extremo de amor, ao esposo querido, que o linho é frio e a crina é dura.

Parte de novo o esposo. Volta, passado tempo, trazendo o cotão de certos vegetaes, que póde servir para um colchão macio. Isso sim que é flacido e agradavel. Jubíla a futura mãe; e o esposo fica contente de si.

Trata-se agora de ser artista na construcção do ninho. Mas é precisa uma precaução: a defeza e segurança dos ovos. Como ha de ser? No modo por que

a ave garante aos filhos a segurança do berço é que se revela o seu instincto artistico. E não devem estranhar se lhes eu disser que não é raro dividir-se o ninho de modo que fiquem mãe e filhos n'uma como alcova independente do vestibulo, onde o macho vigia pela defeza da casa e da familia.

Notemos agora o que fazem as mães.

Oh! Ninguem como ellas para saber de que materia se ha de fazer o colchão para o bercinho. E' preciso que seja molle e brando para não molestar a creança. Que altura ha de ter o colchão? E' necessario que não seja tão alto que exponha ao ar o recemnascido, nem tão baixo que o deixe soterrado no berço. Só o coração materno é que discrimina o meio termo n'esta conjunctura, E a travesseirinha? Torna-se indispensavel que não offenda o craneosinho delicado. E' ainda a mãe que ha de escolher a materia para se fazer a travesseirinha! E a coberta do berço? Importa que a mãe, por um instincto inimitavel, escolha o unico estofo conveniente.

Eis aqui o berço sendo mais alguma cousa do que um simples leito e apparecendo-nos agora como uma verdadeira *creação d'amor*. E pelo que toca ao bem estar da creança! E' ainda a mãe igual á ave que procura garantir a segurança dos filhinhos. Ninguem como a mãe para saber em que sitio do quarto se ha de collocar o berço. Mais para aqui, na direcção da porta, ficaria exposto a uma corrente de ar. Mais para acolá, quasi ao meio da sala, estaria mal collocado pela excessiva claridade das janellas. Nem

aqui nem acolá. E' preciso que o berço fique n'este sitio, exactamente n'este, diz a mãe, para que o menino esteja bem.

Faz rir e chorar a um tempo esta anciedade extrema de uma mãe dedicada: e eis aqui resolvida a questão dos philosophos Proethes e Cyestris, philosophos que, segundo diz algures Victor Hugo, discutiram a possibilidade d'uma pessoa rir e chorar simultaneamente.

Até aqui creio que a ave está á altura da mulher e que o berço das creanças é tanto *uma creação d'amor* como o ninho dos passarinhos. A mãe exige para o filhinho uma cama flacida, e só ella — e ninguem como ella! — sabe preparar o leito que deve receber o seu mimo d'amor.

Se a mãe desconfiasse de que uma caminha de flores era mais macia de que um colchão de sumahuma, colmaria de rosas, todas as noites, o berço do filhinho e viveria contente arrulando o anjo que dormisse n'esse jardim em miniatura.

E as aves não fazem o mesmo?

Poderia referir milhares d'exemplos, mas contento-me com fallar aqui do *pendulino*, que tem o cuidado de acolchoar o ninho com o cotão das flores do salgueiro, e de o pendurar a um ramo por uma fibra de cánhamo para que o vento embale aquelle berço aereo e adormente a ninhada.

Comparemos a mulher com a ave na restante educação dos filhos d'ambas.

Apparece-nos a ave no trabalhoso periodo da incu-

bação e a mulher na demorada tarefa de amamentar o filhinho.

Rejeitemos a hypothese de não querer acumular as funcções de ama e de mãe. Pois se Deus fez brotar d'um seio o nectar que deve alimentar uma vida, como é que a mulher, excepto o caso d'impossibilidade organica, quer inutilisar o jorro que lhe rebenta do peito, roubando o que era de seu filho?

Deixemos isto, que é feio e desconsola; e continuemos no cotejo da ave com a mulher.

Ahi temos nós a ave aquecendo o ovo no periodo da incubação. Ella ahi está immovel, presa, solicita, para o não deixar resfriar e atravessando-o com a vista, por assim dizer, como quem deseja devassar um segredo, que lhe absorve a vida...

Estudemos agora a mulher que se inclina cuidadosa sobre o berço, entregando aos labios do filho o botão roseo do seio, sem pensar em mais nada, esquecendo tudo e concentrando todas as suas faculdades n'esta tarefa tão espinhosa como suave...

Mas o passarinho quebrou agora o *muro da sua prisão*, como diz Michelet, e a creança chegou á occasião d'abandonar o berço.

A ave começa a querer ensinar o filho a voar.

Abre as azas e desfere vôo como para lhe mostrar que o infinito das regiões ethereas não é o abysmo, mas a patria. Provoca-o, dasafia-o a voar. O passarinho treme, vacilla, duvida.

A mãe insta, o filho recusa. Mas quando a mãe insta, o filho não póde recusar por muito tempo...

O passarinho voou.

Vejamos agora a mãe a esforçar-se para que o filho comece a andar.

Promette beijal-o, se elle arriscar um passo.

O pequenito quer andar e receia; esforça-se e cae... Mas a mãe não desanima e procura dar-lhe alento com o exemplo: anda tambem.

O pequenito deseja, mas teme. E a mãe insta, e espera-o com os braços abertos...

E o pequenito anceia cahir nos braços da mãe *que são feitos de ternura*, como nota Victor Hugo nos *Miseraveis*. E a mãe anhela estreitar o *corpo d'oiro* de seu filho, o *corpo d'oiro*, como diz a canção d'Egas Moniz. E a creança treme e a mãe anima-a.

E o pequenito começou a andar.

Ha todavia um ponto na educação dos filhos com que as aves se afadigam muito mais do que a mulher: — a educação da voz. E' preciso attendermos a que o canto, como Buffon nol-o diz, «é uma qualidade em parte da natureza e em parte adquirida.» A ave nasceu para cantar, é verdade; mas a sua voz póde ser modificada por mil influencias estranhas.

As aves teem tambem as suas escolas de canto, os seus conservatorios de musica. Os paes e as mães costumam ser os preceptores n'estas escolas, mas ha todavia casos dos passarinhos serem ensinados uns pelos outros e ainda pelos homens.

Conta Michelet que nos palacios da Russia ha escolas de canto onde os rouxinoes novinhos vão

ensaiar as suas volatas na presença d'outro que passa por ser musico *di cartello.*

E escreve Buffon que a maior parte das cotovias modificam admiravelmente o seu canto natural sendo auxiliadas por qualquer instrumento musico; ha casos de chegarem algumas a cantar arias inteiras!

Eu não sei por que as mães não acostumam as creanças, desde a primeira infancia, a certa educação musical.

A musica dulcifica os genios asperos, amenisa lentamente as indoles que não são boas, apura a sensibilidade e prepara a alma para as concepções grandiosas.

E' tempo de voltarmos á sala onde estavamos. Despertara a creança que dormia, saudando a todos com um sorriso em que brotavam graças infantis. Como já não havia receio de perturbar o somno da innocencia, abriu-se o piano e uma senhora percorreu com as mãos o teclado, fazendo ouvir as primeiras notas da *Valsa das flores.*

Era uma musica alegre a que enchia a sala, e a creança sorria-se ainda como enlevada n'uma suspensão celeste. Depois cerrou as palpebras como para se concentrar na impressão dulcissima da musica e, ó influencia magnetica d'essa linguagem dos anjos! — adormeceu sorrindo-se e cuido que sonhou. É ainda um milagre da musica o fazer cerrar as palpebras para se poder sonhar.

Ao outro dia, enviava eu á mãe d'aquella formosissima creança os seguintes versos :

Não acordeis o anjo alvo e rosado,
Que dorme entre cambraias côr de neve...
Vinde vêl-o a dormir tão socegado!
Mas não o desperteis; entrae de levo...

Descerram-se-lhe os labios n'um sorriso.
Não ha sonhos mais lindos, mais serenos!
Entrevê os irmãos do paraiso,
Anjos, tambem, rosados e pequenos.

A sonhar! Vêde agora que se move...
Affastai mansamente o cortinado...
Quem é que ao vel-o assim se não commove?
Perturbar este somno era peccado.

As madeixas do seu cabello loiro
Esparzidas, n'alvura, uma por uma,
Fazem lembrar á gente fitas d'oiro
Enastradas n'algum rôlo de espuma...

Que formoso a dormir! E ao pé do leito
Um coração de mãe, cheio de vida,
Aquecendo no fogo do seu peito
O porvir da creança adormecida...

Inclino-me ante o berço das creanças,
Como se fosse o ninho alegre e obscuro,
D'onde, um dia, n'aurora das esp'ranças
Hão de voar as aguias do futuro...

D'ali hão de sahir novos Atlantes
Que sustentem a nova architectura...
Aguias, hão de subir como gigantes,
Seguindo o vôo da aguia á mesma altura.

Vel-as-hemos suspensas no infinito,
Medindo, no seu vôo, a profundeza
Do poema de Deus que está escripto
Nos abysmos sem fim da natureza...

E quando uma roçar a poeira d'oiro
Dos astros que são fachos do universo,
Quem dirá que era ella o anjo loiro,
Que vimos a dormir hontem no berço?

Pois se as aves aquecem cuidadosas,
Nas sombras do seu ninho, a cada ovo,
E sem descanço escondem anciosas
Debaixo d'uma aza um mundo novo;

(Um mundo que se esmaga com dois dedos,
Mas que nos furta á vista o ser implume
Que ha de amanhã soltar nos arvoredos
Um cantico d'amor ou de ciume...)

Pois se as aves nos dão sempre este exemplo
De desmedido amor, cheias d'esperanças,
O' mães, sabei que o berço é como um templo,
Em cujo altar se adoram as creanças.

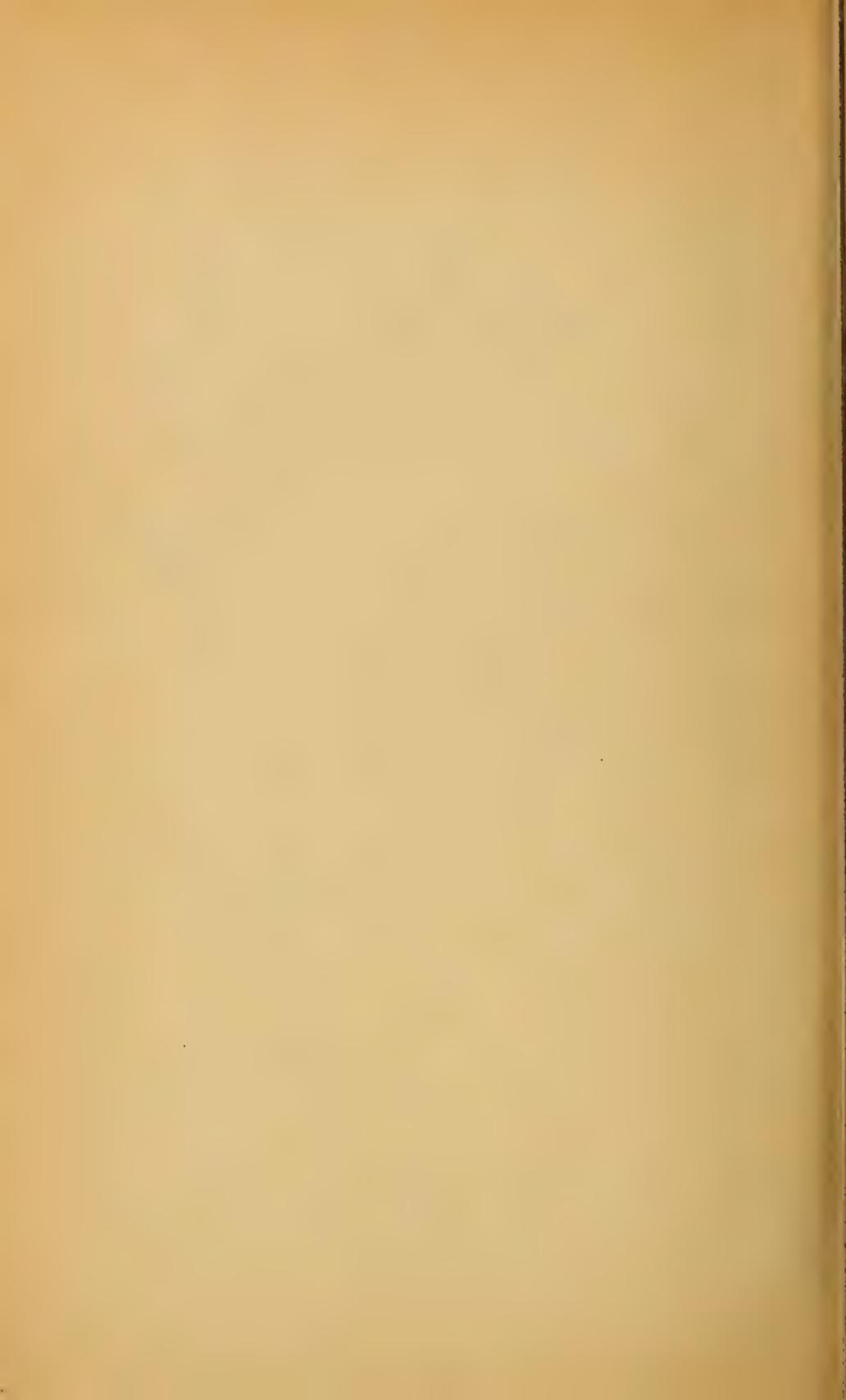
Velai por ellas sempre, noite e dia,
Não deixeis apagar no vosso seio
A lampada do amor que as allumia...
Sêde mães, sêde luz e sede esteio.

Deixemos as aves e as mulheres a aprenderem extremos de mãe umas com outras. Respeitem-se as mulheres que se inclinam sobre o berço do homem

d'amanhã e não empeçamos o vôo da ave, que vae cruzando o espaço em caminho do ninho de seus filhos.

Matar uma ave é talvez roubar a vida de qualquer mãe; e roubar a vida da mãe é levar a morte aos filhinhos. Para que havemos d'atirar aos pombos, como se fazia em Pariz, ha poucos annos, apostando um *luiz* pela vida de cada um, se os pobresinhos vivem no seu paraizo d'amor, sem se intrometterem comnosco!

O que admira é que as senhoras da melhor sociedade parisiense fossem as mais denodadas apologistas do *tiro aos pombos,* notando-se entre ellas a duqueza de Valezay, que difficilmente errava a pontaria da sua pequena clavina.

Fecho por aqui estas recordações da *Quinta da Primavera.* Pouco disse em relação ao muito que desejava dizer. Receba o snr. Antonio Feliciano de Castilho, o poeta amantissimo das creanças e das aves, estas linhas que dizem respeito ás aves e ás creanças e saiem da penna obscura do mais obscuro rabiscador portuguez.

O CATRE DO BISPO

(AO SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO)

Toinette

Mais, monsieur, mettez la main à la conscience : est-ce que vous êtes malade ?

Argan

Comment, coquine, si je suis malade ! si je suis malade, impudente !

MOLIERE. — *Le malade imaginaire.*

Podem servir de introducção a esta narrativa os fragmentos d'algumas cartas que vamos publicar.

Do auctor ao snr. Camillo Castello Branco :

. . . .

« Postas estas palavras, vou consultar v. ex.ª sobre um caso que prende, talvez, com a biographia do bispo do Grão-Pará, fr. João de S. Joseph Queiroz. Falla v. ex.ª do Mosteiro d'Alpendurada, na introducção ás *Memorias*, com muita verdade descriptiva, e quer-me parecer que já peregrinou em terras visinhas do hos-

picio benedictino. Se sim ou não, ignoro. Na margem esquerda do Douro, parallela ao mosteiro d'Alpendurada, estende-se a freguezia de Sozello. É ahi que, entre meia duzia d'arvores de boa sombra, ha uma choupana, que abrigou os meus antepassados e que ainda hoje hospéda frequentes vezes a minha familia. Quero áquella aldeia e áquella choupana como se me fossem patria e berço. Tenho pena de ter nascido na cidade. Queria poder dormir o somno da morte n'um cemiterio aldeão, visinho do alpendre onde tivesse nascido. Na casa da quinta de Villa Verde, — denominação verdadeiramente bem cabida á propriedade, — havia, ha poucos annos, um leito de pau preto, com insignias episcopaes gravadas na cabeceira. Era de tradição na familia o chamar-se áquelle leito o leito do *bispo d'Alpendurada.* Na restricção d'Alpendurada havia manifesta mentira. Nem que o mosteiro fosse diocese! Contava a lenda que costumava dormir n'aquelle leito um bispo velho e triste, que d'Alpendurada ia de visita ao nosso alpendre. D'aqui veio o dizerem os quinteiros, por ignorancia, *bispo d'Alpendurada.* Permitta v. exc.ª que não attribua este erro aos meus antepassados que, posto fossem boas pessoas de poucas lettras, não eram completamente analphabetos.

Seria este bispo o pobre Queiroz que, por minorar as maguas do seu desterro d'Alpendurada, passasse na barca para o outro lado em demanda do tugurio hospitaleiro de pessoas piedosas? Mas se elle tinha sido desterrado por ordem d'aquelle severissimo conde d'Oei-

ras, será licito suppôr que consentissem os frades n'estas digressões, postoque breves, frequentes?

Eis aqui o que não sei. O leito desconjuntou-se de velho. Guarda-se, hoje, apenas a cabeceira na casa de Villa Verde. Tenho vivido tranquillos dias n'aquellas paragens e quero-lhes como o Julio Machado, creio que posso dizer nosso commum amigo, quer á sua Durruivos.

Queira v. exc.ª dizer-me do caso o que pensar, com a franqueza indefeza ao seu mais reconhecido admirador e discipulo

Alberto Pimentel

Do snr. Camillo Castello Branco ao auctor:

. . . .

«O bispo do Grão-Pará, sem embargo de ter sido desterrado pelo Pombal, é bem de crer que sahisse do mosteiro quando bem quizesse, já porque era prelado insigne, já porque era benedictino e estava entre os seus. Quanto ao leito, se tem o espaldar de columnas em rosca, sem duvida era coevo do bispo, porque esse feitio de catres é o da renascença, que principiou no começo do seculo XVIII. Mas quem mandára abrir as insignias episcopaes? Os antepassados de V. em honra do seu hospede? Ou elle mesmo?

Não é natural a segunda hypothese. Se bem me recordo, o desterrado viveu alguns mezes escassos em Alpendurada. De certo não cuidaria em commodos de cubiculo, e menos em pompas nobliarchicas. Seria mais acceitavel que os hospedeiros amigos de Villa Verde o honrassem com essa prova de reverencia. Mas a brevidade do bispo em Alpendurada daria tempo a isso? Ha sêllos de segredos que nunca se abrem. Eu tenho tido horas de afflicção a scismar em bagatellas d'esta natureza. Quando era novo passava dias a interrogar umas pedras amontoadas no viso d'uma serra, que sobranceava a aldeia onde passei a infancia em Traz-os-Montes. Eu queria que fossem antas celticas o que não passava d'uns calháos sobre os quaes uns pastorinhos jogavam o Rápa.

Estive á porta do Mosteiro d'Alpendurada com José Augusto Pinto de Magalhães, da casa de Lodeiro, em Sancta Cruz do Douro. E' o personagem d'um fragamento de um livro que intitulei: *No Bom Jesus do Monte*. Era em dezembro de 1850. Ha 20 annos! A minha alma de hoje comprehende melhor o frio asperrimo e o local onde estivemos uma hora a apostrophar o *barão que substituiu o frade.*

....

Seide—Abril 70.

C. Castello Branco.

Do auctor ao snr. Camillo Castello Branco:

. . . .

O leito do bispo é perfeitamente da renascença. Aventemos agora hypotheses sobre o caso das insignias do espaldar. E' de suppôr que já houvesse o catre na casa de Villa Verde, e que talvez, depois da primeira visita do bispo, mandassem ao Porto abrir os emblemas nobiliarchicos a qualquer samblador. O bispo viveu em Alpendurada, segundo v. exc.ª diz nas *Memorias*, cerca d'oito mezes. Do caes de Fontellas saiem barcos de carreira para o Porto todos os domingos. A facilidade do transporte e o pouco trabalho artistico das insignias do catre auctorizam o suppôr-se que os meus avoengos quizeram honrar o seu illustre hospede com esta distincção.

Este leito, onde o prelado do Gão-Pará dormiu as longas noites de Villa Verde, tem ainda uma historia que eu desejo contar em folhetim. Peço venia a v. exc.ª para publicar a sua carta no prologo da minha narrativa, por isso que v. exc.ª corroborou a supposição da fidalguia do leito.

Li até em Villa Verde, o anno passado, o livro *No Bom Jesus do Monte* e já conhecia o caracter sympathico de José Augusto. Pareceu-me um grande espirito o d'aquelle homem e um grande anjo aquella Fanny Owen. O livro impressionou-me e se as nossas visitas de Villa Verde entendessem boa litteratura

(salvas algumas poucas excepções) ter-lhes-ia lido as maviosas paginas nos serões d'aldeia.

De v. exc.ª
Discipulo, admirador e criado

Alberto Pimentel

Ahi vai, pois, a historia que anda ligada ao catre do bispo, seja ou não seja o do Grão-Pará, Frei João de S. Joseph Queiroz.

I

Não aventuremos hypotheses sobre as causas que, no principio d'este seculo, obrigaram Martinho de Teive a abandonar temporariamente a casa solarenga de Castro-Daire para vir tractar de perto com Silvestre da Cunha, proprietario no concelho de Bouças.

Negocios attinentes ao tracto commercial deveram ser, que ambos estes nomes representam duas das não muitas casas que, a esse tempo, mais semeavam e colhiam na provincia.

Os Teives de Castro-Daire eram nobres e dinheirosos. Penso que essa familia deveu proceder d'algum varão romano das hostes conquistadoras da peninsula; — talvez um dos que edificaram sobre um ou-

teiro, lavado dos ventos, o castro que deu nome áquellas paragens. Mas se ao fidalgo appellido de Teive se pode assignalar com certeza origem romana, não n'o sei eu, nem isso faz ao meu proposito.

Martinho de Teive era, pois, no principio d'este seculo, um dos mais acatados senhores de Castro Daire, e o mais querido das donas da sua terra.

Era uma alma sem refolhos aquelle homem, posto que muito propenso a melancolias e ao remanso lareiro da sua casa solarenga.

No inverno, quando os ventos açoitavam as arvores da serra. Martinho de Teive mettia-se na cama, pregoando aos criados soffrimentos gravissimos, que, em verdade, não tinha.

A ideia da morte, que era o *galardão da vida* para Santa Catharina de Sena e *ganho e interesse* para Sam Paulo, apavorava o fidalgo de Castro Daire. Muito devia contribuir para estes terrores imaginarios a solidão a que o obrigava o celibato.

Aconselharam-n'o a casar-se. Martinho de Teive tinha ancias d'uma esposa solicita, que fosse boa amiga e boa enfermeira, mas salteava-o o receio de se lhe mostrar excessivamente ridiculo n'aquelles lances entre comicos e melodramaticos em que dizia estar prestes a ser victima de um... aneurysma.

Os cuidados da administração da casa valiam-lhe ainda para espairecer o espirito cançado de visualidades tetricas. Havia trez annos que Martinho de Teive viera ao Porto consultar os medicos; por essa occasião trouxe comsigo um grande receio e uma grande es-

perança. Vinha com o proposito de saber ao certo se os medicos dissipariam ou confirmariam as suspeitas do aneurysma.

Sujeitou-se á auscultação. Os medicos portuenses olharam-se d'uma maneira significativa. Martinho de Teive esteve a ponto de cahir fulminado. Perguntou-lhes anciosamente se em verdade era aneurysmatico. Os medicos soltaram um frouxo de riso e disseram-lhe que estava mais perto da monomania que do aneurysma. O fidalgo de Castro-Daire remunerou-os generosamente e recolheu serenado ao remanso dos lares.

Passados dias, porém, succedeu abrir ao acaso um livro, que era a vida de *D. Frei Bartholomeu dos Martyres,* por Frei Luiz de Sousa. Acertou de lêr o relanço em que o arcebispo está enfermo d'um tabardilho. Ora o prelado bracharense costumava dizer, quando os medicos entravam:—«Já vem os trampões e bem trampões.»

Declarava-se depois, escreve Frei Luiz de Sousa, e dizia que trampões eram uns advogados que com manhas e astucias dilatavam as demandas e entretinham a justiça.

Martinho de Teive fechou subitamente o livro; para logo se sentiu despenhado do ceu da sua felicidade.

— Os medicos ou não sabem ou enganaram-me!... Disse elle de si para comsigo.

E os receios voltaram.

II

Era Silvestre da Cunha o verdadeiro typo do lavrador portuguez, n'aquelles tempos.

A sua casa de Bouças tinha nomeada de riqueza em todo o Porto. Parte d'esta riqueza fora herdada d'avoengos enriquecidos: outra parte amontoára-a elle na faina constante da agricultura. Segundo, pois, conjecturamos, foram negocios de gravidade os que obrigaram Martinho de Teive a vir ao Porto tratar com o lavrador de Bouças.

Silvestre da Cunha, dias antes de sahir de casa com o intuito d'esperar no caes da Ribeira o de Castro-Daire, disse á mulher:

— Não quero que o fidalgo fique sósinho na estalagem do Porto. Consta-me que é doente e triste. Havemos d'hospedal-o, emquanto se quizer demorar. Além d'isso, temos uma filha que está casadoira e o fidalgo não é noivo que se desprese.

Silvestre da Cunha era homem de largos espiritos. Sabia-o perfeitamente a mulher. O elogio do de Castro-Daire, na sua bocca, queria dizer: — É preciso prendel-o nas redes esponsalicias, dê la por onde der.

Poucos dias depois, entrava Martinho de Teive na casa de Bouças. Teve uma recepção digna do hospede.

Silvestre da Cunha apresentou chanmente a sua familia, quer dizer, a mulher e a filha.

*

— Aqui tem o osso do meu osso, disse elle indicando a mulher. E depois, chamando a filha: — Anda cá, Virginia. Vem cumprimentar um fidalgo de sete costados e o mais guapo moço lá das serras do Douro.

A raparigninha tremeu d'acanhamento, e cumprimentou timidamente. Martinho de Teive — diga-se em abono da formosura da filha do lavrador — esqueceu-se, ao contemplal-a, do aneurysma.

Não sei se aquella terra de Bouças é logar azado para ninho de amores.

Averiguando a etymologia da palavra — Bouças — topo com duas opiniões differentes, que não auxiliam o meu proposito.

Uns a derivam do grego — Bossis — que significa — pasto; — outros do phenicio — *Boses* — que é a denominação d'uns penedos da Palestina. Dos rochedos e do ervaçal não vem cousa que dê ao terreno o que quer que seja de paradisiaco.

Appello para a visinhança poetica do rio Leça, sem cuidar de tirar a limpo se este, e não o Cávado, é o — Celando — ou, como outros querem, o — Lethes.

Por alli fica, não longe, a quinta de Santa Cruz, propriedade dos bispos do Porto, que tantos desvelos mereceu a D. Rodrigo Pinheiro. Ahi deveu o prelado portuense ler a interessante correspondencia do poeta Cadabal Gravio, que lhe mereceu amizade e a quem, em 1568, mandou imprimir, em Lisboa, uma *grave e elegante* descripção d'esse suave retiro episcopal de Santa Cruz.

Não é preciso, porém, procurarmos poesia em redor de Martinho de Teive e de Virginia. Tinham-n'a, que farte, aquelles dous corações. Quando o amor accende, no peito, auroras interiores, não cuidamos de cousa que seja material e estranha, porque é chegada a hora de nos divinisarmos, alheando o quebradiço do barro primitivo. D'aqui infira o leitor que dulcissimos jubilos alvorejaram para aquelles dous corações.

Martinho de Teive e Virgina... amavam-se.

III

Silvestre da Cunha via coroados os seus desejos. Concluidas as transacções com o hospede, convidou-o a um passeio pelos campos e ageitou o dialogo de maneira e dizer:

— Que lhe parece minha filha, snr. Martinho de Teive?

— Parece-me uma boa e interessante menina.

— E mais nada? perguntou o de Bouças com rustica simplicidade.

— Olhe, snr. Silvestre da Cunha, devo-lhe a verdade. Eu amo sua filha...

— Isso suspeitava eu.

— Era natural.

— E que tenciona fazer?

— Quereria desposal-a, mas sou um homem excessivamente doente e receio infelicitar a mulher com quem casar.

— Deixe-se d'isso, fidalgo, disse Silvestre da Cunha. Verdade é que a sua apparencia não é de robustez, mas tambem não vejo motivo para tamanhos receios.

— Soffro muito, snr. Silvestre da Cunha. Tenho um aneurysma, meu amigo, e presinto que o mal vai adiantado.

O de Bouças esbugalhou os olhos. Ouvia similhante palavra pela primeira vez e perguntou:

— O que vem a ser isso?

— Aneurysma, propriamente, é um temor devido á dilatação d'uma arteria, mas exprime-se tambem por esta palavra a dilatação de uma ou de todas as cavidades do coração.

Silvestre da Cunha sentiu-se pouco melhorado com esta explicação pathologica e reperguntou:

— E' de perigo essa molestia?

— O aneurysma! Morte certa.

— Então tambem a tenho, disse com jovialidade zombeteira o lavrador.

— Por que?

— Porque hei de morrer sem remissão nem aggravo...

— Não graceje, snr. Cunha. Esta é a minha molestia embora os medicos digam que não.

Silvestre da Cunha comprehendeu que a enfermidade do seu hospede não passava d'uma apprehensão e disse:

— Qual *lorisma* nem meia *lorisma!* Coma, beba e divirta-se, fidalgo. Não ande a chorar o landum.

— Diz-me isso, snr. Cunha! exclamou o Teive com assomos d'alegria.

— Sim senhor, digo-lhe isto.

— Peço-lhe a mão de sua filha.

— Da melhor vontade, snr. Martinho de Teive. O peior é que minha filha não tem nobreza. Lá para a ceia ha de ella levar.

— Não procuro fidalguia nem nobreza. Quero uma mulher que, simplesmente, me estime.

— E a Virginia ha de estimal-o de veras, por que o ama.

— Assim o creio, snr. Silvestre da Cunha. Eu tambem a amo e... muito.

IV

Cuidou-se desde logo nos apercebimentos do noivado. Martinho de Teive andava alegre e absolutamente esquecido da sua imaginaria lesão. Virginia deixava adivinhar no semblante o muito amor que tinha no coração enamorado. Silvestre da Cunha e sua mulher deliravam de contentamento.

Chegou o dia das nupcias. Foi a melhor festa de Bouças, n'aquelles tempos. As raparigas do sitio prepararam festas e descantes. Os pintalegretes do concelho sahiram a terreiro com as suas violas.

Silvestre da Cunha mandou fazer ao Porto balões de côres para illuminar as arvores do pomar.

Concorreram ás bodas muitos convidados, das visinhanças de Bouças; outros vieram de Castro-Daire por honrar Martinho de Teive.

Permitta o leitor que reatemos o fio da narrativa um mez depois do dia das bodas para lhe não darmos tratos á paciencia.

Martinho de Teive parece triste. Virginia vê na tristeza do marido aborrecimento temporão, chora e occulta de todos as suas lagrimas.

O fidalgo de Castro-Daire manda buscar ao Porto o medico mais em voga, porque a ociosidade fel-o lembrar dos antigos padecimentos e diz que não póde viver muito tempo.

Foi o medico. Auscultou-o e ouviu-o com a maxima attenção.

— Não tem nada, concluiu o doutor. O senhor deve tudo o que soffre á imaginação. Vá viajar, divirta-se, e não pense mais n'isso.

Silvestre da Cunha esperava á porta do quarto.

— Que tem meu genro? perguntou com anciedade ao medico que sahia.

— Padecimento real não o tem. Soffre apenas... da cabeça, que é um mau soffrimento. Está a meio caminho da loucura, se se não dominar. Receitei leves tonicos. E' apenas uma grande desafinação nervosa e mais nada.

Quando o medico descia as escadas, dizia Martinho de Teive á esposa, pondo os olhos amortecidos n'um painel da Virgem:

— Sinto-me morrer, Virginia. Que infelicidade!

Que Nossa Senhora me dê só mais alguns dias de vida para ir morrer á casa onde nasci...

— Ha de dar, meu amigo. Tu não tens nada — dizia em ancias a carinhosa e dedicada menina. — Olha o que disse ainda agora o doutor. Mas vamos para Castro-Daire, vamos para onde tu quizeres. O que eu desejo é vêr-te tranquillo.

E n'isto entrava no quarto a mãe de Virginia. Abeirou-se do leito e apalpou os pés do imaginario doente.

— Jesus, como os tem frios! disse a indiscreta e anafada creatura. Que será isto! Os medicos ás vezes sabem tanto... como nada! Vai buscar uma botija, Virginia.

— Estou a morrer, gritava Martinho de Teive. Já tenho os pés frios! Agora é certo. Não saias, Virginia, não saias.

E passou uma hora... dois dias, muitos dias e ainda estava vivo e a dizer que sentia roçar pela garganta a foice implacavel da morte.

V

Quinze dias depois da visita do medico, desembarcaram no caes de Fontellas, que defronta com o mosteiro de Alpendurada, Martinho de Teive e Virginia. Tinha sido triste e longa a viagem pelo Douro acima, n'um d'aquelles ronceiros barcos d'espadella,

que vêmos a toda a hora amarrados no ancoradouro da Ribeira.

Estavam prevenidos os criados para trazer as cavalgaduras ao caes. Era, porém, quasi noite, quando o barco abicou á gandra. Martinho de Teive não quiz metter-se ao caminho. Virginia tinha o coração dilacerado de soffrimento e sentia medo do silencio e da solidão d'aquellas agrestes paragens. Lembrou-se Martinho de Teive de pedir gazalhado na casa de Villa-Verde. Virginia approvou.

Foram. Os caseiros dos meus antepassados receberam-os bem, logo que reconheceram Martinho de Teive, que era visita da casa. Prepararam-lhes camas. O fidalgo disse que se sentia mal, pediu agua e lamentou ter de morrer em casa estranha. De repente reparou Virginia no catre de emblemas prelaticios.

— De quem é este leito? perguntou-lhe ella.

Era ahi que costumava dormir, ha cerca de cincoenta annos, o *bispo d'Alpendurada,* quando vinha visitar os nossos amos, disse a mulher do caseiro.

— Seria virtuoso? interrogou com curiosidade Virginia.

— Mal me lembro d'elle. Era pequena, quando o vi. Mas pareceu-me triste e doente.

— Faça-me um favor. Deixe deitar meu marido n'aquella cama.

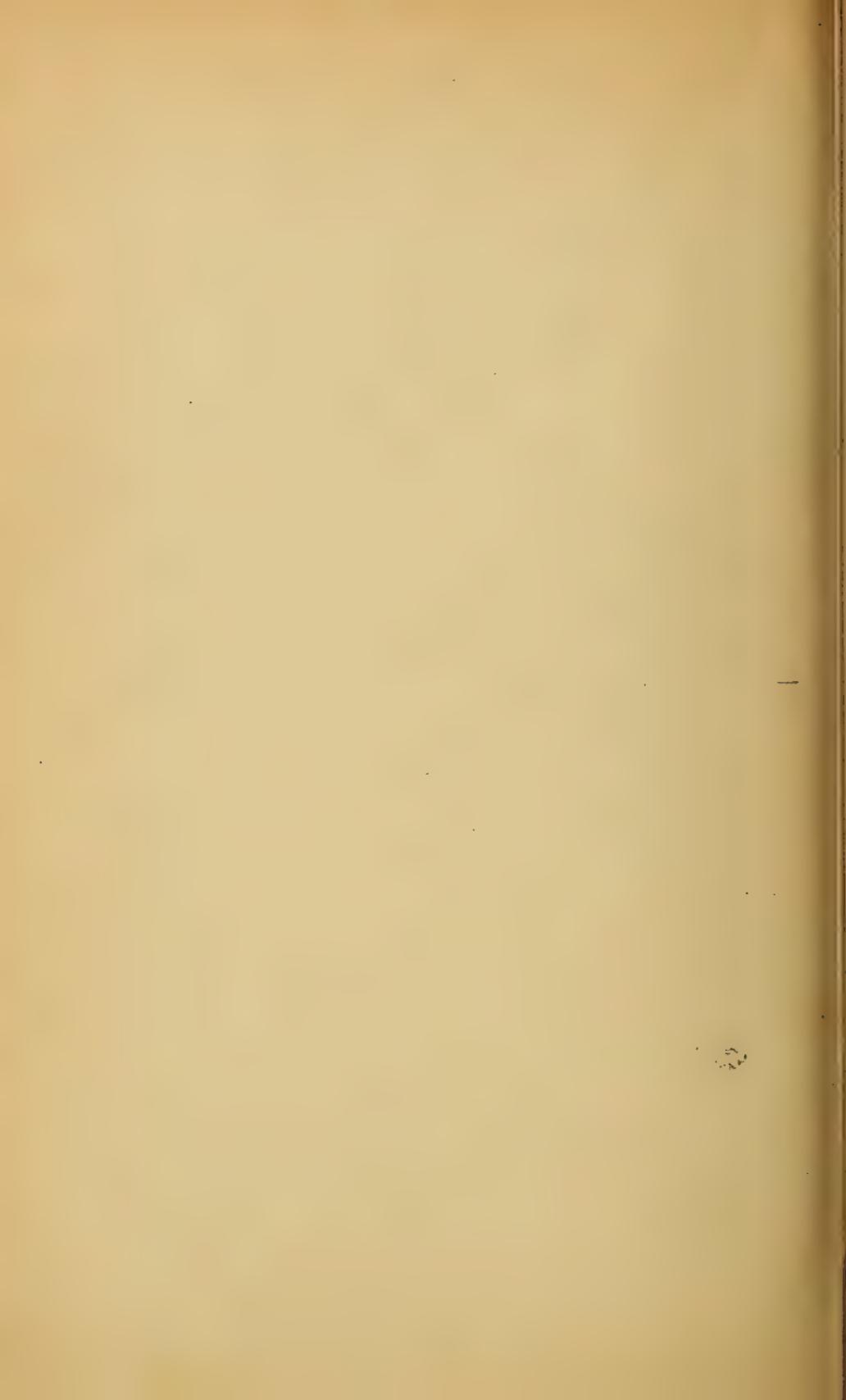
— Pois sim, minha senhora. Apezar de que ninguem ainda se deitou n'ella; nem as pessoas da casa.

Martinho de Teive deitou-se no *catre do bispo* e

dormiu tranquillamente. Entretanto Virginia ajoelhou, cheia d'esperança, e invocou a alma do prelado. Levantou-se confortada. Sentou-se n'uma cadeira ao lado do leito e adormeceu.

Ao romper da manhã, Martinho de Teive acordou jovial e despertou Virgina. Dizia que se sentia melhor. Sahiram de Villa Verde em direcção a Castro-Daire, que fica distante trez leguas, se tanto.

Nunca mais fallou no seu aneurysma. Viveu socegadamente mais quinze annos e morreu do que nunca pensou morrer — .... de um typho. Virginia morreu ha cinco annos. Era uma velhinha que eu ainda conheci e que me obsequiava, frequentes vezes, com um cestinho d'alperches do seu pomar, em attenção a ser eu da familia de Villa Verde.

— Aquillo foi um milagre! dizia a pobre senhora. Foi um milagre manifesto! Não que dizem que os não ha!

HERBARIO... D'UMA SÓ FLOR

— SCENAS INTIMAS —

(A. J. FREDERICO LARANJO)

> Pour exprimer l'amour ses fleurs semblent eclore.
> Leur langage est un mot, mais il est plein d'appas.
> Dans la main des amants elles disent encore:
> «Aimez moi, ne m'oubliez pas.»
>
> AIMÉ MARTIN.

I

Rosinha bordando á janella. Ouve-se o chilrar festivo das andorinhas nas arvores do pomar. Toda a aldeia parece saudar a chegada da primavera. O dr. Cornelio, um rapaz gentil, impellindo a porta meio-cerrada:

— Não serei indiscreto, Rosinha?

— Póde entrar, sr. doutor.

— Venceu a cotovia com tamanha madrugada!

— Despertaram-me as andorinhas...

— Veja, porém, que as andorinhas ainda não trabalham. Por emquanto cantam o hymno da manhã.

— Tambem o snr. doutor me parece mais traba-

lhador que as descuidosas avesinhas. Levantou-se cedo!

— Os meus doentes, Rosinha...

— Tem algum em perigo?

— A Mariannita, de Fontellas, com mal de amores e quasi tysica.

— Pobresinha Marianna!

— Talvez a salve. (Aproximando-se do bastidor) Deixa-me ver o que está bordando?

— Se não deixo! É uma flor do campo, um — não-me-esqueças — azul como o firmamento.

— Bonito deveras! Chamam-lhe na cidade myósotis. Namorou-se do azul, não é verdade, Rosinha? As estrellas...

— Inverta o galanteio. Diga antes — as andorinhas. Tambem ellas se namoram do azul.

— É verdade! Formoso azul o d'este ceu da primavera que as chamou de longes terras! Um pedido, Rosinha...

— Diga, sr. doutor.

— Dá-me este myosótis, que lhe serve de modelo?

— Aqui o tem

— Obrigado. Não quero recebel-o sem que conclua o bordado.

— Como quizer. O snr. doutor gosta muito de flores?

— Se gósto!

— Ah! tambem eu. Nem que a gente se esmere no bordado chega a imitar as flores do campo, e comtudo são as mais singelas!

— E' que a singelesa do campo é inimítavel. Exemplo...

— As flores.

— Não, a Rosinha. .

(Ouve-se chamar da alcova: Rosinha! Rosinha!)

— Já lá vou, minha mãe.

— E' verdade! Tinha-me esquecido a minha doente.

II

Trez dias depois.

Rosinha e o dr. Cornelio debruçados á janella. Esmorece a tarde. A suavidade d'aquelle formosissimo occaso convida á meditação.

— Chora, Rosinha?

— Não choro, sr. doutor. Era uma nuvem negra que passava e rociava as flores d'alma com ligeiro orvalho...

— Pensava, talvez, no futuro?

— Eu?...

— Com franqueza, minha amiga. Ha meia hora que lhe lia no rosto as tempestades do espirito. Respeitei o seu doloroso recolhimento, esperando que chorasse. Vi-lhe os olhos marejados de pranto e percebi que queria esconder as lagrimas. Estava salva! Chorar é converter bagas de fel em estrellas de crystal... Chore, Rosinha. É sol-posto no seu coração de filha. Sua mãe, a boa e santa velhinha, não póde es-

perar a luz de muitas alvoradas. Resvala para o tumulo cada dia com a rapidez d'uma existencia que se extingue de cansaço, hora a hora. Vamos vel-a, Rosinha. Enxugue o seu pranto e venha comigo.

— E' que realmente não posso abeirar-me do leito e reprimir as lagrimas. Minha mãe, quando me vê chorar, tem momentos d'uma ancia agitadissima. Chega a delirar. Corre as suas mãos tremulas ao longo das minhas tranças e diz que lhe custa morrer por ter de me deixar sósinha no mundo. Depois, muito excitada, solta palavras desvairadas, que não comprehendo. Pobre mãesinha! Fico sósinha no mundo, é verdade, mas fica tambem comigo o meu anjo da guarda. Meu pae morreu pobre; ainda o sr. doutor não tinha vindo para a nossa aldeia. Era um homem verdadeiramente honrado. A sr.ª morgada da Quinta d'Azenha era minha amiga; ensinou-me a ler e dava-me livros tão lindos! cuja leitura me consolava. Um dia... meu pae succumbiu ao trabalho. Quiz minha mãe substituil-o na faina dos campos. Moirejou e trabalhou como poucas. Os nossos campinhos não valem nada, mas nas mãos de minha mãe rendiam muito. Agora a pobresinha sente que vai morrer. Vê que eu não sei nada do amanho das terras e conhece que fico desamparada...

— Nunca pensou em Deus? atalhou o dr. Cornelio passando a mão pelo rosto para apagar o vestigio de algumas lagrimas.

— Se tenho pensado, sr. doutor! Deus ha de proteger-me. Nunca fiz mal a ninguem e o meu anjo da

guarda ha de cobrir-me com as suas azas. Irei pedir abrigo a alguma pobre familia do logar, que se encarregará de olhar pelas nossas terrinhas. Esta casinha, que me foi berço, ha de o sr. doutor recebel-a, não como recompensa dos seus desvelos, mas como penhor da orphã agradecida.

— Cale-se, Rosinha, cale-se que me dilacera o coração.

— Perdôe, sr. doutor. Ha muito que lhe queria dizer isto e não tinha animo para tanto...

— Por Deus, Rosinha. Cale-se por Deus. Venha comigo. Enxugue as suas lagrimas e seja forte. Olhe, n'estes momentos de atribulação, lembre-se que ha uma palavra que resume um mundo. Eleve o seu pensamento a Deus.

— Que Deus me proteja.

— Ha de protegel-a, minha amiga, ha de protegel-a.

III

Na alcôva da doente.

O doutor Cornelio sentado á cabeceira. Rosinha debruçada aos pés da cama e occultando o rosto entre as mãos.

— Snr. doutor, pronuncía dolorosamente a pobre velhinha, não tenho palavras com que possa agradecer-lhe. Tem sido um verdadeiro amigo. Se não fosse ter compaixão de nós, não sei quem nos havia de

valer. E' triste morrer, snr. doutor, quando a alma tem de se partir em duas metades: — uma que fica e outra que vai. Não me põe medo a morte por ter de ser julgada no tribunal de Deus. Rosinha era o meu unico mundo...

— Não falle, que se cança.

— Perdão, snr, doutor. Creei Rosinha como se cria uma flòr que a gente tem á janella para ver a toda a hora. Lia e gostava que lesse, porque a snr.ª morgada d'Azenha não havia de lhe dar livros maus. E olhe que eu nem pensava em morrer, absorvida como andava no trabalho de todos os dias. Ás vezes lá vinha uma nuvem ao coração. Era um momento; dissipava-se. A Rosinha sabia coisas bonitas. Não sei se as lia ou se as botava da sua cabeça. Uma vez disse o Manuel do Açude, na nossa cozinha, que não havia outro mundo. Rosinha córou e respondeu: «Olhe em volta de si, snr. Manuel.» Não foi assim, Rosinha? Lembro-me agora muito bem, e poucas vezes me acontecia isto! Mas disse-lhe ella: «Olhe em roda de si. Não é preciso tanto. Ponha os olhos n'este castanheiro. D'onde nasceu elle? D'outro. E esse? D'outro. E o primeiro de todos? E a terra d'onde é que sahiu?» O Manuel deitou a vista ao castanheiro e disse muito passado: — «E' verdade, Rosinha!» De Deus é que veio tudo, continuou ella. Pois Deus, snr. Manuel, ha de premiar os bons e castigar os maus. Ha muita gente que não faz mal a ninguem e que não é feliz, e ha outra que faz mal ao proximo e é venturosa. Em alguma parte hade ha-

ver verdadeira justiça, porque existindo Deus n'Elle devem estar todas as virtudes e todos os merecimentos. Se Deus não é bom e justo, claro parece que não póde ser Deus.» Não pensa assim, snr. doutor? A Rosinha disse a verdade, pois não disse?

—Rosinha disse o que era.

— Assim me queria parecer.

— E, como prova do que Rosinha disse ao Manuel do Açude, vou eu dizer uma cousa. A felicidade do paraizo faz-se muitas vezes sentir aos que foram bons ainda áquem dos umbraes da eternidade. A snr.ª Margarida fez bem a toda a gente. O seu mundo era Rosinha, como nos disse ha pouco. Mas sempre viveu pobre e pobre morrerá. Pouco é o que tem e menos terá para o futuro. Deus, porém, inspira-me para lhe annunciar a felicidade, que a espera ainda. Se vê que eu saberei estimar a que tanto adorou na terra, se vê que eu saberei ser marido bom e dedicado, conceda-me a mão de Rosinha e não atormente com essa ancia estas horas dolorosas de soffrimento.

--Senhor doutor! exclamou a velhinha, tentando sentar-se no leito e sorrindo um sorriso mais do céu que da terra.

— Senhor... balbuciou Rosinha, sem poder reprimir uma expansão de intimo jubilo; mas detendo-se logo n'um anceio de commoção.

— Rosinha é boa e dedicada, continuou placidamente o doutor: amei-a.

— Tambem eu... o amo, atalhou Rosinha, escondendo, de medrosa e timida, o rosto entre as mãos.

*

A velhinha enferma sorria enlevada em extasis.

—Amei-a. Sondei as profundezas d'aquella alma e achei lá escondido muito oiro de subido quilate. Sou pobre como Rosinha. Vivo do meu trabalho honrado e constante. Devo á benevolencia d'um tio rico a posição que hoje tenho. Foi elle quem me formou, dois annos antes de esposar uma formosa menina da provincia. Tem já dois filhos, que são herdeiros de muitas quintas. Quer-me parecer, porém, que sou mais feliz do que para o futuro hão de ser meus primos. Tenho necessidade de trabalhar... Nasci no Porto. Meu pae era negociante. Foi um homem cujo natural pundonor não lhe permittiu morrer rico. No commercio, quem quizer levantar-se em pedestal doirado, precisa pôr de parte certos principios de honra. Os que não transigem, morrem desgraçados. Foi o que succedeu a meu pae. Minha mãe ficou a viver em companhia de uma filha, casada com um empregado publico. É a unica irmã que tenho. Vivo só e, devo dizel-o, vivo triste. Parecem-me longas as horas da noite, depois que recolho de ver os meus doentes. Rosinha será o anjo do meu paraizo, a minha companheira, a minha felicidade suprema...

IV

Disse a doente que se sentia anciada. Era por noite a dentro.

— Fez-me mal esta alegria ! — murmurou ella com

difficuldade. Deus teve piedade de mim. Quero agradecer-Lhe. Se não fosse tão tarde, mandava pedir o Viatico.

— Nunca é tarde para cumprir um dever, obtemperou o doutor. Vou eu mesmo avisar o abbade. D'aqui a pouco tempo ha de receber a desejada visita.

— Como é bom! como Deus lh'o ha de agradecer, sr. doutor! disse a velhinha, estendendo os braços para Cornelio.

— Tambem eu cumpro um dever, replicou elle. Reconheço a superioridade do medico que vou chamar e, sem abandonar o meu pôsto, delego a missão em quem melhor a póde desempenhar.

Mal que o doutor Cornelio sahiu, Rosinha encostou ao peito a cabeça da doente e cobriu-a de beijos. Era aquelle um despedir-se extremoso de dois corações costumados a sentir como um só.

— Minha mãe! minha mãe!

— Morro feliz, Rosinha. Não chores; não tens razão para chorar. Mereceste a Deus o noivo que encontraste. O doutor Cornelio é um coração como poucos.

— Se é, minha mãe! Quero que viva para ser testemunha da nossa felicidade. Sente-se anciada, não sente? E' que lhe fez mal esta alegria tamanha, que não esperava. Encoste-se bem para mim e descance no meu seio.

V

Hora e meia depois chegava o Viatico A velhinha parecia sorrir-se para alguem... que se não via. Rosinha e Cornelio ajoelharam aos lados do catre.

Fôra solemne aquelle momento. Quando o abbade entrou no quarto, expiravam á porta da casa as derradeiras notas do cantico sagrado. Toda a aldeia se tinha alvoroçado para vir prestar a ultima prova de dedicação á honrada velhinha. Apoz o padre entraram homens e mulheres. Rosinha levantou-se para amparar a cabeça da moribunda quando o abbade se abeirou do leito com o vaso das particulas. Tremeram-lhe, porém, os braços e Rosinha vacillou. N'este momento assomou á porta do quarto um vulto de mulher. A multidão abriu caminho respeitosamente. Era a sr.ª morgada d'Azenha, que chegava. A boa senhora, afastando docemente Rosinha, colheu a doente nos braços. O dr. Cornelio ergueu-se de golpe e pronunciou com voz firme:

— Aproveito este momento solemne para declarar que sou o noivo de Rosinha. A sr.ª morgada d'Azenha ser-lhe-ha mãe até que o sr. abbade nos dê a benção nupcial. Não é verdade que tudo isto é da sua vontade? perguntou o doutor á doente.

A mãe de Rosinha respondeu, sorrindo, com um movimento affirmativo. O sacerdote ministrou o sacramento. Pouco depois ouvia-se ao longe o — *Bemdito* despertando os eccos do valle.

— Sinto-me descançada, murmurou a doente.

Venham cá, meus filhos, deixem-me beijal-os. A sr.ª morgada ha de permittir que tambem lhe beije a mão. E' tão doce morrer entre pessoas que nos estimam! Agora descançarei um bocadinho. Parece-me que vou dormir.

VI

Meia hora depois dizia Rosinha á morgada d'Azenha:

— Está a dormir, não está?

— É provavel que não acorde, Rosinha...

— Minha senhora!

— Ajoelhe-se comigo e rezemos todos trez. A boa alma já não é da terra...

VII

Oito dias depois do passamento de sua mãe, sahia Rosinha da quinta d'Azenha para desposar o doutor Cornelio. Vamos encontrar os noivos, volvido um mez, na casinha do valle, escondida na sombra das arvores do pequeno pomar. Rosinha escolhe algumas flôres, das muitas que estão espalhadas sobre a mesa, para compor um ramo. Cornelio entretem-se a collar n'uma folha da sua carteira o myósotis que serviu de modêlo ao bordado de Rosinha, já concluido.

— Olha, como está bonito, Rosinha! disse Cornelio mostrando a flôr deseccada e artisticamente disposta no cartão.

— Bonito devéras!

— Muito inferior, porém, ao teu bordado.

— Estás lisonjeiro, Cornelio!

— Estou penhorado por não teres esquecido o meu pedido.

— E eu estou reconhecida por te haveres lembrado da minha felicidade...

— Estimo sinceramente esta flôr. Orvalhaste-a com as tuas lagrimas, na manhã em que t'a pedi, e, como as tuas lagrimas eram ardentes, desbotaram o azul das petalas. Dias depois sahiste d'esta casa coberta de luto. Tiveste, porém, o cuidado de guardar o — *não me esqueças,* — como tu dizias, dentro de um dos teus mais queridos livros. *A chave do enigma* é um livro de amores; foi acertada a escolha. Aqui está a pagina sobre que deixaste o myósotis. (Pondo o livro, ainda aberto, diante de si e correndo a lauda com a vista.) Notavel coincidencia, Rosinha! Ouve lá: « Quem sabe até o que irá de mysterios nas flôres e nas arvores! que idillios, que elegias, que divinos poemas não correrão nas florestas com o murmurinho dos ventos em estrophes de aromas, intelligiveis ás arvores congeneres, e ás flores da mesma especie!...» Ha aqui verdade sublime. Esta flôr possuia o segredo da nossa felicidade. As flôres devem ser como as estrellas: nascem umas para chorar, outras para sorrir. As *hyades* são as estrellas que choram; por isso um poeta romano, Horacio, disse que eram *tristes.* As flôres que partilham o destino das *hyades* são a perpetua e o goivo, as flôres do cemiterio. *Lucifer*

como quem diz a estrella que mais brilha, precede a manhã e entremostra-se no ceu ás flòres que se bemquerem. Inclino-me a acreditar que as estrellas da terra desempenham missões differentes como as suas irmãs do ceu; — ha flòres que nascem unicamente para o coração. Ora o amor nasce d'um sorriso e d'uma lagrima, d'uma flòr e d'um espinho. Succede, pois, orvalharmos de pranto a flòr que encerra o segredo da nossa felicidade. Por isso tu choraste sobre este myósotis, Rosinha.

— Meu amigo...

— Era eu ainda estudante no Porto, quando li um livro de versos francezes, publicado trez mezes antes da morte do auctor, que se chamava Hégésippe Moreau. Um verdadeiro poeta que morreu tysico, de vinte e oito annos, no hospital da Caridade, em Pariz! Adivinhas como se chamava esse livro, Rosinha?

— Não adivinho...

— *Myósotis*. O nome d'esta flor.

— Ah!

— Durante a leitura senti abrir-se a minha alma a sentimentos dulcissimos. Admirei-me até! Estava lendo poemas de um talento desventuroso e sentia-me alegre. Era um presentimento de felicidade...

— Se era!

— Encontrei-te ao bastidor n'aquella manhã. Bordavas um myósotis. Era a flòr do poeta francez. Renovaram-se-me as sensações da leitura. Pedi-te a flor e jubilei no intimo da alma, quando tu pronunciaste — *não me esqueças*, — que tanto o myósotis significa.

— Encantas-me, Cornelio!

— Hei de trazer esta flor na minha carteira sobre o coração. Ás vezes, ao lado d'um moribundo, é preciso que o medico tenha um braço mysterioso e invisivel que o ampare para não cahir. São espectaculos que dilaceram o coração. Valer-me-ha então esta carteira, — herbario... d'uma só flôr — que guarda o segredo da nossa felicidade...

VIII

— Tens o teu ramo prompto, Rosinha. Eu estava esquecido a fallar dos nossos amores. Vamos depôr esta recordação de cada domingo na campa de tua mãe.

— Custar-me-ia deixar de fazel-o.

— Tens rasão. Consola ir presentear os mortos. Quando Virginia morreu — é isto uma das mais bonitas passagens do livro de Saint-Pierre — as indias de Bengala deram liberdade sobre a campa, ainda mal fechada, ás avesinhas que tinham reclusas em gaiolas. Nós, imitando as indias de Bengala, vamos render homenagem á memoria de tua mãe e levamos-lhe flôres.

— Homenagem de dois filhos...

— Que se amam para sempre.

— Olha, Rosinha — disse Cornelio, pondo a mão direita sobre o coração — tenho aqui o meu herbario... d'uma só flôr.

ARMANDINHA

(A JULIO CESAR MACHADO)

> Não sabe o que é padecer,
> Quem o filhinho que adora
> Nao viu ainda morrer!
>
> BULHÃO PATO.

A tia Leonarda sabia historias de fadas como ninguem. Foi uma pena morrer, que já não ha n'aldea quem divirta os camponezes nos serões d'inverno. Parece-me ainda ouvil-a contar este caso sobrenatural, que me prendeu a curiosidade por algum tempo.

Era d'uma vez um anjo... Mandou-lhe o Senhor que descesse á terra a buscar a alma d'um justo, que estava em artigos de morte. Ha sempre um cherubim para acompanhar um espirito bom, que se parte d'este mundo. Quando o anjo poisou na terra, achou-se n'um valle ameno, copado d'arvores, onde corria uma veia d'agua tão brilhante, que parecia coberta d'aljofares...

E ouvia-se um concerto longinquo de passarinhos que fazia lembrar o assobiar do oriolo e o chílrear da andorinha...

Sentiu o anjo tentação de se banhar e, despindo as azas brancas, pendurou-as nos ramos d'um salgueiro da margem. Metteu-se á agua e deixou-se ir a saracotear pela corrente abaixo. Parecia-lhe que estava ainda no mesmo sitio, porque sempre havia arvores que se lhe affiguravam as mesmas e sempre via as sombras a tremerem na superficie do rio... Depois ouvia tambem o mesmo pipilar de passarinhos, a distancia...

Se se tivesse lembrado de olhar para o salgueiro onde pendurára as azas, havia de conhecer que se deixára ir sem reparar que estava longe. Mas se tudo era tão bonito e tão doce! Vinha descendo a noite e o anjo teve medo da propria agua, que lhe parecia negra. Procurou as suas azas. Não as viu. Foi correndo pela margem acima, triste que mettia dó, a vêr se encontrava o salgueiro...

Tudo era escuro; não podia vêr. Levantou os olhos para o ar e descobriu as estrellas. Lembrou-se da patria. Conheceu então que se havia esquecido de despenar o justo e que tinha desobedecido ao Senhor das alturas. Sentiu um pezo no coração e teve vontade de chorar. O Senhor condoeu-se e restituiu-lhe as azas. Pouco depois entrava no ceu a alma de um justo que deixára a terra, e um anjo que tinha recebido ordem para acompanhal-a.

Eis aqui a historia que me contou a tia Leonarda.

Lembrei-me d'este caso outro dia, quando pensei na morte da Armandinha. A vida da snr.ª morgada d'Azenha não dá thema para longo escrever. Tem amado e soffrido aquella boa senhora. Casou aos dezoito annos e ama ainda o marido como no dia em que noivou. Teve só uma filha; era a Armandinha. Olhava a gente para tão formosa creança e lembrava-se dos anjos. Era bonita? Talvez não fosse. Tinha as faces desmaiadas e os cabellos loiros. A verdade é que parecia do ceu. Por que? Diz a gente isto e não sabe por que...

Entra-se para a casa d'Azenha por uma longa avenida toldada de trepadeiras, as quaes se atiráram do muro da quinta para as arvores que formam uma alêa parallela ao muro. E' um tecto levantado pela mão da natureza. A's vezes vai a gente a passeiar por aquella rua fóra e parece que lhe poisou na cabeça uma borboleta. Não é borboleta, não. E' uma pétala da glycinia do toldo, que se despegou do cacho e veio, tremendo, cahir sobre nós.

Ao fim da avenida ha um lago circular, que tem ao centro uns rochedos tapetados de musgo, sobre os quaes se levanta uma casinha coberta de colmo, que faz lembrar uma azenha. D'esta similhança veio o nome á propriedade.

Quando a Armandinha tinha seis mezes d'idade, veio ao Porto o morgado d'Azenha comprar sedas e rendas para o enxoval da menina. Aconteceu ter d'ir procurar á rua do Breyner um negociante inglez, seu conhecido desde que entraram em transacções com-

merciaes. Era ao declinar da tarde e o inglez recebeu-o no jardim onde se recreiava a ver os filhos correrem uns arcos de madeira que iam rodando ao longo das ruas.

Gostou o morgado d'Azenha d'aquelle divertimento infantil, e não sahiu do Porto sem comprar um arco com que a sua filhinha se devia entretrer quando crescesse.

Foi-se desenvolvendo a Armandinha e chegou a idade de poder brincar.

O pai acompanhava-a nos jogos infantis e a mãe sentava-se á beira do lago a contemplar o marido e a filha.

A Armandinha ora rodava o arco ora se divertia a passar por elle d'um lado para o outro...

Quem soubesse a historia do anjo que me contou a tia Leonarda, havia de receiar pela vida d'aquella creança. Como parecia do ceu, era licito suppor que descera das alturas para desempenhar uma divina missão e que se tinha esquecido a brincar com o seu arco de madeira...

A mãe vestia-lhe todos os dias uma sainha de seda côr do ceu e traçava-lhe sobre o peito um capotilho de rendas brancas. Parecia uma senhora... pequenina. Os cabellos, cahidos em anneis, fluctuavam á mercê da viração.

Das azas... ninguem sabia.

N'uma suavissima tarde d'outomno sentiram febre na menina. A mãe teve um presentimento... Veio, porém, á janella, olhou em roda de si e viu tudo tão

sereno que não pôde acreditar que se preparasse uma tempestade.

O marinheiro, quando a procellária não poisa na verga, não receia pela borrasca.

De noite a Armandinha pediu agua e não teve força para se levantar e beber. A morgada molhou o lenço no copo e humedeceu os labios da creança queimados da febre.

A recompensa d'esta maternal solicitude foi um sorriso triste, que não parecia proprio dos cinco annos.

Quando a morgada olhava para o vestidinho azul pendurado aos pés do leito da creança, sentia subir do coração uma ancia que lhe estrangulava a voz na garganta.

Seriam còr do ceu as azas da Armandinha? Se eram, tinham-se transformado n'uma sainha recortada e esperavam o momento de engastar-se no corpo pequenino...

Durou trez dias a febre da Armandinha e, ao cabo do quarto, serenou a excitação febril... porque a menina tinha arrefecido. O frio da morte!

Estava cumprida a missão.

Era preciso, porém, amortalhal-a.

Que mais havia de levar do que as suas proprias azas? Vestiram-lhe a sainha azul celeste, puzeram-lhe o capotilho de rendas brancas.

Fizeram um arco de vime, cobriram-n'o de flores do campo liadas com fitilhos e penduraram-lh'o nas mãos geladas e immoveis. Parecia que se pre-

parava para ir brincar na quinta, e comtudo estava morta...

Tinha subido ao ceu o anjo expatriado na terra.

Desde esse dia, a morgada d'Azenha, coração atravessado por um espinho, é o balsamo de todas as chagas que sangram, o remedio de todas as enfermidades que não teem cura...

AS FLORES

(AO SNR. AUGUSTO LUSO DA SILVA)

> **Flores dão côr á terra e cheiro ás auras ;**
> **Flores são mães da fructa......**
>
> A. F. Castilho

I

Toda a familia do velho e nobre solar d'Espadanedo se limita a trez pessoas: — Sebastião Pinheiro, madame Faustine e mademoiselle Jeannette.

Convém dizer, porém, alguma coisa d'uns amores que, ha vinte e cinco annos, prenderam em Lisboa um provinciano portuguez á mais gentil franceza que passeiava Cintra e andava charlando, entre um rancho de patricias e senhoras lisbonenses, n'um gracioso dialecto meio lusitano e meio francez, ou, se antes querem, n'um idioma meio de passarinho e meio de mulher, idioma que não tinha nada de nação alguma...

O provinciano portuguez era Sebastião Pinheiro;

a formosa *coquette* de Cintra era, a esse tempo, mademoiselle Faustine.

Sebastião Pinheiro tinha fama de ser em 1845 um guapo provinciano, que disputava elegancia e riqueza com os mais narcisados e dinheirosos senhores de Portugal. Andavam as morgadas de Riba-Doiro empenhadas na conquista d'este homem, que, em sete leguas ao redor, se affigurava o melhor casamento d'aquelles tempos.

O certo é que Sebastião Pinheiro pareceu enjcar-se com a porfia amorosa das ambiciosas dryades, que o andavam namorando d'entre as florestas druídicas dos solares de seus pais, e annunciou o proposito de sahir para o estrangeiro em viagem de recreio.

No estio d'esse mesmo anno de 1845 entrou em Lisboa, d'onde devia seguir para França.

Cintra, o paraiso de Portugal, convidou-o a retemperar a alma em tão deliciosas sombras para se habilitar a viajar em terra estranha.

As mulheres, que lhe passavam deante dos olhos em alegres ranchadas, pareceram-lhe menos ambiciosas e muito mais tentadoras que as provincianas de Portugal, as quaes andavam ageitando ensejo de se mostrar, como que pavoneando-se da propria belleza. As *coquettes* de Cintra iam pipilando, como descuidosas andorinhas, sem fazerem reparo em nenhum homem e nomeadamente em Sebastião Pinheiro. Isto que pudera dizer-se calculo, affigurou-se-lhe desambição e modestia.

Uma das *coquettes*, que trajava d'azul, foi a que

mais lhe despertou a curiosidade no primeiro relance d'olhos. Seguiu-a e, só uma hora depois de a ter visto, é que mademoiselle Faustine reparou n'elle.

Sebastião Pinheiro deu-se pressa em saber quem era a formosa senhora.

Responderam-lhe que se chamava mademoiselle Faustine e era filha de Mr. Arnold, negociante francez em Lisboa. Esta circumstancia não foi embaraço a Sebastião Pinheiro. Que importava que a vaporosa visão de Cintra não fosse portugueza? O amor não tem patria.

Páris era troyano e amou Helena, que era grega.

Além d'isto, tinha encontrado Pariz em Portugal, felicidade que não sorri a todos os viajantes.

Ignoro quando e como o nosso provinciano foi apresentado á familia Arnold, nem é meu proposito dizer como se urdiram, no tear do amor, as relações com mademoiselle Faustine. A verdade é que, dentro de seis mezes, casáram.

Mr. Arnold consentiu no casamento depois de ter colhido informações das qualidades e haveres de Sebastião Pinheiro.

Faustina poz todavia uma condição — continuar a viver em Lisboa.

O provinciano acceitou a clausula.

Viveram alguns mezes na capital e, ao cabo d'esse tempo, resolveram visitar o solar de Espadanedo. Foram. O coração de madame Faustine confrangeu-se deante do espectaculo medonho das serras alcantiladas.

Succedeu, porém, ser mãe na quinta d'Espadanedo.

*

O amor da filhinha absorveu-lhe o espirito; já não fazia reparo nas serras. Foi ficando e aclimando-se. A patria de nossos filhos é tambem a nossa...

Cresceu e desenvolveu-se mademoiselle Jeannette.

Era assim que sua mãe queria que se lhe chamasse. O nome portuguez correspondente, comquanto a esse tempo fosse maviosamente poetisado por Garrett, não soava tão bem ao ouvido d'uma mulher que tinha nascido em França e procedia de estirpe verdadeiramente franceza.

II

Mademoiselle Jeannette era doida por flores. D'uma vez, quando eu principiei a deletrear a *Eneida* e andava cheio de lendas mythologicas, contei-lhe a historia de Narciso transformado em flôr. Lembro-me bem; era na manhã d'um dia em que eu tinha d'embarcar para o Porto. Mademoiselle Jeannette gostou d'aquelle lance do paganismo dos jardins e pediu-me que lhe escrevesse do Porto, quando me sobrasse tempo para contar-lhe lendas de flores.

Poucas vezes tive a felicidade de escrever-lhe; ahi vai, porém, o que lhe dizia:

A Mademoiselle Jeannette.

17 d'outubro de 18..

«Veja que me não esqueci do seu pedido.

Começarei hoje por fallar-lhe da violeta, que é a

flor da minha predilecção. Quantas vezes não terá fixado os seus olhos, minha amiga, n'uma estrella que lhe parece já ter contemplado na véspera e que ainda procura no dia seguinte, sem se demorar a olhar para as outras que não são menos formosas talvez? Com as flôres acontece quasi a mesma coisa. Todos nós temos uma flor que nos enamora em qualquer jardim. A minha, a que me encanta, é a violeta. Fallar-lhe-hei d'ella hoje. Nunca se esqueça de colhèr violetas para o seu toucador. Vulcano pòde vencer a indifferença de Venus coroando-se, e adornando com ellas o *boudoir* da deusa de Cythéra.

Veja que milagres opéra a minha querida violeta!

Vous vous cachez timide violette,
Mais c'est en vain, le doigt sait vous trouver.
Il vous arrache á l'obscure retraite
Que recèlait vos appas inconnus;

Et destinée au boudoir de Cythére,
Vous renaissez sur un trône de verre,
Ou vous mourez sur le sein de Venus.

No paganismo dos jardins, na mythologia das flôres, as violetas rebentam da terra aos pés da desditosa Io para consolal-a, a cada passo, nas solidões que atravessa, postoque digam alguns ter sido esta nympha convertida em violeta por não corresponder aos extremos apaixonados d'Apollo.

Seja como fôr. No primeiro caso a violeta é o symbolo da dedicação compassiva, da amizade que

consola, da companhia que satisfaz; no ultimo, é o emblema da virgindade que se esconde, da innocencia que se resguarda, da virtude que se occulta.

Oh! e nós sabemos isto e havemos de consentir que Alphonse Karr insulte a pobresinha, taxando-a de hypocrita por se esconder, e que a verbere com phrases tão indelicadas como esta:

La violette n'est pas modeste!

«Por que dissestes que a violeta era modesta? escreve Alphonse Karr. Porque se occulta entre a relva. A violeta não se occulta entre a relva; occultou-a a natureza. Não se é modesto por se ter um nascimento humilde e obscuro. Por que não dizeis ser o oiro modesto, o oiro, que se esconde nos veios da terra e que, ainda quando se encontra, procura disfarçar-se em outro mineral que não tenha apparencia de oiro? Por que não dizeis que os diamantes são modestos, elles que se occultam na terra mais ainda do que o oiro e precisam de ser quebrados e lapidados para se lhes descobrir o brilho?»

Na *espirituosa* comedia de um poeta portuguez, João de Lemos, intitulada — *Um susto feliz* — uma das personagens, fallando casualmente do detractor das violetas, exprime-se assim:

— «E' Alphonse Karr, que fallando d'ellas n'um livro que intitulou — *Voyage au tour de mon jardin* — sacrificou a verdade ao desejo de ter uma opinião singular, ou de fazer o que hoje se chama *espirito*».

E pouco depois continua:

— «Diz que a violeta não é modesta, porque não é ella que se occulta entre a herva, mas sim a natureza que alli a occultou.»

E responde reflectidamente a interlocutora da personagem:

— «É como se dissesse que a violeta não é vermelha porque a natureza a fez roxa.»

Penso eu ser este o melhor commentario ao despropósito d'Alphonse Karr. Valha-lhe Deus!

E quer elle que a violeta não seja modesta, porque tem visto na Opera duzentas mulheres com ramos de violetas na mão!

Pois se a procuram na sombra em que nasceu, se a natureza quiz que a denunciasse o perfume, como o talento denuncía ás vezes um homem obscuro, o que ha de fazer ella, a pobresinha, senão resignar-se com o destino a que a sujeitam!?

E não contente com isto, diz-nos ainda Alphonse Karr que a violeta abriga debaixo da sua folhagem espessa uma quantidade infinita d'insectos, como se quizesse deslustral-a aos nossos olhos com esta circumstancia. Embora!

A violeta hade ser sempre a flor predilecta das mulheres bonitas e dos homens namorados. Parece que nasceu para se consagrar á formosura e ao amor, e por si propria indicar que a verdadeira formosura e o verdadeiro amor devem de ser modestos e humildes.

Os Athenienses consagravam a violeta a si mesmos; consagremol-a nós ao culto do coração.

E o proprio Alphonse Karr parece arrepender-se no seu livro intitulado — *Les fleurs* — do desamor com que fallou da violeta n'uma pagina da — *Voyage autour de mon jardin*, — se é que não chega a desmascarar-se completamente n'estas palavras: *J'aime beaucoup la violette ; j'en ai, vous savez, une pelouse où il y en a dix huit variétés !*

Mas ha mais; abramos o livro *Les femmes :*

« *Gosto ainda muito das violetas*, apesar de, ha longo tempo, lhes ter censurado aquelle seu intrometter-se em muitas coisas que lhes não dizem respeito e o nunca perder occasião de sahirem hypocritamente da pretendida modestia, que lhes attribuem. »

Como é, porém, que se póde gostar d'aquillo que parece tão impertinentemente vaidoso ou tão hypocritamente modesto?

Esqueçamos o delicto d'Alphonse Karr e julguemol-o rehabilitado pelas confissões ingenuas que nos fez.

Desçamos ao jardim a respirar livremente o aroma das violetas. Convido-a, minha amiga, a entrar commigo no camarim perfumado d'estas viuvas saudosas, eternamente vestidas de roxo, que se inclinam para o chão tristes e scismadoras. Separa-nos apenas do canteiro uma cancellinha de pau verde.

Chama-nos de dentro esse palacio de verdura ondulante e movediço. Entremos. Aberta a cancella, estaremos no jardim e no jardim encontraremos nós uma sombra para conversarmos. Converse-se para

matar o tempo. São palestras debaixo das arvores e á beira das violetas. Não vejo ahi melhor assumpto nem melhor logar para uma pratica de gente moça.

Deletreemos o idillio da natureza sem abrirmos as — *Floras* — ; suppra a *reverie* o estudo.

Escusamos de saber que os botanicos chamam á nossa querida flôr *viola odorata* e não precisamos tambem de rastear a lenda mythologica da nympha Io. A botanica intromette-se com *familias* que não são do nosso conhecimento ; a mythologia anda a descortinar vidas alheias. Importar-se cada um com os outros, mais do que comsigo mesmo, creio que passa por maú costume.

Deixemos isto. Aspiremos o aroma dulcissimo d'estas flores e occultemos no seio o ramo perfumado com que nos presenteára *alguem*...

Eu quero as flores para as aspirar, para me fazerem companhia, para as amar emfim.

Nunca me dei ao trabalho de procurar uma flor rara e, confesso a minha ignorancia, acho esquisito que um homem tenha o capricho de comprar a pèso de oiro um bolbo de tulipa, a não ser para fazer negocio com elle, como os floristas hollandezes. Gosto das flores no jardim ou no toucador ; um camarim perfumado faz lembrar um jardim que se não vê.

Por fim de contas as flores querem-nos tanto, que chegam, na impossibilidade de viver eternamente, a conceder-nos a sua essencia durante todo o anno, e cada pessoa póde ter no seu toucador, na estação me-

nos florida, os perfumes de mil diversas flores. Graças, pois, a mr. Piver e a todos os perfumistas em voga, que nos dão, a troco d'alguns «francos», um frasco de *pommade au jasmin*, *á la violette des bois*, *á l'heliotrope*, *á la reine des fleurs* e mil outras essencias que seria fastiento enumerar.

Amemos sempre as flores, sem nos lembrarmos dos insectos que nos occultam.

Tambem nós temos igual destino e comtudo amamonos uns aos outros. Compare-se a alma á flor: a virtude seja o perfume; os vicios os insectos. Preparemo-nos para a vida como para cantar uma anachreontica: coroemo-nos de flôres. A poetisa de Lesbos cantava na sua lyra as rosas d'Amathunta, porque se sentia morrer de amores por Pháon; e consagraramse as flôres a Venus por ser a deusa dos amores.

Para que nos havemos de rir da corcova d'um sujeito que passa ou do joanete de um outro que vai atravessando? Não ha tempo para isso: é todo pouco para amar.

Coroemo-nos, pois, de rosas para viver e, quando morrerem nossas irmãs ou nossas filhinhas, enfeitemos de violetas os seus esquifes, como se costuma ainda fazer em algumas povoações d'Allemanha no funeral das donzellas.

III

A Mademoiselle Jeannette.

25 d'abril de 18....

« Era uma vez uma fada que fez os prados e as arvores expressamente para os namorados » — escreve Victor Hugo. E assim foi. Psyché pediu as estrellas; Chlóris as flores. Eólo solicitou as virações sonoras da manhã e da tarde; Cybéle e Sylvano as arvores e os bosques. Pomona obteve fructos para as arvores; Príapo ajuntou as flores e fez jardins. E Hébe, a loira, a alegre, a descuidosa, disse aos moços que perpassavam atirando-lhes com flores: « Coroai-vos e ide alegres. O amor é o nectar que eu sirvo nos banquetes dos deuses; enchei a taça e bebei. Ide alegres, ó moços ».

E Cupido dizia a quantos encontrava: « Amai e sede felizes. Psyché pediu as estrellas; já haverá luz de noite para as vossas *serenatas* e para as vossas confidencias. Chlóris obteve as flores; offerecei-as ás namoradas. As arvores que Cybéle solicitou darão sombra para vós e para as vossas amantes! »

E assim era. E assim foi. Amanhecia. A paizagem era esplendida. Um raio de sol abria os corações. Os ventos da manhã roçavam nas arvores, que são as lyras verdes da floresta, e tiravam sons dulcissimos. As náyades brincavam nas fontes, os faunos

nos bosques e Echo repetia, nos reconcavos da serra, as palavras das náyades e dos faunos. Pan, o feio, apparecia deante d'este sublime espectaculo, similhando a encarnação d'uma poetica ironia e fazendo ouvir ao longo das planicies os sons da sua frauta campezina. E os namorados sorriram-se e amaram-se. As estrellas deram luz; das flores vieram perfumes; as arvores estenderam sombras sobre os caminhos e os caminhos atapetaram-se de relvas.

Entardecia. A manhã é mais esplendida, mas a tarde é mais suave; gosa-se mais.

As borboletas adormeciam nas flores e os amantes nas florestas. As arvores cobriam-os de sombras e de musicas. E depois os sonhos! Os sonhos são os dulcissimos momentos em que se gosa tudo o que se não póde gosar. A ultima réstea de sol doirava as cumiadas. A esta hora de suavissimos mysterios, os dois visinhos Pyramo e Thisbe segredavam amores através da fenda aberta na parede commum das casas. Morria o praso dado ao languor das sestas, quando a lua chegava. Endymion namorava Diana e ella sorria-lhe do céo. Pygmalião sonhava com a estatua de Galatea. O rouxinol trinava nos sinceiraes, os astros fluctuavam no seu leito d'azul, e aquellas namoradas pagãs escutavam as *serenatas* dos amantes, debruçadas na ventana.

— Apollo é loiro! Gosto d'elle! dizia uma.

— Pan é feio, mas engraçado, acrescentava outra.

— Narciso é a formosura! chilreavam muitas.

E elles diziam:

— Venus é loira; seduz-me.

— Daphne não o é menos; agrada-me.

— Diana é pallida, mas tenta.

Foi, pois, pelos devaneios dos namorados pagãos que se aferiu o rythmo amoroso de nossos dias. Acceitaram-se os costumes e conservaram-se as tradições. Thisbe é Virginia; Pyramo é Paulo; — dois visinhos.

Eu quiz prolongar a phantasia de Victor Hugo e mostrar que os prados e as arvores são dominio do amor e dos namorados.

Um dia de sol é um dia para os amantes; uma noite de luar é uma noite para o amor. Os campos chamam por nós; a primavera ou o estio tentam-nos. As borboletas andam aos beijos ás flores e roubam-lhes o mel; fazem-nos inveja. As flôres furtam amorosamente ás borboletas o polvilho d'oiro das suas azas e fazem-nos ciumes.

Todo o paraiso suavissimo d'aldeia, ninho d'amor engrinaldado agora com as flôres da primavera, está aberto para quem, como a minha amiga, sabe alliar aos encantos da natureza a felicidade do coração...

Sei que ama e que toda a sua vida é de esperança. Mais uma razão para se lhe fallar de flores...

Hade lêr de certo esta carta á sombra do velho loireiro, que faz guarda ao solar d'Espadanedo.

O que a minha amiga não sabe, porém, é que a origem do loireiro prende com uma historia d'amores.

Os extremos amorosos d'Apollo não conseguiram

abrandar a indifferença de Daphne, que, chegada a perseguição violenta, se arremessa ás aguas do rio Penêo, seu pai. E' n'este momento que a mulher se metamorphosea em arvore e que o deus namorado engrinalda a fronte e a lyra com as franças do loireiro. O cabello de Daphne recorta-se em folhagem e o corpo arredonda-se em tronco...

Quantas vezes, sob esse velho loireiro, não hade a minha amiga ter ouvido correr ao longo das ramas um frémito suave, que tanto póde ser a linguagem mysteriosa das arvores como o roçar da viração pelas folhas!

Não serão murmurios de Daphne, que se lamente da propria crueldade ao vêr-se ainda tão amada como no primeiro dia em que o dedicado Apollo coroou de loiros a lyra e a fronte dos seus sacerdotes predestinados á gloria?

E depois quem sabe! .

Eu não, mas quando em noites de luar vou por uma aldeia adeante, e oiço um rumor que sae das plantas e das arvores, cuido que são ellas a contarem-se as aventuras amorosas do dia e fico-me, por muito tempo, embebecido a escutal-as. Não sei tambem, mas parece-me que devem de ter sua voz... Pois Deus, que fez brotar duas folhas do mesmo peciolo, duas flores do mesmo pedunculo, não lhes havia de dar palavras com que segredassem umas ás outras os seus protestos e as suas confidencias?... Havia de deixal-as mudas como a rocha, sem que pudessem conversar baixinho por essas noites de primavera, em

que a lua tanto cobre com a sua luz opalina as dhalias do alegrete, como as malvarosas dos vallados, como os sargaços da beira-mar?... Pois Elle que deu voz ás aves, que vão pendurar os ninhos nas escarpas das montanhas; ao rio, que murmura no valle, por baixo das avelleiras; aos ventos azues do espaço, que desferem as suas harpas vaporosas lá em cima; ao mar que brame ao longe coroado de nevoeiro e coberto com os arminhos da espuma, Elle, que deu voz a tudo que tem vida, havia d'exceptual-as a ellas, que são tão humildes que se curvam ao vento e lançam de si um vapor de fragrancia?...

As arvores, que cobrem com os ramos os amantes nas horas calmas da sesta e envolvem na sua sombra os segredos d'uma confidencia; as plantas, que dão as flores com que elles se toucam na noite festiva das nupcias, — arvores e plantas, que soltam da aresta de cada folha um rôlo vaporoso de poesia, não haviam de ter voz?... Não me digam que não. Esse frémito, que eu oiço em roda de mim n'uma noite de luar, é o rumor das suas conversações nocturnas, das lendas amorosas que sabem, dos canticos que entoam ao longe, dos monologos de cada uma e do concerto suavissimo de todas...

E' o murmurio das harpas aéreas da poesia, que pendem de cada ramo e modulam dulcissimos idyllios d'amor e saudade...

Ó poesia! Ó amor! Aves do mesmo ninho, perolas da mesma concha, flôres da mesma vergontea, hostias do mesmo sacrario, deuses do mesmo templo,

eu sei que vós sois irmãos e filhos da mesma ideia, ó amor e ó poesia.

Notas do mesmo cantico, canticos da mesma harpa, harpas do mesmo anjo, anjos do mesmo céo, eu sei que vós sois isto, ó amor e ó poesia!...

IV

A Mademoiselle Jeannette

12 de maio de 18...

Não consagrei a primeira carta á rosa, que passa por ser a rainha das flores, porque me fugiu o coração para a violeta... São caprichos que se não explicam e que a minha amiga comprehende de certo. Não quero, porém, deixar de fallar-lhe agora da rosa, que os romanos consagravam a Venus e os gregos á Aurora, ás Graças e, finalmente, a Harpócrate, o deus do silencio.

Não é para estranheza o dedicar-se a rosa á deusa da formosura: quer dizer, consagrar-se a suprema belleza das flôres, compendiada n'um poema de pétalas, á suprema perfeição esthetica, encarnada na divindade que tinha gerado o amor...

O que, porém, admira á primeira vista é que se votasse na Grecia ao deus do silencio o que se votava en Roma á deusa da formosura.

Mas, em verdade, não se devem esconder, no veu

do mysterio, todas as ternissimas doçuras do amor, todas as palavras que se trocaram ao luar, todos os poemas que se disseram com os olhos? Não é certo que o amor nos torna meditativos e calados, porque nos absorve em nós mesmos e nos delicía com a propria musica da nossa alma?

Da tradição grega de se dedicar a Harpócrate a flor consagrada a Venus pelos romanos, veio o costume, conservado em alguns paizes do norte, de se pendurar uma rosa á porta da sala de jantar como para indirectamente avisar os convivas de que não devem revelar nada do que se disser á mesa.

A rosa branca, a flôr querida de Soares de Passos,

> Eu amo a rosa branca das campinas,

nasceu, como cantou Anachreonte, no momento em que Venus surgiu á flòr das vagas engrinaldadas de flocos d'espuma. N'esses tempos suavemente deliciosos faltavam á rosa os espinhos, que foram despontando, depois, a pouco e pouco.

Os orientaes crêem que a rosa não feria, antes d'entrar no mundo Ahriman, o genio do mal. San Bazilio, inspirado talvez d'esta tradição oriental, escreveu que os espinhos da rosa foram consequencia da corrupção da humanidade. Tinha a rosa nascido para o amor. Era branca e pura como a espuma das vagas que foram berço de Venus.

Os homens corromperam a obra dos deuses e

derrancaram a innocencia do amor; cobriu-se d'espinhos a rosa desde então.

Quer-me parecer que não ha muitas allegorias tão formosas como esta.

Pondo de parte a interpretação mystica da fabula, a verdade é que os espinhos são apanagio da rosa e que a intelligente formiga, para os evitar, sobe pela roseira descrevendo trabalhosas spiraes.

Vimos que primitivamente era branca a rosa; vejamos como se tornou purpurina.

O Amor, bailando um dia no Olympo, entornou uma taça de néctar, o qual, cahindo sobre a terra, coloriu a rosa.

Quem se der ao trabalho de esmiunçar estas e quejandas tradições poeticas, tem assumpto que farte para muitas paginas. A minha boa amiga sabe, porém, que lhe vou escrevendo ao capricho do acaso e que não posso dar ao assumpto o desenvolvimento que desejava.

Deixe-me todavia fallar-lhe d'um costume normando, em virtude do qual cada pai dotava a filha, na véspera do casamento, com uma simples capella de rosas. Não acha que similhante dote seria hoje razão mais que bastante para afugentar meia duzia de pretendentes? Em pleno seculo XIX conservam-se ainda, pelo que respeita á rosa, algumas tradições. O que a indole dos tempos modernos não permitte é acceitar-se uma noiva que tenha um dote... de flores.

Os namorados romanos costumavam brindar a dama dos seus pensamentos com esta maviosa expressão:

Mea rosa. Hoje ainda se escreve *minha flor* nas cartas de galanteio, o que prova que a epistolographia amorosa conserva as formulas sediças dos romanos.

Disse-lhe que se conservavam em pleno seculo XIX tradições devidas á rosa e quero mostrar-lhe que disse a verdade. S. Jeronymo escreveu algures que os antigos cobriam de rosas as urnas cinerarias e ordenavam em seus testamentos que lh'as renovassem d'anno em anno. Um homem que tinha enviuvado, colmava de rosas, de violetas e de lirios a urna que guardava as cinzas da esposa estremecida. Não será um reflexo d'esta tradição o costume de enfeitarmos, pelo menos uma vez cada anno, as campas das pessoas da nossa familia? A festa annual em honra de Flora, que se celebrava entre os ultimos dias d'abril e os primeiros de maio, á parte a desenvoltura dos costumes romanos, não seria a origem de consagrarmos á pureza da Mãe de Deus as rosas da primavera?

Muitas foram as tradições que do paganismo recebeu o christianismo e, pelo tocante á rosa, seria interessante estudal-a em ambas as religiões sempre alevantada no throno da realeza, sempre rainha das flores.

Se me fosse permittido fallar-lhe da França, minha amiga, que é a patria de seus avós, havia de contar-lhe a festa da *Rosière* de Salency, instituida pelo bispo Médard, graciosa prática de premiar solemnemente as virtudes d'uma rapariga do sitio com uma grinalda de rosas...

Não lhe devo, porém, fallar da França. Sua mãe

que lhe conte, em linguagem resaibada de recordações da patria, as poeticas tradições que sabe de cór desde os primeiros annos da vida. Eu seria de certo menos vigoroso e menos delicado ao fallar-lhe do que apenas aprendi dos livros. Ella que lhe conte, pois, a festa da *Rosière,* que ainda hoje se conserva em Nanterre, Montreuil e Suresnes. Cedo a palavra a sua mãe; corre-me obrigação de concluir.

Os cavalleiros andantes tinham no escudo uma rosa, que parecia symbolisar que se batiam pela belleza. Qual preferiria eu se fosse armado cavalleiro: a branca ou a encarnada? Nenhuma.

A Inglaterra brigou longos annos por causa d'uma... rosa.

Os Lancastre e os York são impossiveis n'este seculo, mas, que os houvesse, e eu a mandar gravar no escudo... uma violeta, para não ser de nenhum dos dois partidos e seguir unicamente... o meu.

V

A Mademoiselle Jeannette

20 de maio de 18...

Lembra-se de me ter perguntado o anno passado, á ourela do regato que banha o pomar da quinta d'Espadanedo, como se chamavam as pequeninas flores que polvilhavam de azul o chão? Lembra-se tambem

de que eu lhe respondi que eram as flores do *myósotis,* a que os botanicos acrescentam o epitheto de *palustris* por nascer á beira d'agua?

Recordo-me ainda perfeitamente. Que formosissima tarde de maio não era essa! Viemos passeando pelo pomar, como duas abelhas que saltam de flor em flor. Chegamos ao regato e, ainda como as abelhas, quizemos ficar alli. Creio que lhe disse, minha amiga, que os allemães conheciam o myósotis pela maviosa linguagem de *Wergiss-mein-nicht*—que diz o mesmo que — *não me esqueças.*

O que lhe não contei, porém, foi a poetica lenda do myósotis —, lenda que se dulcifica na singela poesia d'uns amores ethereos e não tem nada que vêr com as allegorias da mythologia botanica, deixe-me dizer assim. Imagine dois namorados, almas incendidas na chamma suavissima do amor, que passeavam á beira do Rheno na véspera do dia aprasado para o casamento. Iam ambos compondo, de certo, estrophes do mesmo poema, sonhando esperanças que tanto eram d'um como d'outro...

O sol declinava e as aguas do rio scintillavam em palhetas de oiro e prata n'alguns sitios. Que esplendido espectaculo, minha amiga! Quantas vezes não ha de ter sonhado sonhos d'esperança a essa mesma hora! O sonhar é de quem ama. Eu sonho e a minha amiga sonha tambem; a verdade, diga-se com franqueza, é que não sonhamos um pelo outro.

Iam, pois, passeando os dois namorados pela margem do Rheno. De repente, descobriu a noiva um

como natural *bouquet* de myósotis, que se balouçava á beira d'agua. Colhel-o era ficar com uma grata recordação da ultima pagina d'um poema, que seria o prologo d'outro poema, não menos formoso, talvez. Quem havia de colhêr o myósotis? Elle, o noivo. Que importava não haver já muita luz e ser preciso marinhar por um plano inclinado?

O amor dista um passo da indiscreção. A luz ia fugindo, fugindo... Ouviu-se o baque d'um corpo que tinha cahido ao rio e fizera levantar a agua. Era elle, o noivo, que resvalára. Quiz luctar. Luctou ainda por algum tempo, sem largar o *bouquet* que tinha colhido. Faltaram-lhe as forças. Teve apenas vida para o arremessar á margem e depois... desappareceu para sempre.

Desde essa tarde, a flor do myósotis significa *não me esqueças*, ultimo pensamento d'um amor desventuroso.

Os poetas, estas boas creaturas que vivem de chorar as proprias e as alheias dores, aproveitaram a lenda e cantaram-n'a. A Magdalena do *Sous les tilleuls* d'Alponse Karr pronuncía, n'uma das paginas do romance, com referencia ao myósotis, estas palavras: «Os *vergiss-mein-nicht* são as minhas flores favoritas; sinto apenas que os nossos poetas allemães não fallem d'elles senão para insulsamente jogar com palavras. Goethe foi o unico que muito de leve os descreveu:

«*Vergiss-mein nicht*, pequenina planta, amante das aguas solitarias, quanto eu gosto de vêr como as tuas folhas meudinhas e as tuas pétalas de puro azul seguem o curso da levada que faz dobrar os juncos, cujo aro verdejante cinge a onda dos valles!»

Quem sabe tambem, minha boa amiga, se depois de ter lido esta carta será tão pouco piedosa para commigo como a Magdalena do romance d'Alphonse Karr para com os poetas allemães? Perdôe-me se lhe molestei a paciencia e, quando passar á ourela do regato, colha o myósotis, a pequenina flor da primavera, para o offerecer á pessoa que se não deve esquecer um momento de quem alli o foi colhêr.

VI

A Mademoiselle Jeannette

4 de julho de 18...

Escrevo-lhe ao declinar da tarde. As *boas-noites*, presentindo a hora saudosa do occaso, abrem as corollas ás tépidas virações. Encantador destino o de todas as nyctagineas, que segredam amores emquanto dura o luar! As flôres diurnas, menos scismadoras e mais *coquettes*, expandem-se ao sol e remiram-se no ramal de prata, que lhes emperla as hastes.

Da *balsamina* e da *sensitiva* sei eu que parecem cahir em somno, especie de morte apparente, quando

a noite chega. Vaidosas! Queriam luz para se mostrar! [1] Não me inculpe de ser severo para com as flôres diurnas.

Deseja enganar a *sensitiva?* Quando o sol esmorecer, feche-a n'um recinto pequeno e rodeie-a de lampadas, que espalhem em torno uma claridade alegre e viva. Verá que não tem somno, que não dorme, que toda se pavonea.

Ao romper da manhã, roube-lhe a luz. Adormecerá, pensando que chegou a noite.

Para quem desabrocham as flores nocturnas?

Não para nós; para si mesmas. São como a violeta, apesar d'abrir de dia: escondem-se. Amam-se e noivam mysteriosamente.

Fallemos das *boas-noites.* Esperam por esta hora solemne para abrir e, tendo por sacerdote a lua e por testemunhas as estrellas, celebram seus consorcios até que reponte no ceu a luz do dia...

Não quiz a Providencia privar a noite do fremito dos insectos, das volatas das aves e dos aromas das flôres. Quando na escuridão scintillam as pequenas lanternas dos vagalumes, quem se não lembra de os comparar a mensageiros amorosos, que vão, allumiados pela sua propria luz, transmittir confidencias de flôr para flôr?

[1] Estas e outras pobres plantas obedecem a phenomenos chimicos cellulares dependentes da irradiação solar; taes são os chamados movimentos nyctitropicos, isto é, de vigilia e de somno. Muito as calumniei eu! — *Nota da presente edição.*

O rouxinol é o menestrel encarregado de cantar o epithalamio dos amores nocturnos. Quando elle começa a vibrar o timido preludio, introducção d'um canto mavioso e docemente cadenciado, estremecem na haste as flôres da noite, porque chegou o momento dos seus extasis e dos seus amores.

Linneu, sabendo que cada planta tem determinadas horas de repouso e de animação, compoz o poetico relogio das flores, encantadora ideia, que se encarrega de mostrar ao homem que da natureza partiu a inspiração de todas as grandes concepções artisticas.

Crê-se que foram os mathematicos que inventaram o kalendario. Engano! Nas differentes epocas de florescencia destinadas ás plantas, estava o germen da ideia a que mais tarde se attribuiu a vantagem da divisão scientifica do tempo.

Esperemos que desça a noite e que as vaporosas fadas do ar accendam as estrellas na cupula azul dos ceus. Então, quando a natureza preparar o festim da noite para receber a lua, veja, minha amiga, que se Deus cravejou no firmamento milhares d'estrellas, que são as flôres do ceu, semeou por toda a parte cardumes de flôres, que são as estrellas da terra...

E quem não ha de acreditar que na mesma hora se creáram flôres e estrellas, umas para o ceu e outras para a terra?

> Venhaes em tal hora, illustres senhores
> Formosas senhoras, ó damas mui bellas,
> Como aquella em que as estrellas
> Foram creadas e tambem as flores. [1]

Deus viu que o ceu era lindo de dia, todo azul e sereno, retratando-se na vastidão dos mares, illuminado com a luz da grande alampada de oiro. Mas apagou-se o facho do dia na extrema do occidente e do levante subiu a lua, triste e pallida, como quem teme ser rainha em throno que não guardam cortezãos. Appareceram as estrellas, para fazer companhia á lua e dar mais claridade ao ceu de noite.

N'essa mesma hora se crearam as flôres, porque Deus havia conhecido a tristeza da terra por não ter vestido nem enfeites.

> Eu vi já d'este campo as varias flôres
> Ás estrellas do ceu fazendo inveja. [2]

E fazem. São brilhantes as estrellas, mas nunca variam a côr doirada, que mostraram na primeira noite do mundo.

As flôres umas são azues como o agapantho, brancas como a açucena, rubras como a papoila, doiradas como o malmequer, roxas como a violeta, verdes como a flôr da hera. Uma imita a saphyra, outra o jaspe, esta o rubim, aquella o topazio, algumas a amethysta, outras a esmeralda, e ha-as tambem que

[1] — Nau d'amores — tragicomedia de Gil Vicente.
[2] Camões. Ecloga 1.ª

reunem em si uma variedade admiravel de côres. As estrellas, aos nossos olhos, apresentam invariavelmente a fórma circular. Não assim as flôres. A fraxinella nasce em cachos, a açucena em calis, a calandrina em umbella, a persicaria em espigas encarnadas, a hortensia em novellos azues, o lilaz imitando thyrsos.

E depois, que delicadeza verdadeiramente artistica no trabalhoso recorte e no mimoso tecido das petalas, que, na maxima parte das flôres, parecem de seda como as azas das borboletas! Quem não dirá que é de velludo a flôr do liz?

E além de todas estas bellezas que nos deliciam os olhos, de todos estes primores artisticos que se não pódem imitar [1],— todos os orgãos indispensaveis ao desenvolvimento e á conservação, antheras cheias de vida futura, folhas que respiram e são os verdadeiros pulmões dos vegetaes, raizes que bebem nas entranhas da terra os succos nutritivos, e hastes cheias de vasos indispensaveis á circulação da seiva absorvida pelas raizes!

E' como se cada planta se dividisse em dois corpos que mutuamente collaboram para a vida commum. Um, que vive enterrado na terra, outro que se espaneja no ar,— as raizes e as folhas.

« Parece, em verdade, diz um escriptor francez, que as raizes são dotadas de sentimento e, para assim

[1] Que a memoria do nosso grande Constantino perdôe esta asserção demasiadamente categorica. — *Nota da presente edição.*

dizer, de intelligencia: por si mesmas sabem discernir o terreno que lhes convem e por si mesmas procuram o rincão onde o alimento é mais facil e abundante.»

Ha n'isto solicitude de mãe doida d'amor pela filha.

As folhas, que são as raizes do ar, correspondem assiduamente ao labor da vegetação subterranea e não se esquecem um unico momento de que tambem são mães...

Absorvem os gazes e vapores derramados na atmosphera, alteram-n'os e estudam-n'os para rejeitar todos os que não aproveitem á nutrição vegetal.

Depois, um dia, desabotôa a flor, primeira esperança d'este commum trabalhar, e mais tarde apparece o fruto, que é o premio de tão suadas fadigas.

Ha em verdade tantos pontos de similhança entre as mães e as plantas, entre os cuidados e os destinos d'umas e outras, que não duvidei comparal-as, minha amiga, n'esses pobres versos que lhe mando e escrevi recentemente:

MATER

(A UMA SENHORA, MÃE DE DUAS ESTIMAVEIS MENINAS)

Não sei se já algum dia contemplaste,
No teu canteiro alegre e recendente,
Dois nevados botões na mesma haste,
Que vérga de mimosa e de indolente ?...

Mais tarde dos botões rebentam flores
E vel-a-has então rever-se n'ellas,
De dia, por mirar os seus amores,
De noite, por mostrar suas estrellas.

Não tem braços a haste e ergue ao collo
Os seus dois filhos lindos e felizes,
Porque lá vai de rastos pelo solo
Bebendo seiva, onde metteu raizes.

E' um sonho d'amor o vel-as todas
N'um abraço gentil, lindas nas côres,
Sempre noivas, toucadas para as bodas,
Todas tres rindo e todas ellas... flores !

Vem o sol a nascer. As borboletas
Sobrenadam nas vagas luminosas,
Doidas, subtis, alegres, inquietas,
Buscando amores onde encontrarem rosas...

Então a mão d'alguem que sonha amores
E devaneia á luz da madrugada,
Veio colher as nossas lindas flôres
Para coroar a moça namorada.

E tu agora, ó mãe, que as procreaste,
Confia-as á visão encantadora.
Eis cumprida a missão, curva-te, ó haste,
Morre feliz, deixa ceifar-te agora.

O' mãe, és como a haste. A mesma sorte,
A mesma lida, eguaes as vossas dôres.
Que Deus vos faça, pois, irmãs na morte,
Se a paz do céu cobrir vossos amores.

Quem havia de dizer, minha boa amiga, que de maravilhas estão enthezouradas na mais singela flôr das montanhas! E que de mysterios tambem! Anda o homem a devassar estes segredos da natureza e venturoso d'elle se adquirisse a certeza de ter chegado á verdade. Na impossibilidade de os decifrar, cria uma sciencia para estudar cada grupo de phenomenos e perde-se n'um labyrintho de duvidas como a formiga por entre as pétalas enconchadas d'uma dhalia. O estudo d'uma flôr póde absorver uma vida inteira.

O histologista que metter o escalpello no tecido vegetal para o decompor e estudar, tem de trabalhar e suar longo tempo desde que partir da cellula, o elemento simples, o *laboratorio microscopico* como diz Lecoq, até chegar á flôr, pequeno mundo de bellezas infinitas.

E depois quem sabe explicar todos os caprichos da sensibilidade vegetal?

Por mais que se tenha dito e escripto sobre este thema, por que razão se contrae a *sensitiva,* quando se lhe toca ao de leve n'uma folha?

> Certa planta (oh! prodigio!) a seus encantos
> Liga os melindres do virgineo pejo.
> Se com dedo indiscreto ousas tocal-a,
> Quer esconder-se a pudibunda folha,
> E ás mesmas leis fiel, o mobil ramo
> Se inclina para o tronco e cinge a elle [1].

Por que se furta ao contacto da mão a delicada

[1] «As plantas» — poema de Castel, trad. de Bocage.

planta, que tem tanto de *mimosa*, como de *pudica?*[1] O povo olha para a sensitiva e chama-lhe *erva viva.*

Não quero pensar na ignorancia do povo; sei que diz bem, sem se empenhar na lucta dos sabios.

Vivem as rosas o espaço d'uma manhã, como escreveu Malherbe e dura a *perpetua* tanto como a verdadeira saudade. Que de inexplicaveis segredos! Cahiu a noite, minha boa amiga. Leia esta carta e contemple por um momento uma flôr, que o mesmo será levantar o seu pensamento a Deus.

VII

A mademoiselle Jeannette

21 de julho de 18...

São quatro horas da tarde. Sebastião Pinheiro está de certo, n'este momento, como é costume, a tomar caffé no terraço da casa d'Espadanedo.

Vejo d'aqui pelo prisma da saudade as graciosas canequinhas doiradas, o taboleiro de xarão, a pequena jardineira de mogno, tudo o que em sua casa, minha amiga, constitue o delicado e opulento serviço do caffé.

[1] O illustre botanico Van Tieghem, reduzindo a «sensibilidade» vegetal ás suas justas proporções, faz depender este phenomeno de uma simples contractilidade do protoplasma cellular. Em 20 annos a sciencia deu cabo da «alma vegetal.» — *Nota da presente edição.*

Sebastião Pinheiro (é um habito velho e agradavel este de tratar assim seu pai) reclinado no canapé de cortiça, reparte caricias e palavras pelas duas unicas flores do jardim da sua vida, — madame Faustine e mademoiselle Jeannette.

Dá alegria ver esse amantissimo quadro de familia emmoldurado nos festões da trepadeira que guarnece o terraço.

Seu pai é o mais denodado apologista de caffé que tenho conhecido. Falle-lhe de Simão Paulo, medico do rei da Dinamarca, e verá como troveja improperios contra o rebellão detractor do tabaco, do caffé e do chá!

Se o uso do tabaco é nocivo, seu pai ultrapassou os limites do perigo substituindo o uso pelo abuso; quer dizer, accendendo o cachimbo pela manhã para só o apagar á noite.

Já me não admira isto, depois que li algures que Mithridates, rei do Ponto, se habituara a beber veneno diariamente. Com o caffé creio que se dá o mesmo phenomeno que com o tabaco: o uso faz mal; o abuso não prejudica ninguem! Massieu, poeta que não conheço, escreveu um poema denominado — O caffé —; não lhe quero dizer que tanto desconheço o poema como o poeta...[1] Eu, se me quizesse inspirar do caffé, ia

[1] O medico portuguez José Pinto Rebello de Carvalho traduziu este poema de Massieu (*Jornal de Coimbra*, vol. VIII, n.º 37, part. 2.ª) Quanto ao tabaco, outro portuguez, Miguel Augusto de Oliveira, verteu em 1844 o poema de Barthelemy —O cachimbo e o tabaco. Os cabellos brancos vão interessando a gente por estas velharias bibliographicas.—*Nota da presente edição.*

tomal-o a Espadanedo por uma das canequinhas de loiça fina que a minha amiga tempéra d'assucar ordinariamente. Depois sim, que poderia escrever com verdadeiro enthusiasmo. Quer saber a que epoca remonta o uso da bebida saborosissima que delicía o paladar de seu pai? Um dia, no seculo nono da era dos arabes, amanheceu destinado á gloria do caffé. O céo era azul e formoso; a natureza mostrava-se languida como a mulher que desperta cansada das danças vertiginosas da noite e precisa de libar um philtro que a reanime; as harpas eólias jorravam pelas escarpas umas musicas voluptuosas e alegres,— o hymno da glorificação do caffé. N'esse dia os derviches d'Yemen beberam pela primeira vez caffé, antes das suas rezas, e proclamaram aos quatro ventos do universo a excellencia de similhante bebida. Pouco tempo volvido, corria mundo a «fava arabica», denominação primitiva do caffé.

Como não estou em Espadanedo, deante da pequena jardineira de mogno, permitta-me dar de mão a este desvio que me vai avivando lentamente recordações das minhas visitas ao solar dos Pinheiros.

Deixe-me, porém, fazer-lhe uma pergunta.

Com quantos frasquinhos d'essencias aromaticas a tem presenteado seu avô desde a ultima vez que nos vimos? Sinto pena do bom velho, que não conhece a gentil neta e a mimosea de longe com *bijoux* para o *boudoir*.

Sempre as flôres! Em toda a parte as encontramos, minha amiga. Que lamentaveis homens são os

botanicos, que estudam as flores e não as sabem comprehender! Para elles a mais singela florita do monte tem um nome e uma familia; é como se fosse um homem. A botanica, tirante o que diz respeito á physiologia vegetal, é um vocabulario árido e pesado, que só póde competir com a nomenclatura da chimica e com a technologia da mathematica. [1]

Para os geómetras tudo são linhas que ou se prolongam indefinidamente ou se bifurcam em angulos ou se enclavinham em polygonos; tudo são lettras e algarismos que se encastellam em columnas, pelas quaes os profanos não pódem marinhar sem que previamente comprem oculos azues e se tornem insociaveis.

Para os botanicos tudo são palavras arrevesadas que incommodam tanto os ouvidos quanto os mosaicos de mau gosto incommodam os olhos. Para estes enfadonhos apostolos da sciencia a haste d'uma flôr é a maromba traiçoeira com que equilibram a sua reputação de sabios. Nem olham para a flor com os olhos do philosopho, que vê o dedo de Deus em tudo o que a natureza produziu de admiravelmente formoso; nem com os olhos do medico que descobre nas flores as qualidades de agentes therapeuticos; nem com os olhos do pintor, que se embellesa na contemplação do modelo que debalde tenta reproduzir fiel-

[1] Isto era o odio tradicional do estudante litterato contra os compendios escolares e os professores especialistas Vai á conta de rapaziada, já perdoada indulgentemente pelos professores que depois foram meus amigos, excepto um, e por mim proprio. — *Nota da presente edição.*

mente; nem com os olhos do *parfumeur*, que põe de parte as meditações do philosopho, as investigações do medico e os arroubos do pintor para destillar a essencia da rosa, que morreu exhalando-a.

Como não sou botanico, minha amiga, posso dizer-lhe sinceramente que me delicía entrar n'um *boudoir* perfumado, cheio d'estatuetas, de quadros, de jarras, de crystaes. Ha certas salas em que a gente entra e respira com encanto o perfume suave que se exhala dos moveis, das cortinas, do piano — que sentiu na véspera o contacto d'uns dedos delicados — de tudo emfim o que está de portas a dentro. O seu quarto, minha amiga, acha-se nas condições d'estas salas. Da ultima vez que seu pae me mostrou, a occultas, uma corbelha de flores silvestres, a que a minha amiga dava os ultimos retoques, teimando em recatal-a de olhos profanos como eram os meus, confesso á puridade que não quiz olhar para os innumeros frascos do toucador com o proposito de me persuadir de que o perfume suavissimo, que se respirava ali, partia das flores pendentes do cavalete...

Data de longe o uso dos perfumes.

Em Athenas e em Corintho a tanto chegou a ancia de essencias aromaticas, que o logar marcado para as conversações de todos os dias, em vez de ser, como hoje, o botequim ou o *caffé,* era a loja d'um perfumista notavel. Em Roma, de tal modo se banhavam em perfumes as opulentas *patricias*, que se promulgaram leis reprimindo o abuso, com receio de que se extinguissem para sempre os depositos da Arabia.

*

Os nobres senhores da edade-média lavavam em agua de rosa os labios tocados das viandas de seus esplendidos banquetes, e os mais poderosos tinham em seus paços fontes d'agua perfumada para embalsamar as salas em noites de festim.

Sua mãe que lhe conte da côrte de Luiz xv, que se denominava *côrte perfumada*, em razão de cada dama de honôr adoptar cada dia uma essencia differente. Ella lhe contará tambem como, a contar d'essa epoca, lavrou vertiginosamente em França a febre dos perfumes.

Uma coisa curiosa d'estudar é a acção das essencias aromaticas na economia animal. Ha pessoas que se incommodam extremamente com determinados perfumes.

De mim lhe declaro que só me incommodam os demasiadamente activos e violentos.

Ás vezes, porém, tem grande parte a imaginação n'estas antipathias que ordinariamente se attribuem a uma irritavel delicadeza de nervos. Conta-se o caso d'uma dama romana, que não podia supportar o aroma das rosas.

Certo dia visitou-a uma das sua amigas que trazia na cabeça uma grande e formosissima rosa.

A susceptibilidade nervosa da dama visitada levou-a a desmaiar subitamente mal entrou a imprevidente amiga.

Foi motivo de se chamar o medico um tão inesperado spasmo.

A que attribuil-o, porem?

— Á rosa, simplesmente áquella rosa, disse uma das criadas da casa que, por experiencia, podia determinar as diversas causas de tão frequentes exacerbações nervosas.

— E' verdade! considerou o medico. Não me lembrei da antipathia que leva a minha gentil cliente a repellir o cheiro da rosa!

— É verdade! Se me tivesse lembrado tambem, desfolhava a maldita flor antes d'entrar, ponderou a dama em visita arrancando-a das tranças, com sorriso ironico.

— Surprêsa! gritou o medico, acceitando a rosa que lhe offerecia a dama e fitando um olhar expressivo na mimosa cliente que a pouco e pouco ia recuperando os sentidos.

— Que é? Que foi? Que surprêsa? Perguntavam todas as pessoas agglomeradas na camara.

— A rosa não é natural! perorou o medico, soltandó uma gargalhada estrepitosa.

Vou concluir.

Fallei-lhe de perfumes, que é o mesmo que fallar de flores. Victor Hugo escreveu algures esta profunda phrase: «Fui a rosa, diz o perfume.» É que na verdade o aroma, deixe-me dizel-o, é a alma da flor. A rosa, ceifada da haste, deu ainda ao mundo o que de immaterial havia n'ella.

Seu avô, minha amiga, velho affectuoso e delicado, manda-lhe de longe as essencias das flores que mais o namoram decerto. Aposto que se elle alguma vez invejou o throno de Napoleão III foi por não poder

comprar todos os perfumes da França para os mandar á neta.

S. Luiz, que tinha predilecção pelos perfumes, dizia nos campos da Palestina: «O' delicioso paiz d'Arabia! ambiciono conquistar-te para offerecer ao Senhor a tua myrrha e o teu incenso».

Mr. Arnold dirá tambem, paraphraseando a exclamação do rei-santo: «O' delicioso paiz da França! ambiciono possuir todos os teus perfumes para offerecel-os á minha Jeannette».

VIII

A mademoiselle Jeannette.

8 d'agosto de 18...

Quizera eu, minha amiga, que todas as mulheres seguissem o seu exemplo e substituissem os diamantes pelas flores naturaes. A belleza deve de ser modesta. Os reflexos cambiantes dos collares quantiosos deslumbram e cegam.

D'aqui procede que muitas vezes o esplendor da moldura, incommodando a vista, prohibe o contemplar-se o quadro com a minuciosidade devida e com o escrupulo indispensavel. Para que hade a belleza ir procurar ás cryptas sombrias o que póde encontrar á superficie da terra?

É preciso cavar para extrair o minerio; basta

alongar o braço para colhêr a flor. E depois a belleza do diamante é fria, muda, inanimada; apenas deslumbra quando lhe bate a luz em cheio. A belleza das flores tem vida, tem animação e, podemos dizel-o, tem linguagem e sentimento. Tanto isto é verdade, minha amiga, que podêmos substituir as palavras pelas flores e transmittir a expressão da nossa alma no mais apparentemente despretencioso *bouquet* d'este mundo. Cada flor resume uma ideia ou um sentimento e cada ramilhete é uma especie de livro deslumbrantemente encadernado, que póde affectar mil formas diversas e tomar mil cores differentes.

Os floristas francezes, pergunte-o á sua boa mamã, variam prodigiosamente os nomes dos *bouquets* consoante a fórma caprichosa que lhes dão. Teem o *bouquet-real*, o *bouquet-duquesa*, o *bouquet-parêa,* o *bouquet-abanico* e não sei quantos outros que encheriam volumes sem conto. Não é tão facil, como parece, o saber compôr um ramilhete, abstraíndo da fórma arbitraria que se lhe póde dar.

Eu acredito piamente na predestinação das creaturas. As raparigas francezas, allemãs, inglezas e italianas que andam pelos passeios com os seus açafatinhos de flores no braço, nasceram exclusivamente para ramilheteiras. Tiral-as d'aquillo, era emendar a obra da natureza. Quem ensinou a ave a fabricar o ninho? Quem ensinou a ramilheteira a compôr *bouquets?* Ninguem; nenhum mestre; nenhuma escola. E todavia um *bouquet* é tão difficil de compôr como um livro de escrever.

N'um é preciso combinar as côres; no outro ordenar as modalidades do pensamento. Para fazer um ramilhete não basta reunir flores; — assim como para escrever um verso não basta juntar palavras. Para tudo a inspiração.

Toda a gente sabe fazer um ramo; nem todas as pessoas sabem compôr um bonito ramo. O segredo pertence aos predestinados. Como é que as ramilheteiras dispõem as flores? Como nós, como toda a gente. Principiam o *bouquet*, ordinariamente, por uma flor grande, camélia ou rosa, ou por um feixe quer de violetas quer de botões que formem o centro; em redor uma zona de verdura esmaltada de pequeninas flores e ainda depois uma galeria de flores variadas. Está o *bouquet* meio prompto; é preciso concluil-o.

Uma nova zona de verdura deve contornar esta primeira galeria de flores. Ainda não basta.

E' preciso formar uma segunda galeria de flores matizada de folhas pequeninas e para terminar o *bouquet* convem adaptar-lhe uma ultima zona de folhagem que não amarelleça dentro de poucas horas. Está completa a obra. Ponhamos o nosso ramilhete ao lado do *bouquet* da mais obscura ramilheteira. Qué differença! N'um os preceitos aristotelicos da poetica das flores e mais nada; no outro a inspiração vasada nos moldes da correcção artistica. N'um o *quid divinum* que soube harmonisar graciosamente as mais delicadas *nuances;* no outro a monotonia com pretenções a bom-gosto, que é a monotonia mais caustica e dessaborida da terra inteira.

Os botanicos e as ramilheteiras! Eis aqui duas classes verdadeiramente differentes, comquanto vivam ambas das flores e para as flores.

Era injustiça coroar de loiros os botanicos e deixar na obscuridade as ramilheteiras. Do lado d'elles está Linneu e não sei quantos mais, porque, em verdade nunca travamos conhecimento intimo. Do lado d'ellas está Glycéra, a ramilheteira d'Athenas, notabilidade que bastou para cobrir de gloria todas as ramilheteiras do mundo. Quem era pois Glycéra?

Uma mulher formosa que sabia compôr *bouquets*. N'isto estaria de certo o maximo titulo do seu renome, ainda que o pintor Pausias a não houvesse retratado, sentada entre montões de flores, a compôr ramilhetes, e ainda que Lucullo não tivesse comprado este quadro duas vezes notavel.

Ninguem como Glycéra para entretecer grinaldas e *bouquets;* ninguem como o pintor Pausias para os quadros de flores. Entre estes dois talentos, que bebiam o fogo da mesma inspiração, devia vir sentar-se a rivalidade. Assim aconteceu.

Pausias começou a deixar-se vencer e quiz retratar a ramilheteira. Fazel-o, era ficar completamente vencido.

O pintor atheniense retratou-a e teve de acceitar as consequencias d'esta indiscreção: amou-a.

Adeus, minha boa amiga. Vejo-me obrigado a sair do Porto por alguns dias e a privar-me do prazer de lhe escrever. Quando voltar, dir-lhe-hei, como até hoje, o que me for lembrando a respeito das flores.

EPILOGO

Quando voltar, escrevi eu. A verdade é que, quando voltei, vi em cima da minha banca de trabalho uma carta cujo *enveloppe* denunciava a calligraphia de mademoiselle Jeannette.

Abri-a precipitadamente; dizia assim:

« Depois d'amanhã vou receber a benção nupcial na igreja d'Espadanedo. O noivo... já sabe quem. Desceu sobre as *flores* do meu coração o orvalho da felicidade.

Jeannette. »

O noivo da filha de Sebastião Pinheiro era o homem que ella amava havia trez annos; — um dos mais nobres rapazes de Santa Cruz do Doiro.

Mr. Arnold morreu. Madame Faustine conserva ainda as graças e o espirito d'outros tempos. Sebastião Pinheiro, apesar de fumar por dia mais uma onça de tabaco e beber mais uma chavena de caffé, desfruta a melhor saude do mundo. Jeannette é feliz e tem um filhinho. Quem ousaria agora desviar por um momento o amor materno do alvo constante dos seus cuidados, escrevendo-lhe de flores?

UMA PAGINA TRISTE

> Ai ! flor das mallogradas primaveras.
>
> THOMAZ RIBEIRO.

Devem ser breves as historias que se escrevem com lagrimas.

Simão Pereira era um rapazinho baixo, d'aspecto doentío, que só tinha vida nos olhos, porque os olhos denunciavam n'elle o scintillar das labaredas do cerebro.

Era natural de Sozello, filho de lavradores e foi meu condiscipulo, ha quatro annos, nas aulas publicas.

Os rapazes do nosso curso tinham-n'o á conta de scismador imbuido em leituras romanescas. Os mestres, ao avêsso dos discipulos, viam n'elle uma intelligencia robusta apenas prejudicada por um temperamento extremamente morbido.

Simão Pereira passeava só, e quando a gente se abeirava d'elle encontrava-o umas vezes febrilmente

eloquente, outras esquecido e como que absorto n'um pensamento que o dominava a ponto de não ouvir o que se lhe estava dizendo.

Estas intermittencias seriam razão de sobra para corroborar as injustas accusações dos nossos condiscipulos, se elle não tivesse dito d'uma vez, a proposito de romances:

— O que por via de regra os torna inverosimeis é o imaginarem os auctores creações monstruosas que se apartam do commum da humanidade, tola ou feliz, como quizerem. Não é preciso procurar monstros fóra da natureza. Fallamos todos os dias com certos homens que nos parecem vulgares e que todavia poderiam figurar n'uma historia tenebrosa como os romances de Ponson du Terrail.

Os condiscipulos riram-se da apologia do romance rocamboliano feita por Simão Pereira e eu entristeci-me subitamente, porque me atravessou o espirito a suspeita de que elle alludia a si mesmo.

Antes de terminado o anno lectivo correu voz de ter enlouquecido Simão Pereira. A causa que lhe apagára subitamente a luz da razão era desconhecida para nós, mas os medicos asseveravam que estava no seu proprio temperamento. Os condiscipulos ouviram e disseram:

— De romantico a doido vai um passo. Deu-o.

Os corações de vinte annos, que geram sentimentos nobilissimos, são ás vezes brutalmente injustos.

Procurei Simão Pereira n'uma casa da rua Chã, onde habitava.

Encontrei-o sentado á banca com a fronte apoiada nas mãos. Sentiu rumor de passos e voltou-se; viu-me e arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

— Faça-me um favor, disse-me elle com certa excitação nervosa. Escreva a meu pai e peça-lhe em meu nome que me venha buscar. Não sei escrever.

N'essa mesma noite escrevi ao lavrador de Sozello e, em vez de pedir, intimei-o a vir ao Porto buscar o desgraçado rapaz que estava a braços com a loucura longe do tecto que o tinha visto nascer. O lavrador deu-se pressa em chegar.

Vi-os partir, pai e filho, n'um dos barcos da carreira. O lavrador tinha envelhecido dentro de trez dias; Simão Pereira olhava para o pai com o olhar indeciso de quem perdeu a razão.

Chegaram as ferias. Fui a Sozello e, como sabia que o meu condiscipulo ainda vivia, perguntei por elle.

— Na mesma, foi o que me responderam.

Na mesma! Isto era extremamente doloroso para quem sabia que ficava occulta a palavra loucura. Na mesma loucura, queriam dizer.

A casa de Simão Pereira vê-se da quinta de Villa Verde. Á noite cheguei a uma janella e puz-me a olhar para lá. Momentos passados, ouvi notas dulcissimas de flauta. Estremeci. Devia ser Simão Pereira quem tocava.

— «Nasci n'aldea, disse-me elle da primeira vez que o ouvi executar umas variações da *Norma*, nasci n'aldea e a flauta é a lyra dos pastôres».

Um dos criados da nossa casa ouviu os sons longinquos da flauta e veio dizer-me:

— Agora está elle socegado. A musica chama-o á razão; n'estes momentos conhece o pai e a mãe.

Um anno depois havia completo silencio na casa do lavrador. Simão Pereira tinha morrido n'um accesso de loucura, mezes antes. Quiz ainda enganar-me e fiquei á janella a esperar a canção saudosa da flauta. Nenhum som, nenhuma voz. Á loucura succedêra a morte.

AZAS BRANCAS

(A AUGUSTO MARQUES PINTO)

. . . tinha umas azas brancas . . .
GARRETT.

Chama-se Val-de-Rouxinoes o logar. É uma campina extensa, coberta de verdura por todos os lados, banhada ao norte por um ribeiro, — tudo aquillo formoso, suave e alegre, n'uma palavra. Diz-se que a pastora Bérthola, (provavelmente corrupção de Bertha), que tinha uma voz doce e melodiosa, e que soffria mal de saudades, vinha sentar-se a olhar pelo rebanho á sombra das arvores do valle e começava a cantar por tempos esquecidos.

Os rouxinoes, que os ha muitos no sitio, ouviam-n'a, tomavam por desafio o que era desfadigar de tristezas e começavam a cantar á porfia que era um céo aberto escutal-os.

A pastorinha Bérthola comprehendia-os e não tanto para matar o tempo, que lhe era pesado, como pa-

ra os ouvir, o que era um consolo, sustentava a lucta dignamente. Constou isto. Ao fim da tarde vinha muita gente escutar a occultas a pastorinha e os rouxinoes. Suspendiam-se as respirações e embriagavam-se os ouvidos n'aquella musica dulcissima.

Diz a lenda — porque a imaginação do povo tem ás vezes extravios romanescos — que era difficil saber-se em alguns momentos quem cantava: se Bérthola se os rouxinoes. Prolongava-se por noite a dentro a porfia. A pastorinha esquecia-se das suas ovelhas, que procuravam o caminho do curral, como se comprehendessem que não deviam esperar por quem se não lembrava d'ellas...

Com a noite vinha o socego e a solidão; era melhor para se ouvir. Então os rouxinoes e a pegureira desdobravam todo o volume da sua voz e deliciavam-se com ouvir a repetição das notas que tinham trinado momentos antes. Eram os éccos do valle que repetiam o canto.

E os namorados do sitio a escutarem estes concertos nocturnos, contentes por haverem encontrado vozes estranhas que soubessem gorgear o que elles queriam dizer e não podiam... Morreu nova a pastora. Venceram os cantores do valle. Cansou-se de cantar e morreu. Ficou vingado o rouxinol de Bernardim Ribeiro.

*

* *

O morgado de Val-de-Rouxinoes, Gaspar da Silveira, representa a velhice ditosa. Quando a gente

o vê entre um grupo de formosas visões, — flores que enchem de perfume e de vida aquellas ruinas de sessenta annos, — sente pena de não ser tão alegre, ou o que parece menos verosimil e comtudo não deixa de ser menos verdadeiro, sente pena de não ser tão... velho e tão feliz como elle.

O morgado passou a mocidade em toda a parte aonde o arrastou a sua romanesca imaginação e onde os seus muitos recursos lhe permittiram demorar-se. A casa onde nasceu, escondida n'uma bacia de verdura, era pequena para os seus instinctos de *touriste.*

Ás vezes vinham poisar algumas borboletas nas flores dos canteiros sotopostos ás janellas da casa, como se viessem trazer um recado, e fugiam logo a esvoaçar, a esvoaçar... Para onde? Quem sabe lá! para onde houvesse flores. Gaspar da Silveira reparou nas mariposas e conheceu que a natureza o fizera irmão d'ellas collocando o seu ninho entre moitas de verdura. Ellas voavam; elle quiz seguil-as.

Preparou-se para partir. As borboletas iam voando sempre; imitou-as. Quando olhou em si estava muito longe de Val-de-Rouxinoes, e todavia pareceu-lhe que o mundo era ainda muito grande.

Teve desejos de vêl-o, todo se fosse possivel.

*

* *

«Fui por Hespanha, diz hoje Gaspar da Silveira, porque senti nos ouvidos o repenicar provocador das

castanholas alternado com o fremito vertiginoso dos petulantes abanicos. A Hespanha é um paiz que só se comprehende depois que se vê. A França adivinha-se. Em Val-de-Rouxinoes presentem-se os valles da Suissa. A Inglaterra imagina-se n'um dia de nevoeiro e a Russia n'um dia de frio. Da Hespanha falla-se e ninguem sabe o que ella é antes de a vêr. A mulher representa o paiz a que pertence. A voz d'uma italiana resume toda a musica d'Italia; todos os mystérios da Hespanha estão no coração d'uma andaluza. E' a Hespanha um paiz especialmente militar, commercial, cavalheiresco? Nada d'isto e tudo isto. A hespanhola tanto se deixa arrastar pelo rythmo cadenciado da *habanera,* como pela vertigem febril do ciume.

Na *tertulia* agita a ventarola; no desespero o punhal.

Quando lhe não trespassam o coração com um espinho, é pomba. Quando lhe apontam uma frecha envenenada de mal-querença, é indomavel. Os olhos é que podiam denunciar estes sentimentos differentes, mas os olhos esconde-os ella com a mantilha, quando quer.

A Hespanha é como a hespanhola. Tanto descanta hoje na *serenata*, como briga ámanhã na *venta;* tanto se recrea hoje no *bolero* como ámanhã na *corrida.*

Ninguem sabe comprehender os seus mysterios, senão estudando-a passo a passo e dia a dia. Depois, o que é menos sério e não deixa de ser mais tentador, imaginei-me a saborear uma taça de chocolate e a

fumar um charuto havano. Fui. Escrevi, já com um pé em Hespanha e outro em Portugal, a minha irmã Jeronyma, que ficou a olhar pela casa de Val-de-Rouxinoes, a chorar as lagrimas da viuvez e a apertar contra o seio duas formosas creanças.

Escrevi-lhe, como ia a dizer, n'este sentido:

«Vou a Hespanha. Já agora hei-de fumar um *puro* e ouvir um *sereno*. Adeus.»

*

* *

«De Pariz, diz Gaspar da Silveira que merece comparar-se ao cavallo de Troya, — tudo lá é traição. Vê a gente aquelle grande mundo, aquella Babylonia immensa, desvaira-se, estontea e... perde-se. Por quem? Por uma mulher loira dos *boulevards*, que vai á ópera todas as noites e não falta ás corridas de Longchamps, deslumbrante de riqueza e formosura.

Quem vem a ser esta creatura? Uma rapariga de maus instinctos, que deshonrou para sempre a velhice de seus pais, que desperdiça todos os dias os rendimentos de muitas familias e que se touca de perolas á hora em que se cobrem de lagrimas as esposas dos seus amantes.

O fundo é este. O povo francez embriaga-se com todos estes ouropeis, com todas estas opulencias vans, com todas estes esplendores mentidos. E' vário como todos os nevropathas. Se vem a republica e lhe falla em liberdade, torna-se republicano. Mas se no mesmo

dia vier o imperio, e o deslumbrar com uma parada e um fogo de artificio, ajoelha deante do throno e suffoca na garganta as ultimas notas da *Marselheza*. Fugi de Pariz porque me assustou a grandeza ficticia daquelle mundo; a traição está escondida lá dentro como os gregos no bojo do cavallo de Troya.»

*

* *

«Foi á Suissa, áquelle pittoresco templo da verdadeira liberdade. Quem sae de França cuida que a Suissa é um punhado de terra escondido entre montanhas. Mas quando se lembra da Suissa de hontem, acha-a grande; quando attenta na Suissa de hoje, acha-a maior. A Suissa de hontem são todos os patriotas de 1308, é essencialmente Guilherme Tell. A Suissa de hoje é a suprema liberdade, a suprema independencia e, podemos dizel-o tambem, a suprema harmonia. O povo da Suissa vive do amor pelo passado e do amor pelo futuro.

«Respeita as tradições dos seus antepassados e, não obstante, empenha-se com enthusiasmo pela causa das novas ideias.

«As cartas geographicas continuam a marcar a Suissa com uma pequenina gotta de tinta, mas a verdade é que entre o Jura, os Alpes e o Tyrol ha uma nação grande pela sua constituição politica, pela sua educação civil e militar, pelas artes, pela industria, por tudo emfim o que constitue a individualidade

de um povo. E depois á beira dos seus lagos sente-se a amenidade que se respira em Val-de-Rouxinoes. Encantou-me a Suissa, devo confessal-o.»

*

*   *

«Segui para Italia; fui á Italia por causa de Veneza. Quiz adormecer n'uma gondola ao som d'uma barcarola. A verdade é que os gondoleiros do Lido não conservam já a individualidade legendaria d'outros tempos. Todavia foi-me delicioso ir deitado na gondola a olhar para aquelle formoso céo d'Italia capaz de fazer accordar n'um momento todas as harmonias do coração humano.

«A Italia nasceu para as artes. Quando a gente chega a Veneza reconhece immediatamente que está em Italia e que a Italia é a patria de Verdi, de Petrarcha e de Paulo Veroneso. E' licito até deixarmo-nos enlevar, comtanto que tenhamos previamente o cuidado de acautelar as algibeiras, porque os rufiões aproveitam-se frequentes vezes dos extasis dos viajantes incautos.»

*

*   *

«Voltei a Portugal depois de ter estudado o mundo em quatro ou cinco paizes diversos. As mulheres da minha terra entremostraram-se-me a distancia com merecimentos dignos do respeito de um viajante. Não

as quiz comparar com as outras que vi. As de Hespanha tinham *salero,* as parisenses eram *coquettes,* mas as portuguezas, avaliei-o por minha mãe e por minha irmã Jeronyma, eram mais dedicadas á beira do berço de seus filhos. Minha irmã ficou viuva aos vinte e trez annos, com duas meninas no collo.

« Quando eu parti, tinha a Julia um anno e a Ludovina dois. Quando regressei, chamei um dia a mana Jeronyma e disse-lhe:

«— Minha irmã. Fatiguei-me de andar só por esse mundo de Christo e todavia não passei de um retalho da Europa. Estou resolvido a casar; mas has de prometter-me que não saes d'esta casa, que administraste durante a minha ausencia, no dia do meu casamento. Se eu tiver filhas, quero que ellas brinquem com as tuas. Não receies, porém, que esta nova phase da minha vida venha perturbar a tranquillidade da nossa casa; socega, porque eu só casarei com a mulher que tu me designares. Olha que isto é positivo, Jeronyma.»

« Minha irmã mostrou-se surprehendida.

« — Dize cá, continuei eu, para atalhar a admiração de Jeronyma. Tu tens uma amiga intima, que conta hoje a tua idade e que foi a confidente dos teus amores...

« — Christina!

« — Christina, exactamente, *outra tua irmã*, como dizia a gente do logar quando vos encontrava ambas, de mãos enlaçadas, a passear pela aldeia. E comtudo bem sabiam os camponezes que tu eras a menina de

Val-de-Rouxinoes e Christina a morgadinha do Paço-Verde.

«— Que saudade!

«— Affasta as tuas tristezas, Jeronyma, que não é occasião de despeitorar maguas intimas. Ora dize-me cá. Sabes se ainda se conservam no coração de Christina aquelles assomos de affeição que ella dizia sentir por mim?

«— Christina não te ama vertiginosamemte, respondeu minha irmã, mas sente por ti um poucochinho de respeito e um poucochinho d'estima, o que é mil vezes preferivel a uma paixão que dure a vida de uma flor.

«— E sabes se Christina amou alguma vez outro homem?

«— Não amou ninguem. Ás vezes dizia-me de ti: Gosto de teu irmão, Jeronyma, mas scismo que elle antipathisa comigo. Não quero desenganar-me; tenho medo que me aborreça devéras.

«— Muito bem. Ficas encarregada de concluir o negocio. Quero vêr como te saes d'esta missão diplomatica.

«— Gracejas, Gaspar!

«— Não gracejo. A minha idade de gracejar passou.

*

* *

Cinco annos volvidos depois do casamento de Gaspar da Silveira, descobriam-se reverentemente os

camponezes, ao declinar da tarde, deante d'um grupo pittoresco que ora parecia recortar o céo levantado n'uma eminencia florida, ora surgia como por encantamento n'uma gruta de verdura em qualquer sitio do valle.

Gaspar da Silveira, de largo chapéo desabado e semblante a ressumbrar alegria, era quem ficava exactamente ao centro do quadro. D'um lado a estatua da saudade, entre doce e melancolica, entre triste e resignada, — Jeronyma. Do outro a mulher que se arrouba na suprema felicidade da terra e sabe ser compadecida perante os infortunios que comprehende, — Christina.

Não longe, ao sopé do rochedo ou á beira do alpendre de folhas verdes, quatro creanças ora bailavam de mãos enlaçadas, ora desfolhavam flores silvestres e assopravam as petalas para vel-as cahir, ondulando, como outras tantas mariposas.

A mais velha d'estas crianças tinha sete annos — Ludovina. Pomba, que mal abre as azas e já se arroga a missão de velar pelo bando infantil! Julia, a outra filha de Jeronyma, póde chamar-se lhe a infancia mais inquieta d'este mundo e já com pretensões a rebellar-se contra a protecção fraternal de Ludovina.

As outras duas creanças são ambas filhas de Gaspar da Silveira e de Christina; são tão irmãs, tão uma da outra, que se poderiam dizer gemeas, comquanto Leonor tenha quatro annos e Sophia trez.

Formoso quadro era este em que suavemente se

confundiam as alegrias da infancia, as lagrimas da saudade e os sorrisos da felicidade suprema.

E os camponezes passavam e tiravam respeitosamente o seu chapeu, menos por ser aquella a familia de Val-de-Rouxinoes do que por se sentirem tomados de respeito deante d'aquelle grupo sublime de magestade.

*

* *

— Encanta-me ver este bando de creanças que Deus nos concedeu como para nos dizer que somos felizes! exclamava Gaspar da Silveira. Que seria do teu coração, Jeronyma, se lhe faltassem, não digo as consolações da nossa amizade, mas aquellas duas azas pequeninas que a Providencia lhe engastou e se estão agitando acolá? A Ludovina substitue-te dignamente nos carinhos maternaes que dispensa á irmã. A minha Leonor tem alguma cousa de *coquette* e alguma cousa de camponeza. Olha como ella se vai meneando senhorilmente após as outras, com a sua arregaçada de flores do monte. A Sophia é o beija-flor, os trez annos que tropeçam a cada momento, mas que não desanimam e vão proseguindo sempre no vertiginoso adejar! Que felicidade a nossa, Christina! Que felicidade a minha, Jeronyma!

E evocando recordações das suas viagens:

— Ha na Suissa um costume em verdade encantador e util, porque exerce uma notavel influencia na harmonia das gerações futuras. As *sociedades do do-*

mingo, como lá se diz, consistem em reunir n'esse dia as creanças da mesma idade e do mesmo sexo para deixal-as brincar em plena liberdade. E' assim que os pequenos se suppoem todos irmãos porque não sabem brincar uns sem os outros; — raparigas com raparigas, rapazes com rapazes. E n'esta communidade de brinquedos vão-se insensivelmente estreitando os laços que devem prendel-os para toda a vida. Oh! que se vocês vissem a Suissa haviam de gostar e muito!...

D'outras vezes dizia Gaspar da Silveira, á cerradinha da noite:

— A esta hora ouve-se nas povoações dos Alpes a busina dos pastores. Parece impossivel que d'uma pequenina flauta de pau, tangida por um pegureiro rude, saiam as suaves modulações que se vão repetindo de quebrada em quebrada. E as cantigas do *Ranz das Vaccas* que os pastores cantam melodiosamente a esta hora!

— Parece que tens amores na Suissa! replicava Christina entre amorosa e amuada.

— E' verdade! obtemperava Jeronyma. Olha que é para ter ciumes!

— E' que não me comprehendem! Quando se está bem, tão bem como eu aqui estou, parece que a memoria se delicía em reproduzir tudo quanto conhece de suave e formoso! E depois?...

— E depois? perguntavam simultaneamente Christina e Jeronyma.

— E depois ha na Suissa um lago do qual se diz

que se agita quando se lhe deita alguma cousa dentro...

— E que tem? dizia Christina.

— E que tem? repetia Jeronyma.

— Bem sabem que deitei ás aguas do lago o celibato; que voltei as costas para não ouvir a tempestade; e que vim casar á minha terra natal.

— Ah! conclamavam Christina e Jeronyma sorrindo amavelmente.

*

* *

Corridos quinze annos depois do casamento de Gaspar da Silveira, ainda podia vêr-se, ao declinar da tarde, o mesmo grupo, ou antes os mesmos grupos, nos mesmos logares e á mesma hora. O morgado de Val-de-Rouxinoes não inculcava maior velhice: ha uma consolação, a de ser pai, que parece furtar-nos á acção sensivel do tempo. Christina partilhava das alegrias do marido, que tanto eram suas como d'elle, e respirava na mesma atmosphera de felicidade. Jeronyma sem estar menos agil estava comtudo mais venturosa, porque em vez de duas, como outr'ora, tinha quatro azas a levantarem-n'a dos espinhaes da terra. Morria-se d'amores pelas sobrinhas tanto como pelas filhas; queria-lhes realmente muito.

E ellas, as quatro pombas de Val-de-Rouxinoes, onde estão que já não bailam de mãos enlaçadas nem assopram as petalas das flores do monte?

Eil-as ali, ao lado, constituindo um outro grupo,

ora segredando-se os nadas mysteriosos e bonitos da mocidade, ora lendo Feuillet, que é o romancista querido de Gaspar da Silveira, ora, se as acompanhava a mestra que viera do Porto, discorrendo e ás vezes galhofando sobre pontos de geographia e historia. Eil-as, as quatro formosas donzelinhas, que parecem todas irmãs e deixam perceber ideias e sentimentos tambem irmãos.

— Olhae para ellas, dizia Jeronyma a Gaspar e a Christina. Olhae para ellas, como estão alegres e amigas! A Ludovina é o anjo da guarda; é sempre irmã de todas, sem deixar de ser mãe, quando é preciso. A Julia é o aijesú que de mimoso reclina a cabeça no seio fraternal. A vossa Leonor, reparae: apresenta-se compostinha como uma senhora de... quatorze annos! E a Sophia, o beija-flor, como tu dizes, Gaspar, sempre a bater as azas e a sorrir!

— Olha, exclamava Gaspar da Silveira, que tem graça esta graduação de idades: A Ludovina tem dezesete annos, a Julia dezeseis; a Leonor quatorze e a Sophia treze. De maneira que a Ludovina é mais velha um anno que a Julia, e a Leonor mais velha um anno que a Sophia.

— Assim como tambem, acrescentava Christina, a Ludovina é mais velha que a Leonor trez annos e a Julia mais velha que a Sophia outros tantos.

— O' Christina, perorava Jeronyma, Deus quiz irmanar tanto os nossos destinos, que nos deu a cada uma duas filhas! Irmanar, disse eu! Tu és bem mais...

— Toca a levantar o acampamento, dizia Gaspar

da Silveira com seus assomos de militar reformado. Se tu, Jeronyma, começas a desafogar maguas, sensibiliso-me tambem e ou chóro ou rendo a praça. Vamos vêr o que estão a dizer as pequenas. O que ellas não terão gracejado com a mestra!

* *

— Que fazem vocês, pequenas?

— Perguntamos á snr.ª D. Francisca uma cousa, respondia Sophia.

— E ella ainda não respondeu! replicava Julia.

— E' porque não é facil responder! acrescentava Leonor.

— Não faça caso, meu tio, concluia Ludovina. Ellas enlouqueceram todas.

— Diga lá, D. Francisca, diga lá, atiçava Gaspar da Silveira.

— Digo eu...

— Cala-te, Sophia, reprehendia Christina.

— Deixa dizer a tua mestra, ralhava Jeronyma.

— Perguntei á menina Sophia onde ficava a Russia, dizia, finalmente, D. Francisca.

— E ella respondeu?

— Respondeu. Depois perguntei que fórma de governo havia na Russia.

— E... respondeu? inquiria Gaspar da Silveira.

— Respondeu.

— Depois?...

— Depois perguntou-me a menina Sophia, que é sempre a revolucionaria, o que queria dizer a palavra — *Russo*. E eu respondi... que natural da Russia.

— Bem respondido! exclamava Gaspar da Silveira suffocando um frouxo de riso. E ella que lhe objectou?

— Por que se chamaria então *ruço* a um burro esbranquiçado que não era *russo?*

— Diabrete! exclamava Gaspar da Silveira, desfechando uma gargalhada sonora.

*
* *

Os serões corriam alegres e divertidos na casa de Val-de-Rouxinoes. Gaspar da Silveira ora lia para todos ouvirem, ora contava episodios das suas viagens na Europa. Havia duas mesas de trabalho todas as noites; n'uma costuravam Christina e Jeronyma e lia Gaspar da Silveira; — na outra seroava o rancho das donzellinhas commandado pela grave pessoa da professora D. Francisca, que só conservava dos tempos da mocidade — saudades doloridas.

Gaspar da Silveira havia lido n'um periodico do Porto o annuncio d'uma senhora, que se offerecia para ensinar musica e instrucção secundaria na provincia. Escreveu immediatamente á redacção do periodico pedindo esclarecimentos. Recebeu-os, e como lhe pareceram lisonjeiros, mandou ir a mestra em questão. Nos primeiros tempos, sondou Gaspar da Silveira com certa habilidade a profundeza dos conhecimentos litterarios de D. Francisca. Conheceu que eram pouco

solidos, mas como ella soubesse tocar piano correctamente e esboçar a lapis uns desenhos leves, transigiu e estipulou-lhe um ordenado farto.

A grave professora, quando conheceu que tinha de arrostar com as negaças provaveis de quatro mocinhas sobremodo estimadas, teve um momento de hesitação, mas lembrou-se de que leccionava quatro discipulas e recebia por oito: ficou.

Eram pois alegres e divertidos os serões, como já se disse. Aos domingos e quintas feiras as meninas tocavam, cantavam e bailavam umas com as outras. Nas restantes noites costurava-se simplesmente.

Mas que vontade de rir por qualquer cousa! que alegrias por um todo-nada! que suavissima tranquillidade em tudo aquillo!

Na tarde, por exemplo, em que se suscitou a questão da palavra — *russo* — encontraram as alegres meninas assumpto de sobra para gracejar todo o serão d'essa noite.

D. Francisca abancou á mesa de costura agasalhada n'um chaile, que não se poderia dizer se era preto por estar consideravelmente desbotado.

Sophia, a mais espirituosa traquina da casa, lembrou-se de dizer a D. Jeronyma:

— O' ti-ti, sabe de que côr é o chaile da snr.ª D. Francisca?

— Cala-te, menina.

— O' ti-ti, mas repare...

— Pois não é preto, mamã? perguntava ironicamente Julia.

— Não é tal, replicava Sophia. E' côr... de habitante da Russia.

*

* *

Entre o bando das meninas de Val-de-Rouxinoes havia uma que desde o principio mereceu especial consideração a D. Francisca: era Ludovina. As outras tinham alguma cousa de anjos maus para com ella nos seus impetos d'alegria. Quando a topavam em descaso riam-se e gracejavam a proposito; Ludovina conhecia o lapso e calava-se. O silencio da mais idosa das discipulas, silencio mais para recear do que as impensadas expansões das outras, lisonjeava extremamente a vaidade de D. Francisca, que, se não se julgava infallivel em seus conhecimentos litterarios, pensava de si para si que tinha attingido a maxima sabedoria entre as pessoas do seu sexo.

Ludovina não era menos alegre do que as outras; tinha mais um poucochinho de descrição correspondente, por assim dizer, á pequena differença da sua idade. As outras tanto eram severas para com os erros da mestra como para com as rusticidades dos camponezes; desfechavam, quando o ensejo se ageitava, uma gargalhada estrepitosa e unisona.

D'aqui provinha que era tambem Loduvina o anjo querido da gente do sitio. Quem esmolava os pobres, era ella; quem intercedia a favor dos quinteiros em todos os negocios pendentes da vontade de Gaspar da Silveira, era ella. Sophia, especialmente Sophia, che-

gava a ser um pouco rude com a gente do campo. Se tinha de saltar um muro pequeno, que obstruia a passagem, chamava um camponez, que ia passando e dizia-lhe:

— Olá! abre a tua mão; quero firmar o pé e saltar.

*

*   *

Uma tarde sahiram a passear as quatro meninas de Val-de-Rouxinoes. Gaspar da Silveira, Christina e Jeronyma ficaram esperando na sala de jantar que passasse o sol, para sahirem tambem.

Foi o alegre rancho andando, andando por aquellas pradarias fóra. Subiram o monte que domina a igreja. Encontraram uma pedra coberta de musgo, que podia servir de canapé, e sentaram-se. Decorrida meia hora começou a repicar o sino; ia sahir o Viatico. Vieram saltando pelo monte abaixo, umas após outras, em direcção á igreja. Quando chegaram, já a porta estava aberta e reunia-se gente. D'um angulo do caminho sahiram dois homens que as cumprimentaram respeitosamente.

Quem eram? Os dois morgados do Souto, o morgado velho e o morgado novo, como lá diziam. Luiz de Serpa, o morgado novo, frequentava em Coimbra o terceiro anno juridico e tinha vindo passar as ferias ao solar de seu pae. O morgado e o filho cumprimentaram e passaram; as meninas entraram no templo para fazer oração.

*

* *

Ludovina, ao ajoelhar-se, segredou á irmã:

— Reparaste no Serpa?

— Reparei.

— Fez-se córado?

— Tanto como tu...

E Sophia, o diabrete cheio de graça e de vida, aproveitou o ensejo para cochichar ao ouvido de Julia:

— Dize a tua irmã que vá ver ao espelho da sachristia como a romã é vermelha...

*

* *

D'onde era que Ludovina e Luiz de Serpa se conheciam?

Perguntem aos passaros que fizeram o ninho na mesma arvore d'onde é que se conhecem... Luiz de Serpa e Ludovina nasceram na mesma aldeia. Viam-se, pelo menos, todos os domingos á hora da missa e tinham vergonha um do outro, que é sempre como as creanças principiam a amar-se...

Elle encostava-se ao pai; ella queria esconder-se no chaile da mãe. E eram tão pequenitos ainda, que dava graça vêl-os como dois pombos que se querem beijar e têem medo um do outro...

Um dia o morgado novo do Souto faltou á missa

do domingo. Correu que tinha ido começar a sua educação litteraria no seminario de Coimbra. Ludovina soube isto á porta da igreja, córou, tremeu e atreveu-se a dizer á mãe:

— O Luizinho foi e não nos disse adeus!

Pouco depois abeirava-se João de Serpa, o morgado velho, e motivava com estas razões a partida precipitada do filho:

— As creanças são como as aves, morrem-se d'amores pelo ninho em que nasceram. O meu Luiz foi ficando, ficando, até que não podia demorar-se mais. Levei-o a Coimbra e não fui homem que não chorasse... Quando lhe dei o ultimo beijo, o pequeno conheceu que o tempo lhe fugia e não teve mão em si que não dissesse:

—Ó papá, dê visitas á Lú-lu.

*

* *

Foram correndo os annos. Ludovina lembrava-se ás vezes do morgadinho do Souto e sentia saudades. O estudantinho de Coimbra lembrava-se dos seus amores e tinha pena de não ser rouxinol para vir cantar á janella do quarto de Ludovina não sei que trovas bonitas...

Quando elle vinha a ferias, viam-se na igreja. As faces de Ludovina purpurejavam-se intensamente. O rapaz, com certo denodo bebido nos ares de Coimbra, não se fartava de olhar e nem dava pela missa. O

morgado velho achava graça a isto e dizia a D. Jeronyma, ao sahir da igreja:

— O meu rapaz nem sabe de que côr era a vestimenta!

A irmã de Gaspar da Silveira comprehendia-o e sorria-se tambem.

*

*   *

Quando sahiu o Viatico, estavam as meninas de Val-de-Rouxinoes ajoelhadas na igreja. Os morgados do Souto, convidados pelo repique do sino, iam encorporados no prestito.

No momento em que Luiz de Serpa passava, Ludovina levantou os olhos e encontrou o seu olhar com o d'elle...

Sophia inclinou-se sobre o hombro da prima e disse com graciosa zombaria:

— Olha lá que não vás perder a conta aos Padre-Nossos...

Seguiram as meninas após o prestito. N'aldeia, acompanhar o Viatico é um dever do nobre e do camponez. Foram pois cantando o *Bemdicto* até á porta da choupana, que esperava a visita do Senhor.

João de Serpa entrou com o padre para deixar uma esmola á cabeceira do moribundo, como era seu costume. O morgado novo entregou a lanterna, que levava, a um camponez e veio cumprimentar as meninas de Val-de-Rouxinoes. Foi breve e cerimoniosa a entrevista. Todavia Luiz de Serpa, ao separar-se de

Ludovina, pôde dizer-lhe baixinho, de modo que as outras fingiram... não ouvir:

— A'manhã de tarde, suba á Pedra-Aguda para me vêr no Crasto.

*

* *

Na tarde seguinte sahiram sós as meninas em caminho da Pedra-Aguda. Sophia, Leonor e Julia sentaram-se a meio do monte, pretextando fadiga. Ludovina foi subindo, subindo até que venceu o cume. No momento, porém, em que ia sentar-se viu um papel mettido n'uma das fendas do marco, que se levanta no alto da serra e dá nome ao logar. Comprehendeu tudo n'um momento, porque o coração adivinha quando quer. Leu. O bilhete dizia assim:

« Por que não nos havemos de vêr todas as tardes? Acaso não será isso uma necessidade para o seu coração?

« Suba á Pedra-Aguda, que eu subirei ao Crasto. Vêr-nos-hemos a distancia, mas ao menos vêr-nos-hemos. Eu escreverei o que quizer e deixarei o papel no marco. Faça o mesmo, se o seu coração não se oppuzer. »

*

* *

Durante todas as ferias d'esse anno, ao declinar da tarde, quem erguia os olhos para o marco da Pedra-Aguda via Ludovina, a fidalguinha de Val-de-Rouxi-

noes, como diziam os pobres, sentada a lêr n'uns livros que viviam de Sonho e Esperança, comquanto frequentes vezes desviasse a attenção do que estava lendo para alongar o olhar pelas alturas do Crasto...

As outras meninas, que ficavam sentadas a meio da serra, asseveravam que ella não lia; os camponezes, ou por ignorancia ou por intenção, diziam que a fidalguinha de Val-de-Rouxinoes gostava de lêr sentada no alto da Pedra-Aguda. Gaspar da Silveira, que perfeitamente conhecia o motivo dos passeios vespertinos da sobrinha, disse d'uma vez ao serão:

— Ó Ludovina! olha lá se vais estragar a vista a ler no alto da Pedra-Aguda...

— Eu?..

— Anda lá. Olha que não vá algum caçador do Crasto tomar-te por uma rôla e ferir-te.

— Os caçadores teem geralmente boa vista, proferiu Christina para valer á confusão de Ludovina, cujas faces se tinham carminado.

D. Jeronyma ouviu tudo e descerrou os labios n'um sorriso ligeiro.

*

*   *

No alto da Pedra-Aguda estava todos os dias uma carta de Luiz de Serpa. Ludovina, escusado será dizel-o, escrevia tambem todos os dias. O morgado subia de noite ao Crasto e recolhia a mysteriosa correspondencia, não sem perguntar ás flores do monte

que doces monologos tinha suspirado n'aquella tarde a menina de Val-de-Rouxinoes.

Nos bilhetes que Ludovina recebia vinham ás vezes uns versos suaves e simples, que sobremodo lhe deliciavam o coração amoroso. Na véspera do dia em que Luiz de Serpa devia partir para Coimbra, achou ella, ao lado d'uma carta de attribulada despedida, um album, encadernado em folhas de hera habilmente ennastradas, em cujas paginas estavam escriptas umas canções que ressumbravam amor e saudade... Uma d'ellas dizia assim:

Revoltos os elementos
Contra o imperio do Amor,
Granizos, mares e ventos
Silvam medonho fragór.

Foge o Amor espavorido
Do côro mephistophelico.
Lucta, resiste... é vencido
No meio do estrondo bellico.

Quebra-lhe o vento uma aza,
Solta as pennas uma a uma.
Foi cahir em cada casa
Do mundo inteiro uma pluma.

D'então Amor tem apenas
Só uma aza, e é veloz!
Mas cahiram tantas pennas,
Que ha penas p'ra todos nós...»

Ainda por noite, á hora em que Ludovina conchegava ao coração o album de folhas de hera, ia galo-

pando pela estrada um cavalleiro que parecia querer fugir depressa ao encanto que o prendia áquella aldeia.

Era Luiz de Serpa que partia.

*

* *

Não permitte a indole d'este livro que me demore por longo tempo a colorir os episodios de tão singela narrativa. Comprehendem-se de sobra as saudades que dimanavam em lagrimas furtivas dos olhos de Ludovina durante os dous ultimos annos da formatura de Luiz de Serpa, e as tristezas que o namorado academico recatava no intimo do coração, fugindo de bandear-se com os condiscipulos menos amorosos e menos tristes do que elle.

Quando o morgado do Souto entrou n'aldeia para não voltar mais a Coimbra, correu com insistencia o boato do seu proximo casamento com a fidalguinha de Val-de-Rouxinoes. O certo é que o boato tinha razão de ser; em casa de Gaspar da Silveira andavam as meninas todas afadigadas a preparar o enxoval de Ludovina.

*

* *

Mais animados ainda eram os serões depois que se trabalhava em apercebimentos de noivado. Na mesa

onde as meninas costuravam n'umas cambraias e sedas de subido preço, que segredar de palavras mysteriosas! que gargalhadas estridulas! que alegria a envenenar um chiste apontado á infallibilidade litteraria da velha mestra!

Não acabava o serão sem o piano responder com notas dulcissimas aos jubilos que alvoroçavam toda a casa. Tinha-se alterado o antigo regime. Até então havia musica só duas vezes por semana; mas desde que se fallava em casamento, a felicidade de Ludovina precisava de espraiar-se em maviosos concertos. Era ella quem, terminado o serão, ia sentar-se ao piano e fazia vibrar as teclas n'um hymno alegre como alvoradas de rouxinoes. Sophia, em ouvindo os preludios d'uma valsa, não tinha mão na sua alegria que não enleiasse o braço na cintura de Leonor ou de Julia e não levasse uma ou outra pela sala adeante em rodopio vertiginoso. Gaspar da Silveira que deveras se sentia contente, como se lhe casasse uma filha, dizia todas as noites em que Sophia valsava:

— Este beija-flor é infatigavel!

*

*   *

Chegava finalmente o dia tão anciosamente esperado em toda a aldeia. O casamento devia celebrar-se ao romper da manhã. Ninguem se deitou na casa de Val-de-Rouxinoes. Estavam todas as meninas á volta da mesa de costura completando o véo da noiva, que

era branco como as neves que, ao chegar o inverno, cobrem os cimos da Pedra-Aguda e do Crasto.

—Acabem com isso e vão passar pelo somno, dizia de instante a instante Gaspar da Silveira.

E de todas as vezes lhe respondia a mesma canceira e o mesmo esvoaçar da agulha sobre as telas delicadas.

Ás duas horas da madrugada principiou a noiva a toucar-se. Que marulhar de braços, á volta d'ella, a offerecerem-lhe um alfinete, uma joia, uma flor! Gaspar da Silveira andava a passear na sala das visitas e dizia de si para si:

—Ainda ha quem pragueje contra o casamento ou quem queira andar a viajar por esse mundo em companhia da sua... mala!

Estava longe a primeira aurora, quando se ouviram uns sons longinquos de flautas e rabecas. Era o sol-e-dó dos camponezes que vinha acompanhando o noivo por aquellas serras fóra. Então é que se alvorotou n'um impeto de alegria o quarto de Ludovina. Sophia, o beija-flôr, apanhou graciosamente o sendal e começou a mesurar pelo quarto adeante um minuete que foi saudado com palmas e gargalhadas estrepitosas e longas...

*

*   *

Ao romper da manhã sahiam os noivos de Val-de-Rouxinoes. Não se conheciam ainda bem as pessoas

áquella meia-claridade que precede o dia. Não obstante, o véo de Ludovina, fluctuando livremente, denunciava a noiva entre a turba-multa de toda a gente do sitio que tinha vindo, com a sua philarmonica, a acompanhar o noivo, segundo o estilo.

Gaspar da Silveira, que ia na rectaguarda do prestito com o pae do noivo e com não sei quantos outros morgados, n'um momento em que o véo de Ludovina se alongára fluctuando, parou, deitou a mão ao braço do morgado velho do Souto e apostrophou:

— O seu filho leva um anjo! Veja bem as azas brancas...

*

* *

Vão passados trez annos depois do casamento de Ludovina.

Leonor, Julia e Sophia são ainda outros tantos anjos que enchem de musica e alegria a casa de Val-de-Rouxinoes.

Julia, o lirio mimoso que estremece ao menor beijo d'uma viração suave, é a actual ledôra de Val-de-Rouxinoes, a que lê, depois de jantar, os periodicos recebidos do Porto, desde que a vista de Gaspar da Silveira o obrigou a *ter oculos,* como elle diz, referindo-se aos bonitos olhos negros da sobrinha...

Leonor, que tem alguma cousa de uma palmeira a remirar-se n'um lago placido, passa as manhãs deante do cavallete a retocar os seus quadros com uma paciencia e um enthusiasmo de verdadeiro pintor.

Sophia borboleteia do bastidor para o piano e do piano para a pequenina mesa onde recorta as petalas de umas flores de seda e papel, que lhe saiem das mãos coloridas e bonitas como se nascessem no prado.

Ás vezes, quando D. Francisca se aproxima, lá vem uma ironia, um epigramma, um chiste...

Gaspar da Silveira, se está perto, costuma dizer:

— Diabrete! São os espinhos... das tuas flores!

E elle, Gaspar da Silveira?

Vai-se deixando ficar na sua cadeira de braços todas as tardes e diz com alegre ironia:

— Ó Christina, ó Jeronyma, vocês não acham que temos passeado muito? Fiquemos no quartel-general e deixemos ir as guardas avançadas a vêr se descobrem caçadores no Crasto. Ide, raparigas, ide vós.

Quando Ludovina, a morgadinha do Souto, visita a casa de Val-de-Rouxinoes, Gaspar da Silveira senta-a nos joelhos e diz-lhe:

— E as tuas azas brancas?

— Ainda as tem, responde Luiz de Serpa.

— Ainda?

— Ainda, porque continua a ser... um anjo.

O EPISODIO DO BURRINHO

O burrinho morreu.

J. Cesar Machado.

O festejado auctor dos «Quadros do campo e da cidade» não poz duvida em pegar da penna e historiar o passamento doloroso do burrinho branco no sitio das Marés.

Hoffmann não usou de rebuços para levantar o gato Murr ao apogeu da gloria e o nome do contista allemão associou-se, por assim dizer, ao nome do pobre animal que lhe foi amigo e companheiro nos ultimos annos da vida.

Confesso que não sympathiso com a estupidez do gato, do gato que tem tanto de bronco como de voluptuoso, — mas declaro que me captiva o burrinho timido, humilde e quasi tão dedicado como o cão. Cercam-me, porém, certos receios de ir fallar de um pobre burrinho, que não valia trez moedas e não tinha nada de bonito...

Se eu houvesse de fallar de um cavallo arabe, um cavallo de raça, que se deixa dominar generoso pelos caprichos d'uma amasona de vestido roçagante, como a Margarida Laroque do = *Romance d'um rapaz pobre* =, de certo me não veria agora salteado d'estes escrupulos.

O progresso, como hoje se diz, baniu o jumentinho e deu importancia ao cavallo. O jumentinho é mais solícito, mais trabalhador e talvez não menos amigo do que o cavallo; mas o cavallo é mais fidalgo e póde chegar a ser consul quando dá em mãos como as de Caligula.

Moins vif, moins valeureux, moins beau que le cheval
L'âne est son suppléant et non pas son rival,

escreveu Delille, ao mesmo tempo philosopho e poeta.

Não quero roubar a primasia ao cavallo, mas não queria tambem que se fixassem n'elle as attenções todas. È costume dizer-se que o jumento é estupido, mas não é tanto como parece. O pobre animal não é rombo, nem esquecido, nem indifferente. Percebe que o seu dono está em miseria e vem trazer cuidadoso á feira a carga que lhe puzeram, embora tenha de marinhar costa arriba pelo mais trabalhoso das serras e dos atalhos.

Se o dono se perdeu no tumulto das praças, vai seguindo caminho e não precisa de fio d'Ariadna:

Reconnait son chemin, son maitre et son hospice,

como tambem observou Delille.

Quando alguem o toma de rédea, sujeita-se e humilha-se, não sem festejar muitas vezes quem o aprisionou. O cavallo é mais impaciente e, se é generoso, quer mostrar que podia deixar de o ser...

A missão do cavallo é pois mais nobre. O cavallo tem mais perspicacia, mais valentia, mais elegancia de fórmas. O jumentinho é serviçal, cuidadoso e paciente. O cavallo nasceu para as batalhas, para os torneios e para as caçadas. O jumentinho nasceu para o trabalho inglorio e obscuro das aldeias.

O dominio do cavallo vai, porém, a diminuir. Depois da descoberta do vapor, o cavallo reconhece-se inferior á locomotiva. A necessidade do jumentinho data de longe e permanecerá em quanto no mundo houver serras cortadas a pique, por onde elle se pendura paciente, com grave risco de vida.

Refere a Biblia que Jesus Christo entrára em Jerusalem montado n'um jumentinho. Diz o texto: *Ite in castellum, quod contra vos est, et statim invenietis asinam alligatam et pullum cum ea: solvite et adducite mihi;* palavras que Jesus Cristo dirigiu aos apostolos, quando se preparava para entrar na cidade. Sobre a interpretação d'esta passagem divergem as opiniões, por isso que falla de jumenta e jumentinho. S. Jeronymo, porém, é de parecer que Jesus Christo entrou em Jerusalem montando o jumentinho.

Diz a tradição que fallara o cavallo d'Achilles, se-

gundo refere Grocio, mas tambem nos diz a Biblia, a respeito da burrinha de Balaam, que — *aperuit Dominus os asinae et lucuta est*, — apesar de sua humilde condição, em relação ao cavallo.

Teve Alexandre Magno o seu Bucéphalo, cavallo de valentia tal, que foi digno de gemer debaixo dos acicates doirados do grande conquistador, mas vamos encontrar Horacio, de jornada para Tarento, bifurcado n'um burrinho cuja anca vergava com o peso da mala e do cavalleiro. Escreve o poeta venusino:

...Nunc mihi curto
Ire licet mulo, vel, si libet usque Tarentum,
Mantica cui lumbos onere ulceret, atque eques armos.

Sem desconsiderarmos a fidalguia do cavallo, attentemos com bons olhos em qualquer burrinho chouteiro, que póde conduzir Horacio para Tarento e Garrett para Santarem.

O jumentinho que figura n'este episodio interessa-se affectuosamente pelas pessoas da casa e chega a morrer de saudades... De saudades! Ha tantos homens que nem sequer as sentiram nunca!

Se se tomasse o jumentinho á conta de estupido e indifferente, pareceria haver falta de verdade na historia que vamos contar.

O cavallo conhece a mão amiga que lhe poisou na anca, é certo, mas não consegue imitar a dedicação do jumentinho, e na vingança attinge a ferocidade indomavel do leão.

Basta um exemplo. E' um caso referido pela *Liberté*, periodico francez, de 25 de março de 1870:

«VINGANÇA D'UM CAVALLO — É sabido que os cavallos são susceptiveis d'affeição ou de odio, que guardam a lembrança dos mimos que recebem e que poucas vezes se esquecem dos maus tratos que lhes dão, aproveitando-se sempre da occasião opportuna da vingança.

«Ahi vae um novo exemplo.

«Um carreteiro chamado R..., de trinta annos de idade, ao serviço da companhia geral dos omnibus, tinha maltratado seriamente um cavallo que puxava a sua carroça.

«De volta á estrebaria do deposito, na avenida de Orleans, em Montrouge, o cavallo, notando que havia muita gente, conservou-se tranquillo. A' noite, porém, ás nove horas, vendo que o carreteiro vinha só, cahiu sobre elle, agarrou-o pelo ventre com os dentes, deitou-o por terra, e furiosamente o escouceou.

«Aos gritos d'este desgraçado, correram em soccorro alguns cocheiros, e foi a muito custo que o puderam livrar. Estava coberto de contusões e tinha trez dedos da mão esmigalhados.

Depois de lhe serem prestados os primeiros soccorros, conduziram-n'o ao hospital Cochin.»

Que animal haverá mais dedicado e mais leal do que o burrico em que monta o Martinho da Horta, quando volta das feiras e das romarias?

O Martinho é o Sileno do sitio, vem sempre a cahir de bêbedo, e o burrinho, com receio de que o dono se despenhe e magoe, caminha aos zig-zagues pela estrada fóra a procurar equilibral-o com estes movimentos desencontrados. Ás vezes o Martinho zanga-se com elle e castiga-o desapiedadamente sem que para isso precise de estar embriagado. O burrico contenta-se com mostrar-se resentido e metter-se a um canto na córte...

Posto isto, venha finalmente o episodio.

A noite é d'inverno, cachópas d'aldeia
Sentai-vos ao lar.
Do pobre engeitado que errante vaguea
A historia singela desejo contar.
Topei-o na serra tremendo de frio,
Sósinho, perdido, tão triste, a chorar!
Chamei-o, escutou-me; tremia, cobri-o...
Palavras que disse vos quero lembrar!

« Ser engeitado e mendigo!
Não ter a gente um abrigo,
Ir de caminho em caminho
Quer de noite ou quer de dia
Sem pão... e sem companhia!
Chegar ao cimo do monte
E vêr que o mundo é tamanho!
Sempre sósinho e pedindo
Vou caminhando, vou indo
Como se eu fosse um estranho
Que não conhece ninguem!

De noite sento-me e scismo;
Lembra-me então... minha mãe.
Não a conheci no mundo,
Nunca tive um beijo d'ella.
Quem sabe se a sua alma
Me sorri n'alguma estrella,
Que mais saudosa scintilla?

Seria triste ou alegre?
Teria negros cabellos?
Bocca pequena e de rosas?
Faces lisas e mimosas?
Grandes os olhos e bellos?
Seria pobre ou senhora?
Seria rica ou mendiga?
Eu não tenho quem m'o diga!

Hontem no paço dos Paivas
Eram annos da morgada.
E eu das sombras da floresta
Via a casa illuminada,
Bonita, linda, asseada,
Toda luz e toda festa...

Abriram quantas janellas
A casa dos Paivas tem.
Lá dentro havia senhoras,
Todas cobertas de rosas,
Tão lindas e tão formosas!
Quem sabe se uma d'aquellas
Era, talvez, minha mãe?

*

Quem sabe... E bailar na dança
A estontear d'alegria
Sem se lembrar da creança
Que mandou expôr um dia
Sobre as pedras d'um caminho
Para que alguem que passasse
Lhe désse conforto e ninho!

Passou um pobre, um mendigo,
Que me quiz levar comsigo.
Oh! e salvou-me da morte
O *tio* Ignacio, o coitado,
Que era tambem desgraçado..

Viu-me frio e quasi morto,
Aconchegou-me no seio
E foi-me poisar nos braços
Da sua neta formosa,
Que era o seu unico esteio,
O seu bordão, seu conforto!
Pobre irmã! ai pobre Rosa!

Tenho saudades agora
Da nossa pobre cabana.»
Calou-se e n'isto dimana
Dos seus olhos ennublados
O pranto triste que chora
Quem tem os dias contados
Pelos ais de cada hora.

Concentrou-se alguns momentos,
Como a pedir á memoria
Os traços da sua historia:

«Sempre comnosco foi mesquinha a sorte!
Era uma casa pobre, — apenas tinha
Uma sala, uma alcôva, uma cosinha;
E por cortejo ao nosso pardieiro
Coroado de côlmos,
Uma pequena côrte
Ao centro do quinteiro
No meio de dois ôlmos.

Dormia o *tio* Ignacio na salêta,
Quasi á porta d'alcôva,
Como para melhor guardar a neta,
Que repoisava o corpo delicado
Sobre uma enxerga nova,
N'um leito envernizado.

Era a cama melhor da casa inteira!
Dormia a nossa Rosa
Em leito de princeza!
Pois era tão formosa!
Um mimo de belleza...

Eu tinha... o preguiceiro
Onde dormia, e como um rei... talvez!
Que um resto da fogueira
Ficava na lareira
Como a aquecer-me os pés.

Tinha comprado o velho um jumentinho,
Na hora em que melhor sorriu a sorte.
Quando me presentia abrir-lhe a córte,
Era tal o prazer do animalzinho,
Tal era emfim o seu contentamento,
Que eu não sei se elle tinha entendimento!

E que valia ao velho sem provento
Um burrinho a comer a toda a hora?
Perguntareis agora.
Valeu muito; que o pobre do jumento,
Mal chegava setembro,
Vinha á cidade todas as manhãs
Carregado com cestos de maçãs,
Atrás da nossa Rosa, bem me lembro!

Quando de noite ella voltava á aldeia,
Levava da cidade
Algum vintem com que fazer a ceia.
E que felicidade!
Este negocio dava algum int'resse.
Pois se era nosso o lucro que viesse!

Um dia... voltou só o jumentinho,
D'orelha baixa e cheio d'azedume,
Porque Rosa, bem fóra do costume,
Não o veio a guardar pelo caminho!

Largа o velho a chorar muito e tão alto,
Que poz a freguezia em sobresalto.

Desditosa velhice!
De facto não voltou a nossa Rosa;
E muita gente disse
Que todo o mal vinha de ser formosa...

E que faria o pobre do jumento?
Estirou-se na córte,
Como que se tivesse entendimento
E desejasse a morte!
Pobre burrinho, nunca mais comeu!
—« E depois o que fez?»
—Depois... morreu!

« O *tio* Ignacio inda durou seis mezes,
Ralado de saudade
E cheio de revézes!
A final succumbiu o pobre amigo!
Fitando em mim os olhos já sem brilho,
Chamou-me e disse: — « Amei-te como a filho
E pésa-me deixar-te sem abrigo.
Devem-se os alugueis ao senhorio.
Vende tudo, mas paga; não lh'os negues.
Depois irás soffrendo a fome e o frio
Té onde a sorte queira que tu chegues...
Se vires algum dia a nossa Rosa,
Quero que tu lhe dês o meu perdão.
Era tão innocente e tão formosa,
Que se deixou cahir na perdição!
E dize-lhe que, á volta da cidade,
Morrêra o jumentinho .. de saudade!—»

Disse e passou. Eu fiquei só no mundo,
Como á beira do mar, sem vêr-lhe o fundo. »

Não mais me contára...
Termina o serão.
Passou a tormenta ; metter a caminho.
Que sempre na mente tenhaes este conto
Do triste engeitado, do pobre burrinho...

FIM DO 1.º VOLUME

INDICE